



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**POLÍTICA E DERRISÃO EM VÍDEOMONTAGENS DO *YOUTUBE*:
UMA LEITURA DISCURSIVA**

Lígia Mara Boin Menossi de Araujo

SÃO CARLOS
2011



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**POLÍTICA E DERRISÃO EM VÍDEOMONTAGENS DO *YOUTUBE*:
UMA LEITURA DISCURSIVA**

Lígia Mara Boin Menossi de Araujo
Bolsista: Fapesp
Processo nº 2008/52003-5

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

São Carlos - São Paulo - Brasil
2011

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

A663pd

Araujo, Lígia Mara Boin Menossi de.

Política e derrisão em vídeomontagens do Youtube : uma
leitura discursiva / Lígia Mara Boin Menossi de Araujo. --
São Carlos : UFSCar, 2011.

117 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2011.

1. Análise do discurso. 2. Discurso político. 3. Derrisão. 4.
Vídeo - humor, sátira, etc. 5. Gênero. 6. Ironia. I. Título.

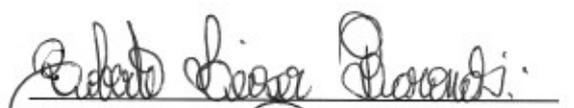
CDD: 401.41 (20ª)

BANCA EXAMINADORA

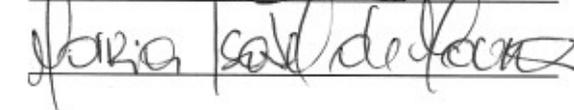
Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

Profa. Dra Elisabeth Brait

Profa. Dra. Maria Isabel de Moura Brito







Dedicatoria

Ao André, meu querido, pelo amor que me dedica,
por ser, estar e sonhar junto.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que me conduziu até aqui e me cercou de oportunidades e privilégios.

Ao meu primeiro e tão primoroso lar, Mara e Etevaldo, exemplos de amor e bondade que me ensinaram valores espirituais e humanos, que me conceberam nesta vida e fizeram de mim um ser melhor.

Aos meus irmãos, José Luis e Mariana, pela admiração que cultivam e pela torcida constante diante da realização de meus projetos de vida.

Ao André, companheiro e cúmplice, obrigada pelo carinho, paciência e incentivo constantes e também a D. Rose, S. Luis e a Mariane por torcerem e me acompanharem em mais uma etapa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas, por acreditar e confiar em mim, pela amigável acolhida no Programa de Pós-Graduação da UFSCar, pelas atentas orientações durante todo o percurso desta pesquisa, pelos ensinamentos tão importantes para o meu crescimento.

À Profa. Dra. Beth Brait, pelas contribuições feitas na banca de qualificação tão valiosas para o desenvolvimento desta pesquisa, pela leitura tão cuidadosa e singular.

À Profa. Dra. Maria Isabel de Moura Brito pela dedicação atenta a leitura, pelas sugestões de pesquisa, pela forma generosa com que conduziu suas intervenções.

Aos meus amigos Daniel Minozzi, Gustavo, Bianca e Laura Simões, a presença de vocês torna a vida melhor.

À Luciana Carmona, nossas conversas fizeram minhas ideias brotarem e nossa amizade crescer.

Ao Samuel Ponsoni, por ser um interlocutor que contribuiu para o enriquecimento deste trabalho e pela companhia ilária.

Aos colegas de mestrado, Sidnay Fernandes, Marília Magri, Júlia Lourenço Costa, Renata Carreon, Laura Colli Gon, Fernando Curtti, Mariúcha Neri e a todos os outros do LEEDIM/UFSCar. Minhas quartas-feiras como mestranda são sempre melhores na companhia de vocês.

À Fapesp, pela bolsa concedida.

"O que é que se encontra no início? O jardim ou o jardineiro? É o jardineiro. Havendo um jardineiro, mais cedo ou mais tarde um jardim aparecerá. Mas, havendo um jardim sem jardineiro, mais cedo ou mais tarde ele desaparecerá. O que é um jardineiro? Uma pessoa cujo pensamento está cheio de jardins. O que faz um jardim são os pensamentos do jardineiro. O que faz um povo são os pensamentos daqueles que o compõem."

Rubem Alves

"Sou hoje um caçador de achadouros da infância. Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos".

Manoel de Barros

Resumo

No Brasil e no exterior, inúmeros trabalhos de pesquisa tanto no campo das Ciências Políticas e Sociais quanto no das Ciências da Linguagem, sobretudo no domínio dos estudos do discurso, têm tomado o discurso político como objeto digno de reflexão. Todavia, poucos são os trabalhos que se debruçaram de forma mais demorada sobre o discurso político tornado em derrisão, especialmente, aquele dado a circular pela mídia virtual. Nosso trabalho de dissertação busca dar conta minimamente dessa lacuna refletindo sobre o discurso político derrisório veiculado no site do *YouTube*. Para nossa investigação, foram selecionadas quatro vídeomontagens intituladas: *Lula o analfabeto*; *Lula Bebum*; *Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula* e *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva* que circulam no site www.youtube.com.br. Todas essas vídeomontagens tinham como alvo derrisório o então candidato Luís Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais brasileiras de 2006. Para dar conta desse objeto multimodal, que amalgama diferentes materialidades significantes, buscamos guarida teórico-metodológica na Análise de Discurso de orientação francesa e também em reflexões de Mikail Bakhtin; Simone Bonnafous, Arnaud Mercier, Beth Brait, Sírio Possenti e Dominique Maingueneau. Enquanto procedimento metodológico, buscamos compreender as vídeomontagens no batimento descrição/interpretação, explicitando as regularidades enunciativas das diferentes materialidades significantes que constituem esse gênero discursivo. Desse modo, inicialmente, tratamos os constituintes do gênero discursivo vídeomontagem (estilo verbal, conteúdo temático e estrutura composicional); depois, procuramos diferenciar a derrisão de outros objetos discursivos que também se dão a ler pelo/como humor e, por último levantamos as regularidades derrisórias dos discursos políticos derrisórios cujo alvo de *debicagem* foi o então candidato Luís Inácio Lula da Silva dados a circular no *YouTube*. Em termos de conclusão, o trabalho evidenciou que além de o discurso derrisório político provocar o riso no seu interlocutor, visando contar com sua adesão a um determinado ponto de vista - tal como asseveram a grande maioria dos trabalhos que tem a derrisão enquanto objeto de reflexão – esse discurso do *YouTube* (re)constrói a história da política da nação.

Palavras-chave: discurso político, humor, derrisão, vídeomontagens.

Résumé

Au Brésil et à l'étranger, nombreux travaux de recherche tant dans le domaine des sciences politiques et sociales et les sciences du langage, en particulier dans le domaine des études du discours, ont pris le discours politique comme un objet digne de réflexion. Cependant, il existe peu de travaux qui étaient davantage axés sur le long discours politiques pris en dérision, surtout étant donné que la circulation par les supports virtuels. Notre travail de thèse essaie de faire face à cette lacune peu la réflexion sur la dérision le discours politique affiché sur le site YouTube. Pour notre recherche, nous avons sélectionné quatre vidéomontages intitulés: Lula les analphabètes; Lula Drunk, Lula appelle électoralat de pédé et Rejette alimentaire dans Aerolula et Nouvelles Perles de la Sagesse de Lula da Silva qui circulent dans le site www.youtube.com.br. Tous ces vidéomontages avaient comme cible dérision alors candidat Luis Inacio Lula da Silva aux élections présidentielles brésiliennes de 2006. Pour aborder ce sujet multimodal fusionne signifiants matériels différents, à chercher refuge dans l'orientation théorique et méthodologique de l'analyse du discours en français et aussi des réflexions de Mikhaïl Bakhtine, Simone Bonnafous, Arnaud Mercier, Beth Brait, Sírio Possenti et Dominique Maingueneau. Comme une démarche méthodologique, nous cherchons à comprendre les vidéomontages dans le cadre description / interprétation, expliquant les régularités de l'énonciation des signifiants différents matériels qui composent ce genre. Ainsi, d'abord, nous traitons les constituants du genre vidéomontage (style, verbale, de la structure thématique et composition), puis a cherché à différencier la dérision des autres objets discursifs qui donnent aussi la lecture / comment l'humour et finalement levé l'régularités de dérisoire discours politique dérisoire dont ciblage de ridicularise était alors candidat Luis Inacio Lula da Silva de données circulant sur YouTube. En termes de conclusion, les résultats montrent que, outre le rire moqueur discours politique dans votre cause et partie, et tendant à leur adhésion à un point de vue particulier - comme ils l'affirment la grande majorité des travaux qui a pour objet de dérision réflexion - ce discours sur YouTube (re) construire l'histoire politique de la nation.

Mots-clés: discours politique, l'humour, la dérision, vidéomontages.

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1	16
Análise do Discurso: a fundação deste campo do saber, a investigação de outros espaços, outros discursos	16
1.1 Análise do discurso: breve histórico	16
1.2 Análise do discurso no Brasil: um grande campo do saber	24
1.3 <i>YouTube</i> : um espaço para fabricação e circulação de discursividades	26
1.4 Vídeomontagens: espaço de circulação do discurso político de humor	32
Capítulo 2	36
Uma leitura discursiva sob a perspectiva do gênero	36
2.1 Vídeomontagem: um gênero do discurso?	43
2.1.1 Lula o analfabeto	44
2.1.2 Lula Bebum	52
2.1.3 Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula	57
2.1.4 Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva	62
Capítulo 3	67
Mas, o que é derrisão?	67
3.1 Derrisão, humor e ironia: é possível demarcar suas fronteiras?	74
3.2 Uma análise discursiva sobre a construção da derrisão em vídeomontagens do <i>YouTube</i>	79
Considerações Finais	103
Referências	108
Índice de Figuras	116

Introdução

*“A modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração
e da conquista de terra,
e essas estrelas formam uma constelação
que contém toda a informação sobre seu
caráter, conduta e destino.”*
Zygmunt Bauman

Novas tecnologias de comunicação, fabricação e instalação em meios eletrônicos e digitais de divulgação de informações marcam as transformações dos tempos contemporâneos. Essas transformações acontecem por uma organização de ligações em rede que permitem às ideias circularem em tempo próximo ou simultâneo àquele da palavra oral, colocando em contato direto pessoas que se encontram muito distantes uma das outras.

Para Charaudeau (2008), esta é a emergência daquilo que Patrice Flichy¹ (2001, p. 57 *apud* 2008, p.225) chama “imaginário cooperativo”, que se funda em três crenças. A primeira seria a de um “domínio total do saber” e estaria ligada à impressão de que todos podem ter acesso a todas as informações do mundo, sendo estas imediatamente compreendidas; a segunda seria a da existência de uma “comunidade virtual” que se originaria das trocas interativas imediatas. Nessa crença estariam grupos de discussão e de opinião que teriam uma posição assumida em relação a acontecimentos do mundo, tais como os fóruns de discussão e *chats*; a terceira seria a da possibilidade de uma “autorregulação total”, resultado das duas anteriores, isto porque nela a relação é estabelecida entre indivíduos distantes que formam comunidades virtuais e não podem sofrer sanções nem detêm algum poder sobre os demais. Há, portanto, uma autorregulação fora das relações autoritárias. Tanto os internautas, ou usuários, quanto os que arquitetam esses discursos de técnicas de comunicação são testemunhas da emergência desse “imaginário cooperativo”.

¹ FLICHY P., *La place de l'imaginaire dans l'action technique. Le cas de l'Internet*, **Réseaux**, volume 19 n^o 109, Hermès Science, Paris, 2001.

É justamente esse “imaginário cooperativo”, enquanto um meio de interação onde circulam diferentes discursos políticos de humor, que sustenta nosso interesse em trabalhar com vídeomontagens do *YouTube*², marcadamente as que tem como alvo o ex-presidente do Brasil (2006-2010), Luiz Inácio Lula da Silva. Nessa dissertação, amparados num viés discursivo, pretendemos nos debruçar sobre discursos produzidos nas vídeomontagens que comentam, re-dizem as falas de Lula. São esses discursos outros que nos interessam neste trabalho. A temática central de nossa pesquisa está focalizada nos *discursos humorísticos derrisórios*, não somente por considerarmos necessária a produção de conhecimentos nesse campo, mas também pelo fato de esse tipo de discurso ocupar um lugar central na produção de discursividades em torno do que ocorre no cenário político brasileiro.

Tendo em vista essa temática, fomos mobilizados a perseguir um discurso que tem como objetivo desqualificar, descaracterizar ou salientar as deformidades de determinado alvo escolhido, o *discurso derrisório*. Dado o objetivo fundamental deste trabalho, investigar como se constroem esses discursos humorísticos, fomos levados a alguns *sites*, como o *YouTube*, que também abrigam vídeos sobre o presidente.

As vídeomontagens, uma ferramenta de produção, formulação e circulação de sentido, por meio de seus discursos derrisórios produzidos, podem representar a emergência de uma nova eloquência da democracia brasileira, pois nos sentidos que elas carregam há todo um jogo político existente em *sites* como o *YouTube*, que passam de simples lugares para abrigar vídeos de diversas espécies para um ambiente de debate sociopolítico. Este trabalho almeja dar conta de um olhar diferente sobre o discurso político que circula na mídia, uma vez que

² Esta pesquisa integra as reflexões desenvolvidas no Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais - LEEDIM. O laboratório está sediado no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e congrega pesquisadores nos mais diversos níveis (graduação, iniciação científica, mestrado e doutorado) tanto da UFSCar quanto da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e da Universidade Estadual da Bahia – UNEB. Dentre os objetivos do laboratório estão analisar o modo como os mais diversos suportes midiáticos por meio de textos multimodais, que se dão a circular como menos opinativos, constroem uma escrita da história de campanhas presidenciais brasileiras bastante distinta da história oficial veiculada nos editoriais, nos artigos de opinião, nas análises políticas, por exemplo. Tais textos por seu caráter eminentemente humorístico, satírico dizem o que um artigo de opinião não poderia dizer. Elegemos como *corpus* de análise textos multimodais: fotografias derrisórias, fotomontagens, charges impressas, charges eletrônicas, caricaturas políticas e, textos sobre o anedotário político brasileiro, veiculados por jornais, sites e revistas brasileiras de grande circulação nacional. São analisados discursivamente no “entremisturar” descrição e interpretação textos multimodais publicados na Folha de S. Paulo; no Estado de S. Paulo; na Revista Veja, na Revista Época e no site *YouTube* durante os primeiros e segundos turnos das campanhas presidenciais brasileiras de 1998, 2002; 2006 e 2010. Este projeto é apoiado pelo CNPq.

mobiliza o discurso humorístico que permite enunciações que em qualquer outro discurso ou suporte poderia ser banido e também porque se encontra circulando na Internet, espaço favorável à rápida circulação e legitimação de alguns discursos que deslocam sentidos já sedimentados.

Nosso objeto de estudo encontra-se em uma nova materialidade discursiva: o ambiente virtual. A Internet é um meio de comunicação e informação interativo e multifuncional, tendo sido tomada como recurso para fortalecer o processo democrático. Assim, ela permite envolver diferentes sujeitos, desde uma troca de *e-mails*, numa relação cidadão-cidadão, *chats* ou grupos eletrônicos de discussão, até vídeos particulares que podem se tornar públicos por meio de *sites* como o *YouTube*. Neste, há veiculação de ideias que em outro meio não suscitariam tanta polêmica, e isto significa um potencial de interação inédito se comparado a um veículo de comunicação tradicional, de tal modo que os discursos que circulam no *YouTube* são compostos por múltiplas materialidades significantes inscritas na história.

Supomos que as vídeomontagens expressam aquilo que possivelmente seria interdito em outro gênero, acreditamos que isto se deve em consequência do lugar onde podemos encontrá-las: a Internet. Ademais, sabemos que, no ambiente virtual, é possível descobrir inúmeros *sites* como o *YouTube*, mas voltamos nossos olhares para este *site* em específico, porque é nele que encontramos postadas – todas no ano eleitoral de 2006 – as quatro vídeomontagens intituladas *Lula o analfabeto*, *Lula Bebum*, *Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula* e *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva* que constituem nosso material de análise neste trabalho.

Sob o aspecto teórico, o viés enriquecedor para os estudos da Análise do Discurso – doravante AD – se verifica por se tratar de um novo objeto, um material multimodal que abriga e põe em conversa som, imagem e texto verbal acoplados, fazendo sentido para análise discursiva. O estudo desse texto multimodal pode ser a semente de estudos posteriores que trarão novas questões e reflexões para essa transdisciplina, que tem como característica sua inquietante busca por novos esforços teórico-analíticos, não importando onde eles estejam: dentro da ciência da linguagem ou fora dela. Refletindo sobre esses aspectos, pensamos que a AD seja um dispositivo de leitura, e o humor, um caminho a ser explorado, pois ele diz o que não é “dizível” seriamente. Pode ser, por exemplo, extremamente proveitoso no processo de ensino-aprendizagem a utilização do humor como inovação na prática de leitura, o que trará

uma visão diferente sobre temas importantes, tanto os históricos quanto os sociais, abordados nas práticas de ensino utilizadas por educadores.

A problemática de nossa investigação está pautada em torno de duas questões básicas. Uma delas é, em **(i)**, verificar como as vídeomontagens que se apresentam como humorísticas e encontram-se em um espaço virtual constituem-se em um gênero discursivo, para assim podermos analisar como esse gênero se constrói por meio de alguns elementos, como, por exemplo, os relativos ao sentidos construídos nesse mecanismo singular de expressão verbal postado em *sites* como o *YouTube*. A outra questão é, em **(ii)**, analisar como funcionam os processos discursivos derrisórios em uma nova materialidade discursiva, que é o espaço virtual – a Internet. A rede mundial de computadores pode ser entendida como um meio em que qualquer grupo pode se comunicar e trocar informações; portanto, um espaço favorável a se lançar ou não discursos derrisórios.

Em virtude disso, nossos objetivos específicos são, em **(i)**, tentar pensar como o gênero vídeomontagem foi mobilizado para construir sentido em torno da imagem do presidente Lula e, assim, em **(ii)**, tentar verificar como se constrói a derrisão, como ocorre a produção dos discursos derrisórios em torno do presidente Lula; e por fim, em **(iii)**, observar em que medida os discursos derrisórios veiculados em novos suportes textuais se constituem em discursos panfletários.

Conforme já enunciado, para o desenvolvimento teórico e metodológico deste trabalho, estaremos embasados na Análise do Discurso de linha francesa, concebida a partir da obra *Análise Automática do Discurso*, em 1969, pelo filósofo Michel Pêcheux. Todavia, em virtude de nossa temática central, somos instados a mobilizar outros teóricos do discurso tais como Mikhail Bakhtin, Dominique Maingueneau, Denise Maldidier, Simone Bonnafous e Arnauld Mercier.

Tomamos as ideias de Bakhtin (2003) para pensarmos a questão do gênero do discurso vídeomontagem no *YouTube*, algo que nos levará ao seu conteúdo temático, aos seus procedimentos composicionais, ao seu estilo, ao seu comportamento como gênero secundário e primário, à sua ativa compreensão responsiva no ouvinte, à alternância dos sujeitos, às réplicas, bem como aos demais aspectos que enriquecem a verificação deste e de outros novos gêneros produzidos incessantemente em um determinado grupo social.

Denise Maldidier (2003) traz elementos imprescindíveis para a compreensão de como se desenvolveu a Análise do Discurso e para tentarmos refletir sobre o entrelaçamento teórico existente tomamos as ideias de Dominique Maingueneau (2007) que também contribui para um procedimento teórico-metodológico que nos permite falar sobre as supostas relações entre humor, ironia e derrisão (2006a). Simone Bonnafous (2003) e Arnaud Mercier (2001) esclarecem as ideias em torno do discurso derrisório.

Nossa análise discursiva será perseguida à luz do batimento descrição/interpretação. Pretendemos fazer mesmo que de maneira breve uma descrição de outros aspectos, como som e imagem, que delineiam traços inerentes ao discurso derrisório e que, conseqüentemente, nos abrirão a possibilidade de identificar as regularidades que trarão todo um imaginário social³. Para isso, resgataremos juízos que circulam em nossa sociedade, em virtude do papel que ocupa o presidente Lula na história do país – por vários meios de comunicação e, principalmente, a Internet.

Outro aspecto que se pretende descrever/interpretar é o sentido no imbricamento entre a quebra de expectativa e o levantamento de características que desconstroem a postura política, considerando relevante o próprio discurso humorístico derrisório que aparece após o discurso-alvo.

Nossa dissertação de mestrado foi estruturada em três capítulos acrescidos de uma introdução, considerações finais e das referências bibliográficas. O primeiro capítulo apresenta uma organização única, os capítulos dois e três têm basicamente a mesma estrutura; há, nos primeiros subtópicos, a apresentação de alguns conceitos que foram trazidos para o trabalho e em seguida, no último subtópico, o olhar para a materialidade linguística e a análise discursiva propriamente dita.

O primeiro capítulo – Análise de Discurso: a fundação deste campo do saber, a investigação de outros espaços, outros discursos – é composto por dois momentos distintos, porém conexos. Abrimos o capítulo com a explanação de um breve histórico sobre a irrupção e o desenvolvimento da AD, elucidando alguns dos caminhos que percorreu seu principal ideólogo Michel Pêcheux no contexto francês dos anos sessenta.

³ Segundo Charaudeau, “imaginário social é um universo de significações fundador da identidade de um grupo na medida em que é ‘o que mantém uma sociedade unida, é o que cimenta seu mundo de significação’” (CASTORIADIS, 2000 apud CHARAUDEAU, 2008, p. 204).

Após a construção e a desconstrução da teoria que levou o estudioso e seus colaboradores a reflexões e produções de inúmeros trabalhos, a AD se abre para novas discursividades e há uma necessidade de buscar outros objetos de análise. É neste momento – 1983 – que podemos situar a derrisão no processo de desenvolvimento da teoria, assim como os demais trabalhos como este que estão motivados por novos questionamentos (MALDIDIÉ, 2003).

Em seguida, há uma breve explanação intitulada *Análise do Discurso no Brasil*: um grande campo do saber que perpassa rapidamente as diferentes visadas teóricas que constituem este campo e o faz tão importante para o desenvolvimento das pesquisas no Brasil. De modo sucinto, tentamos pensar como elas se atraem e se repelem e o que isso tem de interessante neste trabalho.

O segundo subtópico do capítulo um tem como objetivo a tentativa de esclarecer o que é o *YouTube*, como se caracteriza o lugar onde estão abrigadas as vídeomontagens que são nosso material de análise; logo a seguir – *Vídeomontagens: espaço de circulação do discurso político de humor* – há uma breve descrição das vídeomontagens complementando as explicações sobre o *YouTube* ao descrevermos sua página inicial permitindo ao leitor que já construa suas ideias em torno do tema.

No segundo capítulo, trataremos a abordagem de Mikhail Bakhtin (2003) para pensar se e como a vídeomontagem constitui-se um gênero do discurso; para isso, levantamos os principais aspectos teóricos para em seguida realizarmos a análise.

No terceiro e último capítulo, explanamos como se caracteriza a derrisão embasados nas reflexões de Arnauld Mercier (2001) e Simone Bonnafous (2003) e outros estudiosos que se voltaram para o mesmo tema. No subtópico intitulado “Humor, ironia e derrisão: é possível demarcar suas fronteiras?”, buscamos entender de que modo estes espaços discursivos se entrecruzam e se distanciam. O último subtópico, assim como no capítulo anterior, traz análise discursiva do material de análise levantando as regularidades que o caracterizam como um material de discurso humorístico derrisório.

É na esteira destas reflexões que esta pesquisa se constitui, buscando promover o surgimento de indagações em torno da fluidez das ideias que circulam no espaço virtual.

Como eles regem o funcionamento de discursos promovendo a manifestação de acontecimentos discursivos⁴ que sustentam e permeiam um imaginário social.

Acreditamos que o estudo desse mecanismo de discurso muito original só fará enriquecer os caminhos que percorre a Análise do Discurso no Brasil, pois é necessário reconhecer sua capacidade de seduzir e nos levar ao riso que, no senso comum, é uma atividade prazerosa e inocente, esquecendo que pode ser também uma forma de violência. “Uma caricatura brutalmente degradante, mas que se apresenta espirituosa e ingênua” (FEUERHAHN, 2001, p.191, tradução nossa). Nesse caso, o comportamento de Lula é a garantia de sucesso quando se quer criticá-lo já que devido ao seu comportamento e posicionamento, ele abre precedentes para que vídeomontagens como essas sejam construídas.

⁴ Aqui, acontecimento discursivo é “o ponto de encontro de uma atualidade e um a memória” (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

Capítulo 1

*“A importância de uma coisa não se mede com fita métrica
nem com balanças nem barômetros etc.*

*Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo
encantamento que a coisa produza em nós”*

Manoel de Barros

Análise do Discurso: a fundação deste campo do saber, a investigação de outros espaços, outros discursos

1.1 Análise do discurso: breve histórico

Iniciar uma pesquisa sem buscar consolidar o alicerce que deve sustentar tudo que está por vir é não tornar seguro o trajeto que se pretende percorrer. Por isso, quando reavivamos alguns conceitos na sua irrupção e buscamos como foram elaborados, estamos tentando trazer à tona um pouco da escrita da história da Análise do Discurso – AD⁵ – brasileira e desta maneira retornamos ao passado para pensar o presente e tentar reinventar o futuro. Além disso, marcar o território por onde iremos caminhar por meio da explicitação de conceitos chave torna-se substancial para nossa pesquisa. Por isso, inicialmente, delinearemos um percurso histórico sobre a AD, procurando apontar alguns elementos e delinear alguns caminhos sob os quais esta disciplina se estabeleceu e assim possibilitou a inserção deste trabalho que tem o discurso derrisório como seu material de análise. Por fim, serão expostos esclarecimentos sobre a atuação e os mecanismos dos processos derrisórios.

⁵ Embora a escrita da história da análise do discurso não contribua de maneira direta para o esclarecimento de nosso objeto de estudo, ela é importantíssima para a nossa formação enquanto estudiosos do discurso.

A Análise do Discurso de linha francesa foi concebida com a *Análise Automática do Discurso*, em 1969, por Michel Pêcheux, filósofo que, mesmo tendo percorrido os caminhos da linguística, jamais deixou suas bases filosóficas e inseriu o discurso como objeto de estudo, já que as ferramentas de análise até então não contemplavam tal objeto, apesar de ele estar sempre presente segundo Pêcheux. Talvez, por isso, a *Análise Automática do Discurso* tenha chocado tanto, pois pensava originalmente em questões como: texto, leitura e sentido, fora de qualquer viés cognitivista (MALDIDIER, 2003).

A AD, portanto, pode ser vista como o encontro fortuito de diferentes áreas do conhecimento que deixaram brechas em suas teorias e assim possibilitaram a fixação dessa nova disciplina que além de utilizar esse espaço já existente, constrói o seu lugar retirando de suas vizinhas posicionamentos teóricos produtivos para tratar desse novo objeto: o discurso. Segundo Maldidier (2003), a AD pode ser dividida em três grandes épocas: O Tempo das Grandes Construções (1969 a 1975); Os Tateamentos (1976 a 1979); e A Construção Domesticada (1980 a 1983).

Na primeira fase, o Tempo das Grandes Construções (1969 a 1975), Pêcheux desenvolve seu programa de Análise Automática do Discurso – AAD – 69, no qual propôs desenvolver um dispositivo teórico pensado conjuntamente com o dispositivo analítico informatizado, com duas finalidades:

(...) reunir um conjunto de traços discursivos empíricos ('corpus de seqüências discursivas') fazendo a hipótese de que a produção desses traços foi, efetivamente, dominada por uma, e apenas uma, máquina discursiva (por exemplo um mito, uma ideologia, uma episteme) e construir, a partir desse conjunto de traços e através de procedimentos lingüisticamente regulados, o espaço da distribuição combinatória das variações empíricas desses traços: a construção efetiva desse espaço constitui um gesto epistemológico de 'ascensão' em direção à estrutura desta máquina discursiva que supostamente as engendrou (Pêcheux, 1990, p. 312).

Pêcheux demonstrava seu fascínio por máquinas ao criar a análise automática. Seu objetivo era, então, elaborar um “dispositivo técnico complexo informatizado” para a análise do enunciado (MALDIDIER, 2003, p.20). Não tinha a pretensão de substituir nenhuma teoria da linguagem, mas sim, a de poder se embrenhar nas fendas teórico-metodológicas deixadas por elas. Para construir a noção de discurso, apóia-se criticamente em Saussure, reconhecendo

nele o ponto de origem da ciência linguística. Assim, Michel Pêcheux constrói o novo conceito de *discurso* com base nesses pontos ditos como de origem da ciência linguística elaborados por Saussure – como a idéia de que a língua é um sistema -, todavia, é a chamada “*máquina discursiva*”, a AAD que trará esse novo objeto das ciências humanas e assim poderá contribuir para a fundação de uma nova disciplina, a Análise do Discurso que não tem um marco fundador apenas, mas a convergência de diferentes acontecimentos teóricos e políticos.

Um conceito que trazia o que estava fora do escopo dos estudos que se debruçavam sobre a linguagem, no exterior e ajudava na seleção do *corpus* que seria analisado é o de “condições de produção”. Pêcheux afirma que para se analisar um discurso se faz necessário levantar os “conjuntos de discursos possíveis” que estão ligados a determinadas “condições de produção”. Pensando de maneira mais sistemática, o dispositivo de análise pecheutiano tinha basicamente duas fases: a primeira estava focada em desmontar a sintaxe da frase até enunciados elementares e a segunda seriam as “classes distribucionais” semelhantes às “classes de equivalência de Harris, isto é, descreveu a maneira como os algoritmos intervêm para construir os “domínios semânticos para um processo discursivo”. O lingüista Harris - na elaboração do método de Pêcheux - foi peça determinante e necessária para investigar os “efeitos de sentido” que se buscava para ultrapassar a idéia de unidade atribuída aos textos (MALDIDIER, 2003, p.23).

Esse foi o primeiro passo para a construção de uma “teoria do discurso”; dentro de suas inúmeras falhas, retornos e recalques, a “Análise Automática do Discurso” que deslocou as ideias do marxismo, saussurianismo e psicanálise, abrindo questionamentos sobre a concepção de texto e discurso tomando como base a linguística e a informática. A elaboração da AAD69 fez com que Pêcheux sentisse necessidade de tornar-se lingüista; ele também adentra o mundo da informática para melhorar o dispositivo de análise da AAD69. Tudo isso faz com que questões centrais como a produção do enunciado não sejam deixadas de lado e logo o filósofo soube que a enunciação era o percurso de análise que levaria ao discurso, entretanto, deixou claro que o caminho a ser percorrido e discutido seria o da semântica.

O ano de 1970 deve ser citado por marcar futuras elaborações de Pêcheux como a idéia de “formações discursivas, interdiscurso, intradiscurso, o apagamento do sujeito”; pistas começam a ser deixadas sobre essas futuras abordagens por uma publicação feita com “tripla

assinatura” Antoine Culioli, Catherine Fuchs e Michel Pêcheux intitulada “Considerações teóricas a propósito do tratamento formal da linguagem” (MALDIDIER, 2003, p.27).

Em 1971, o artigo do nº. 24 da *Langages*, “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso”, escrito com a colaboração de Claudine Haroche e Paul Henry, com pretensões epistemológicas, inaugura uma reflexão sobre a linguística e faz pensar a questão do sentido – a semântica seria “o laço que liga as “significações” de um texto às condições sócio-históricas que vão contribuir para essas significações” (MALDIDIER, 2003, p. 31). Embora o momento fosse de efervescência nas ciências humanas, o que propunha Pêcheux parecia para a época extremamente polêmico e desestabilizador, justamente por trazer questões centrais do campo da Linguística e da Semântica de maneira contestadora. Fica claro que seu trabalho estava aportado nas formulações saussurianas e por isso ele toma conceitos como de sistemas para alguns de seus empreendimentos e contesta derivas que, segundo ele, foram deixadas soltas e por onde ele poderá embasar suas ideias. Além disso, nesse texto de Pêcheux há a consolidação da participação do materialismo histórico em sua teoria para poder relacionar discurso e ideologia numa relação não de causa e consequência como pensam os sóciolinguistas franceses, mas sobretudo, de imbricação.

O artigo “Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado” de Louis Althusser é um traço muito significativo na obra de Pêcheux, pois postula que “o discurso é implicitamente assimilado a uma prática que acontece nas relações de forças sociais através de um aparelho” (MALDIDIER, 2003, p.33). A partir daí, após leituras de Gotlob Frege, embates teóricos com Oswald Ducrot tendo ao seu lado Paul Henry, Pêcheux postula o conceito de pré-construído que permite abarcar também o de interdiscurso, crucial para dar conta epistemologicamente da *não-adamicidade* do discurso.

Logo após seu encontro com o texto de Althusser, lança o artigo “Atualizações e perspectivas a propósito da análise automática do discurso” na revista *Langages* nº. 37, de março de 1975. Neste artigo, Pêcheux caminha para a o amadurecimento de algumas de suas postulações anteriores e para a publicação de sua obra: *Semântica e Discurso*⁶; por isso, há uma atualização dos procedimentos utilizados até o momento o que mostra toda a transformação que estaria por vir. Essa reescritura que expõe seu intrigante regresso a seus textos permite mobilizar as três regiões do conhecimento científico que seriam tidas como o

⁶ Título original: *Les vérités de la Palice*.

cerne da AD, o “quadro epistemológico” (MALDIDIER, 2003, p.38, grifos do autor): materialismo histórico, linguística saussuriana e psicanálise. Assim, a AD privilegia uma metodologia interdisciplinar que articula esses pressupostos epistemológicos:

O materialismo histórico como teoria das formações sociais e de suas transformações, aí compreendida a teoria das ideologias; - A linguística como teoria ao mesmo tempo dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; - A teoria do discurso como a teoria da determinação dos processos semânticos (MALDIDIER, 2003, p.38).

“Tríplice Entente” é como Michel Pêcheux denomina o encontro teórico de Marx, Freud e Saussure na Análise do Discurso (MALDIDIER, 2003, p.67). Por isso, a AD articula pressupostos teóricos da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise tecendo questionamentos endereçados a Linguística sobre o fato de ela deixar a historicidade excluída de seu terreno, outros endereçados ao Materialismo que considera o simbólico como evidente e a Psicanálise que não inclui a ideologia como elemento do inconsciente (ORLANDI, 2002, p. 20).

Articulados esses três campos do saber, a questão da enunciação é trazida para ser também rediscutida e o filósofo propõe uma trilha diferente das interpretações empiristas que tomavam os traços linguísticos como produto de um sujeito fonte. Além dessa, outra questão emergiu neste número da *Langages*, a “teoria dos dois esquecimentos” que se refere à ilusão do sujeito em ser a fonte e a origem do sentido. O primeiro se refere ao sentido que se forma no exterior, “inacessível ao sujeito” e o segundo a “superfície do discurso” na qual o sujeito pode circular (MALDIDIER, 2003, p.42).

Em maio de 1975, “Semântica e Discurso” traz reflexões já trabalhadas por Michel Pêcheux que se reúnem com a sua reflexão de fundo: a filosofia. Assim, podemos tomar como tema central do livro *o discurso* permeado por discussões sobre “linguística e história, sujeito e ideologia, ciência e política”. Sua primeira exposição é sobre a questão semântica, ela seria, segundo ele, um “ponto nodal”, e pensando na união de diferentes pontos que ele inicia leituras e releituras filosóficas. Maldidier (2003, p.45) afirma que Pêcheux mostra sua “genialidade” quando propõe o “ponto lógico-linguístico”, que será o pilar de suas reflexões linguísticas para formar o grande “ballet filosófico” encontrado no percurso pecheutiano.

Em Semântica e Discurso, há textos que tratam de reflexões filosóficas - de Aristóteles à semântica moderna, por exemplo - que irão salientar o pensamento crítico que se constrói sobre a dicotomia existente no campo filosófico e a necessidade de uma intervenção no campo lingüístico. Pêcheux salienta a necessidade de postular questionamentos dentro da linguística sobre seu próprio domínio e adentrar seu campo por meio de outros objetos do domínio científico. Por meio de uma (re)leitura de Gotlob Frege, ele trabalha a questão lógico-linguística das relativas. Além disso, para Pêcheux este é “o grande momento da ordenação dos conceitos”: o interdiscurso, intradiscurso e o aprofundamento do pré-construído e das formações discursivas (PÊCHEUX, 1997).

Posteriormente, na segunda fase, a dos Tateamentos, inicia-se um período – de 1976 a 1979 – em que há grandes reviravoltas teóricas. Nesse período, os grupos de estudos formados percebem que a AD era realmente um campo onde se constituía um confronto teórico-político. Diante dos debates entre os marxistas sobre as questões de linguagem e política, Malidier (2003) salienta que Pêcheux produz textos que expressavam certa arrogância, diferentes daqueles da época das grandes construções, tudo isso em virtude do duelo teórico-político contra o reformismo. Aqui como em outros momentos fica evidente a ligação entre o desenvolvimento teórico da AD e as questões políticas vigentes na França; no Brasil, posteriormente essa ligação acontecimento político e irrupção teórica também seria vivenciada.

No início de 78, tinha-se como objetivo esclarecer o surgimento do linguista soviético Mikail Bakhtin cujo livro “Marxismo e Filosofia da Linguagem” acabava de ser traduzido para o francês. Saussure e a questão da língua eram o ponto basilar pela crítica ao seu *objetivismo abstrato*. A língua é concebida como “algo concreto”, fruto da manifestação individual de cada falante – e, por esta razão, os analistas do discurso também valorizam a fala, de modo que, ao tratar da linguagem, eles a conceberam como um modo de ação social: um espaço de conflitos e de embates ideológicos. Entende-se, pois, que a linguagem não poderá ser estudada fora dos quadros sociais, visto que o seu processo constituidor e seus sentidos são histórico-sociais razão pela qual os conceitos de condições de produção do discurso, de formação discursiva e de formação ideológica são postulados pelos estudiosos da AD como sendo fundamentais para o estudo da linguagem.

Posteriormente, Pêcheux desenvolve autocríticas em torno da sua própria teoria como no texto “Só há causa daquilo que falha” em relação ao sujeito de “Semântica e Discurso” que reproduz a ilusão e o “eu-sujeito-pleno” (MALDIDIER, 2003, p.69).

Maldidier (2003) intitula o período de 1980 a 1983, a terceira fase, como a “Desconstrução Domesticada”, porque os conceitos até então postulados pelos estudiosos serão modificados em virtude de um amadurecimento necessariamente vigente na época, que começou por meio do colóquio “Materialidades Discursivas” – constituindo um processo de desconstrução-reconstrução no qual alguns temas tocariam a problemática do discurso, como por exemplo, o discurso sob o signo da heterogeneidade, de Jacqueline Authier-Revuz. Assim, Pêcheux propõe que haja uma mudança nos próprios objetos da AD. Jean-Jacques Courtine e Jean Marie Marandin lançarão uma crítica à questão de se considerar o *corpus* como homogêneo e trarão para a AD proposições novas, fruto de suas próprias experiências e do embasamento foucaultiano da *A Arqueologia do Saber*. Além disso, o primeiro também traz à tona questões como as de formação discursiva, memória e arquivo. Há uma modificação na forma de olhar o *corpus*: ele agora é heterogêneo. A questão das relativas até então tinha sido objeto privilegiado de estudo, mas se o intuito era pensar em discurso e linguística, o objetivo agora deveria basear-se nos estudos linguísticos em andamento sobre a *discursividade*, noção que apareceu no colóquio “Materialidades Discursivas” e designava um novo horizonte de trabalho.

No início do ano de 1983, a AD foi consagrada disciplina. Teria, então, que se engendrar no próprio terreno, juntar-se à questão das *leituras de arquivo* (MALDIDIER, 2003, p.79, grifos do autor) – a diferença dos níveis sociais de leitura e a oposição entre os “ruídos” da leitura e a interpretação, os primeiros observam somente o código, o sistema e o segundo o sentido –, além de colocar-se em confronto com os textos sócio-históricos mais diversos. Para tratar mais extensamente deste assunto, o filósofo escreve “A (des) construção das Teorias Lingüísticas” e logo após “Discurso: estrutura ou acontecimento?” em que analisa o enunciado “*On a gagné!*” e percebe que *não há ritual sem falha*, portanto que o sentido está constitutivamente fadado ao equívoco.

Cabe salientar em nossa pesquisa, o encontro de Pêcheux com Jacqueline Authier-Revuz. O trabalho teórico desenvolvido por Pêcheux foi bastante enriquecido em virtude desse encontro intelectual; não só nesse como em outros, o processo de construção da teoria

criou trajetos produtivos, outro exemplo é o encontro com François Gadet que desembocou no livro *La Langue Introuvable* (MALDIDIER, 2003, p. 58). Authier-Revuz se interessava sobre as questões de sentido e da enunciação, assim construiu um procedimento que trazia para a superfície do “fio do discurso” o aparecimento de outro discurso sobre aquele, a chamada heterogeneidade enunciativa. Heterogeneidade que marcou sua participação no colóquio “Materialidades Discursivas” e assinalou sua participação na construção da teoria (Id. Ibid., p.73).

Neste colóquio, abriu-se um terreno para a noção de “discursividades” que possibilitava enxergar novos caminhos. Foi criado o grupo “Análise linguística da sequência” que tinha “como objetivo trabalhar sobre as propriedades linguísticas da sequencialidade intra-discursiva”, isto é, era de interesse de seus componentes – Michel Pêcheux, Jacqueline Authier, Jean-Marie Marandin e outros – voltar ao campo da linguística em que predominava “a gramática da frase” para se estudar certos fenômenos enunciativos que permitiam visualizar o encadeamento das frases no discurso (MALDIDIER, 2003, p.78). Esse era, então, o tempo da RCP ADELA (Pesquisa Cooperativa Programada e Análise do Discurso e Leitura de Arquivo) em que a análise do discurso se aproxima da “leitura de arquivo” e o conceito de Foucault “arquivo” desloca a questão da leitura como “máquina de ler” e a insere no confronto com diversos textos-sócio-históricos (Id. Ibid., p.80).

Em suas últimas reflexões, Michel Pêcheux instigou a abertura da AD para essas novas ideias na “história, em sociologia, em psicologia, por todo o campo em que se produza, formate e circule textos, isto é, no espaço em que se produz o encontro da língua com o sujeito” (MALDIDIER, 2003, p.96). Houve uma transformação na própria análise: renovando os objetos, conhecendo o oral, a linguagem comum.

Esta é a abertura para novas discursividades e a derrisão pode ser vista como uma delas. Isto porque a derrisão é praticada na fala de uma maneira mais regular do que se possa admitir; além disso, comporta uma competência sócio-emocional muito maior do que aparece à primeira vista. Toda uma gama de ciências sociais procura estudar o uso dessa arma poderosa, pois a derrisão e o riso buscam sempre um lugar privilegiado na sociedade. Por meio de simples expressões populares características de determinado grupo social, há visivelmente a busca por esse lugar. (MERCIER, 2001).

1.2 Análise do discurso no Brasil: um grande campo do saber

Iremos descrever alguns aspectos que temos sobre nossa visada teórica sobre a análise do discurso e como tentamos percorrer este campo para nossas investigações. Nossas ideias basais relacionam-se intimamente com o que diz Maingueneau (2007, p.14) quando comenta o atual estado epistemológico da AD:

Na era do *e-mail* e da mobilidade dos pesquisadores, os recortes geográficos de intelectuais tradicionais devem transigir com redes de afinidades científicas que desconhecem fronteiras e que modificam profundamente as linhas de partilha epistemológica.

Em análise do discurso, como em outros domínios, a transformação dos modos de comunicação modificou em profundidade as condições de exercício da pesquisa.

Apesar de inserirmos esta ideia, não entendemos que a AD seja um território de todos e que muitos dos trabalhos que não se encaixam nos “compartimentos tradicionais” possam apresentar-se como da Análise do Discurso. O que objetivamos é afirmar que a riqueza da AD está na partilha e na troca investigativa para a construção e consolidação de uma Análise do Discurso do Brasil que cultiva pesquisadores e estudiosos de diversas visadas teóricas apresentando-se como um campo do saber heterogêneo.

Há tentativas de demarcar e definir a AD, mas segundo Maingueneau (2007, p.14) não há um renomado fundador da análise do discurso porque ela “representa um espaço que se constitui progressivamente a partir dos anos 1960 por meio da convergência de correntes oriundas de lugares muito diversos”. Afirma ainda que o interesse que rege a análise do discurso é o de apreender o discurso como um imbricamento de um texto e um “lugar social”, isto é, o objeto da AD não é a organização textual e também não é a situação da comunicação, mas “aquilo que as une por intermédio de um dispositivo de enunciação específico” (MAINGUENEAU, 2007, p. 19). Esse dispositivo ao que o autor se refere diz respeito simultaneamente ao verbal e ao institucional, em outras palavras, para a AD pensar nos lugares disjuntos das palavras que os autorizam ou pensar nas palavras independentemente dos lugares em que elas estão ligadas seria afastar-se das ideias que são fundadoras.

É na esteira destas reflexões que a estrutura teórico-metodológica de nosso trabalho constitui-se, pois pensamos que estamos embasados em uma Análise do Discurso francesa;

contudo, recorreremos a uma AD Dialógica que também pode contribuir para nossa pesquisa. Quanto a AD francesa, fizemos um pequeno esboço do seu desenvolvimento na primeira parte deste capítulo e podemos retomá-la dizendo que Michel Pêcheux desenvolveu suas ideias no final dos anos 1960 na França e que tinha como objeto privilegiado o discurso político, a principal postulação de Pêcheux para a consolidação da teoria foi o que ele chamou de “tríplice entente” (MALDIDIER, 2003, p. 67) a reunião de Saussure, Marx e Freud; a linguística, o marxismo e a psicanálise.

A AD Dialógica ou teoria dialógica do discurso, segundo Brait (2010, p.10), teria “uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados.” O pensamento bakhtiniano tem como intuito fazer do momento de análise – não que ele se pretendesse analista, mas suas categorias, noções e conceitos permitem dizer que, é possível fazer deste momento, um processo de diálogo entre os sujeitos; isto é, “a pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem” (2010, p.29).

O que permite que esses diferentes projetos estejam dentro deste grande campo do saber pode ser explicado da seguinte maneira:

Essa tentativa – totalmente identificada com o marxismo e a psicanálise – que fez da Linguística uma referência metodológica essencial. Portanto, os diálogos entre Pêcheux, Foucault e Bakhtin envolveram diferentes respostas à articulação entre teorias lingüísticas, teorias do sujeito e teorias da história e da sociedade. Observando os distanciamentos e as aproximações entre essas diferentes formulações, perceberemos que o solo epistemológico da AD foi fertilizado pela interpretação que cada um desses autores fez daquilo que Pêcheux chamou de “tríplice aliança”, em torno de Saussure, Marx e Freud. A ênfase, as aproximações e os distanciamentos em relação a essa tríade determinaram a arquitetura das propostas (GREGOLIN, 2010. P. 35).

Trazer o percurso que faz com que essas tendências se entrecruzem e se afastem na chegada ao Brasil de modo fragmentado é extremamente interessante (BRAIT, 2010); contudo, em virtude do objetivo que devemos percorrer aqui perpetuaremos apenas nossa

posição de pretensos estudiosos da linguagem que buscam no processo investigativo teorias e análises que consolidem e possam enriquecer essa disciplina que se mostra um campo de encontros teóricos motivadores.

1.3 *YouTube*: um espaço para fabricação e circulação de discursividades

Uma nova maneira de divulgar informações e interagir está acontecendo e, ao que parece, para as novas gerações este processo parece inato; contudo, ele é muito novo e relativamente recente, por isso, muitos não se dão conta da sua proporção e tem dificuldades para compreender do que se trata e a que ele veio. Nosso propósito, neste subtópico, não é esclarecer todos esses pontos, mas tentar mostrar o que é o espaço virtual onde está nosso material de análise e qual é esse material que aqui será apenas apresentado para posteriormente ser descrito.

Na internet é que encontramos um dos maiores fenômenos comunicativos do mundo contemporâneo, é possível dizer que esta rede de informação e interação alimentada por hipervínculos, recursos semióticos e os meios visual, verbal, auditivo e outros, habitam um lugar privilegiado para os estudiosos do discurso que pretendem analisar os significados sociais que circulam com uma suposta liberdade. As trocas permitidas em sites de interatividade propiciam que se visualize algumas modificações culturais nas sociedades.

Especificamente, nos interessamos pelo *YouTube* que tem como objetivo básico permitir que seus usuários vejam, publiquem e compartilhem vídeos de inúmeros temas e de forma gratuita, isto fez com que muitos se interessassem e o número de acessos ao site aumentou tornando um dos mais acessados do mundo (BURGUESS, 2009).

De modo objetivo, diríamos que o *YouTube* é um site em que podemos encontrar os mais diferentes vídeos, desde trechos da novela *Passione*, exibida dias atrás, até filmagens feitas por câmeras de celulares. Isto é, ao acessarmos o site em um espaço próprio, digitamos uma palavra sobre o assunto que nos interessa, clicamos em buscar e logo aparece uma lista com diferentes vídeos relacionados semanticamente com aquela palavra.

O *YouTube* é tido como um dos mais populares portais de vídeo e oferece clipes de, no máximo, doze minutos, sobre qualquer tema, acrescentados ao acervo pelos próprios internautas⁷. Trechos de filmes, seriados, novelas, filmagens históricas, cenas caseiras do cotidiano e vídeomontagens das mais diferentes espécies. No *YouTube*, tudo está ao nosso alcance, desde que tenhamos um computador ligado à internet, preferencialmente, por banda larga. Ele se tornou referência em interatividade por sua originalidade e variedade. Além disso, ele também pode ser pensado como uma nova maneira de ver televisão porque com a chegada dessas tecnologias o espectador tem a oportunidade de ver TV quando e onde quiser, é só pensar em qualquer político, compositor, cantor, ator, poeta, escritor ou uma celebridade e a chance de encontrar clipes inéditos são imensas, maior do que procurar em qualquer outra fonte. Nesse garimpo virtual, se procurarmos por vídeos do presidente Lula podemos encontrar registros de duas aparições recentes em telejornais, junto a então candidata às eleições de 2010, Dilma Rousseff, assim como propagandas eleitorais de anos anteriores. Podemos recuperar imagens do passado, como as do debate das eleições de 1989 e diversos outros com uma enxurrada de sátiras ao presidente.

Outro aspecto atrativo é o fato do site não exigir uma qualidade dos vídeos, não há condições técnicas específicas para que se postem vídeos diferente das grandes produções que utilizam recursos com níveis altos de qualidade de som e imagem, isto permite uma participação em massa dos usuários como criadores de seus próprios vídeos (ABRIL, 2008). Mais um atrativo é a possibilidade de visualizar os vídeos por qualquer internauta que o acesse, não é preciso um registro prévio para isso, o registro é opcional de modo que o acesso ao conteúdo é praticamente “livre”. Ademais, os acessos são gratuitos.

Fundado em fevereiro de 2005, por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim⁸, ex-funcionários do site de comércio on-line Pay-Pal, o site *YouTube* foi lançado oficialmente sem muita divulgação em junho de 2005. Nessa história, o sucesso chegou em outubro de 2006, quando o Google pagou 1,65 bilhão de dólares pelo *YouTube*. Em 2007, ele já era o site de entretenimento mais popular do Reino Unido; no começo de 2008, já figurava como um dos sites mais visitados do mundo (BURGESS, 2009).

⁷ Fonte: <http://www.youtube.com/t/about> tradução nossa

⁸ Fonte: <http://www.youtube.com/t/about> tradução nossa

O *YouTube* não autoriza que seus usuários baixem os vídeos no computador, entretanto na própria internet encontramos outros sites de busca como o *Baixaki*⁹ que disponibilizam programas gratuitamente para quem deseja extrair de sites como o *YouTube* algum vídeo. A comunidade do *YouTube* – você no tubo ou você na TV – acompanhado do slogan *Broadcast Yourself* – poste, insira você mesmo o seu vídeo – como o próprio nome já diz, pode ver e veicular diferentes vídeos capturados e configurados pelos seus integrantes, pois é possível se cadastrar, criar uma senha e moldar a sua página para que se possa assistir e selecionar os vídeos preferidos. Para visualizar, postar vídeos, comentar, o portal não exige nenhum registro prévio do usuário, ele é opcional, de modo que o acesso as informações pode ser considerado “livre” (ABRIL, 2008).

Além de ser um espaço para quem gosta de ver e comentar vídeos, ele é também um espaço para quem gosta de *fazer* vídeos; no caso, as vídeomontagens. Os internautas também usufruem de uma ferramenta de busca eficiente e ao se cadastrarem podem se reunir em grupos que têm os mesmos interesses e trocar mensagens. O site tem 426 milhões¹⁰ de visitantes por mês e torna-se o meio mais instantâneo e dinâmico para que qualquer pessoa, sendo ela famosa ou desconhecida, exponha sua vida para o mundo inteiro. O negócio do *YouTube* não é fazer vídeos, mas disponibilizar uma plataforma conveniente e funcional para compartilhar vídeo on-line; os usuários fornecem o conteúdo que atrai novos participantes e novos espectadores (BURGESS, 2009).

Qualquer acontecimento que antes passaria despercebido, hoje pode tomar dimensões muito maiores e a intimidade revelada mundialmente. Como aqui no Brasil, que para seguir uma determinação judicial, no dia cinco de janeiro de 2007, o acesso aos serviços e conteúdos do *YouTube* foi bloqueado para cumprir a ordem do Tribunal de Justiça de São Paulo¹¹, de bloquear um vídeo em que a modelo e apresentadora de televisão Daniella Cicarelli e seu namorado trocam carícias no mar em uma praia espanhola. No dia nove de janeiro, o desembargador deu novo despacho em que esclarecia que o site não deveria ser bloqueado, mas somente o vídeo. Assim, no dia seguinte, ele já era acessível novamente e um porta-voz do *YouTube* declarou que o vídeo em questão fora removido.

⁹ www.baixaki.com.br

¹⁰ Fonte: Revista Veja, 12 de agosto de 2009.

¹¹ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>

O que isso tem de importante? Por ser de fácil acesso e abarcar um número ilimitado de cidadãos, o *YouTube* além de ser um meio de divulgação midiático também passou a ser usado por alguns políticos como meio de propaganda de suas candidaturas. Isto porque os eleitores podem assim ver as propostas do candidato e fazer vídeos apoiando ou se opondo a ele. Desta maneira, se imaginarmos que a internet estará disponível a cada vez mais pessoas pelo mundo e que elas terão suas próprias câmeras de vídeo ou demais aparelhos para capturar e digitalizar imagens, tudo isso nos permite afirmar que a oferta de vídeos na internet possa ser um ambiente de crescente divulgação e circulação de informações. Mas, o principal é que sites como o *YouTube* articulam novos mecanismos de expressão verbal, o que nos permite pensar que ele talvez seja a mais nova ferramenta de construção de sentido, pois nele encontramos um gênero: a vídeomontagem. Burgess (2009) acrescenta:

O *YouTube* não é somente mais uma empresa de mídia e não somente uma plataforma de conteúdo criada por usuários. É mais proveitoso entender o *YouTube* (a empresa e a estrutura de site que fornece) como ocupante de uma função institucional – atuando como um mecanismo de coordenação entre a criatividade individual e coletiva e a produção de significado; e como um mediador entre vários discursos e ideologias divergentes voltados para o mercado e os vários discursos voltados para a audiência ou para o usuário (p.60, grifos nossos).

Assim, o discurso na contemporaneidade une e mescla diferentes recursos tecnológicos na construção do que se quer expressar e, por outro lado, possibilita a construção de novas formas de representar discursivamente fenômenos sociais, determinados pelos recursos multimodais. Ao observarmos a multimodalidade que proporciona a construção de sentido em um discurso, notamos as perspectivas e maneiras como se propõe um tipo de idéia hegemônica sobre determinado tema, o que permite isso são tecnologias, como o *YouTube* que massificam os saberes individuais e coletivos, se envolvem na construção de condições e cenários espaço-temporais e instâncias reguladoras da vida social e, muitas vezes, das instituições (ABRIL, 2008).

Em relação a estas asserções, podemos dizer que a existência de sites como este potencializa a capacidade de transformar os significados dos discursos que carregam um potencial de sentido, mas que ao tomados e transformados, como as vídeomontagens tomam

discursos Outros, podem adquirir outro potencial na construção de sentido. Por isso, é possível dizer que essa reconstrução com a ajuda básica das tecnologias garante o lugar de novas práticas discursivas isto por meio da simples interação máquina, o suporte da internet os programas de software e o ser humano (ABRIL, 2008).

Na esfera política, assim como na cultural e econômica, por exemplo, as formas de interação humana estão sendo ressignificadas, isto gera um processo de discussão política e social modificada tanto na sua forma de produção, nos processos de distribuição e apropriação quanto nos modos como circulam na rede (ABRIL, 2008).

Em tempos de campanha política, como em 2006, pensamos que o *YouTube* seja também um espaço em que se possa visualizar de diferentes modos os acontecimentos políticos, a própria identidade do portal está ligada ao da tela de televisão, a antiga televisão de tubo cujas origens tecnológicas estão localizadas no final do século XIX e que se materializaram somente nas primeiras décadas do século XX. Segundo Burgess, já se previa algo como o *YouTube* uns dez anos antes dele atingir a grande massa ao citar Marc Davis quando falou sobre a onda em formação do “cinema de garagem”, fazendo uma analogia com as bandas de garagem:

Mudanças tecnológicas possibilitarão a fusão de produtores de vídeo independentes e produtores caseiros para formar um setor ativo do mercado... Quando as ferramentas e a infraestrutura forem capazes de permitir o uso do vídeo caseiro com qualidade e baixo custo para registro, recuperação e como ferramenta de redirecionamento, as garagens do mundo serão o terreno da “Nova Nova Hollywood”, criando centenas de milhões de canais de conteúdos de vídeo. As condições de produção e uso terão mudado de tal forma que um grande grupo de amadores e usuários domésticos produzirá vídeos regularmente para competir no mercado da informação da rede dos computadores (DAVIS, 1997, p. 48 *apud* BURGUESS, 2009, p. 146).

Esta recente obra sobre o site “YOUTUBE e a revolução digital” de Jean Burgess e Joshua Green (2009) afirmam que o *YouTube* é o maior fenômeno da cultura participativa e está transformando a mídia e a sociedade pela maneira como ela permite que os vídeos circulem. Uma inovação da mídia e da tecnologia já sabemos e comprovamos que sim; contudo, com a velocidade que as mídias transformam-se há quem afirme que em breve este e outros espaços de interação poderão apresentar-se como ultrapassados e novas tecnologias

ocuparão seu lugar. Enquanto isso não se concretiza, é nos permitido indagar: qual será a próxima rede que será capaz de relacionar conteúdos e opiniões em tempo real? Mas, ao mesmo tempo, afirmar que o *YouTube* é um portal que consolidou uma maneira de interação na era das redes sociais, comunidades virtuais, enfim, das diferentes formas de agrupar seres humanos com interesses comuns.

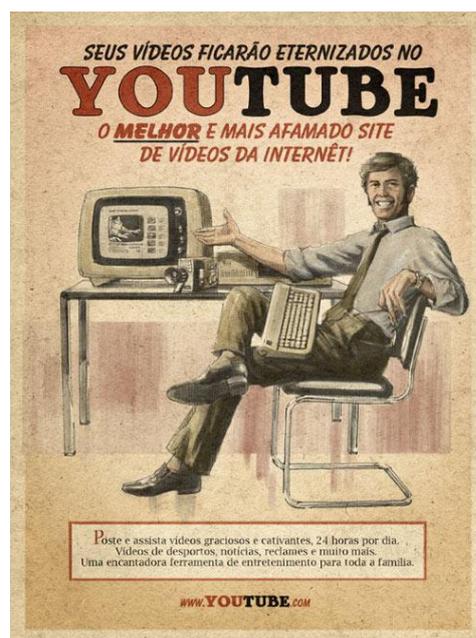


figura 1
“Coisa da *Moma*. Porque no mundo de hoje, *tudo envelhece rápido*¹²”.

Burguess (2008) assegura que assim como tantos outros revolucionários digitais a ideia de Davis (1997) é a de que haverá um sistema de distribuição de vídeos descentralizado, com muitos canais, em vez de uma plataforma compartilhada como o *YouTube* qualquer um poderá ter sua própria operação de transmissão na internet e assim poderemos a qualquer momento do dia em nossos “cinemas de garagem” assistir “gente comum” se tornar famoso, mas, é claro, no futuro todo mundo vai ser famoso então a audiência dessas coisas poderá ser pequena, ou não?

¹² Fonte: <http://kibeloco.com.br/kibeloco/2010/08/09/vintage/> Acesso em: 18 de agosto de 2010.
Transcrição do *Box* da charge: “Poste e assista vídeos graciosos e cativantes, 24 horas por dia. Vídeos de desportos, notícias, reclames e muito mais. Uma encantadora ferramenta de entretenimento para toda a família”.

1.4 Vídeomontagens: espaço de circulação do discurso político de humor

As vídeomontagens expressam aquilo que possivelmente seria interdito em outro gênero, consequência do lugar onde podemos encontrá-las: a Internet. Ademais, sabemos, que no ambiente virtual, é possível descobrir inúmeros sites como o *YouTube*, mas, voltamos nossos olhares para este porque é nele que as encontramos postadas – todas no ano eleitoral de 2006 e têm como protagonista o presidente Lula.

Estas vídeomontagens que apresentaremos foram selecionadas em virtude de supostamente apresentar um discurso de humor derrisório; além disso, todas tinham como alvo o presidente Lula, figura presente em inúmeras eleições, que adquire uma postura polêmica e uma maneira própria de proferir seus discursos possibilitando que discursos Outros brotem em torno dele. Multimodais por apresentarem som, imagem e materialidade discursiva acopladas, as vídeomontagens basicamente são compostas por imagens em movimento intercaladas por slides que carregam os discursos de humor; em outras, essas imagens aparecem acompanhadas por uma música inserida pelo produtor desses vídeos, e assim suas configurações específicas se diferenciam.

Nas transcrições que encontraremos nas análises, buscamos manter uma posição analítica exclusiva sobre o discurso, optamos por transcrever o discurso do Lula de acordo com o que nos conduz o discurso do produtor da vídeomontagem; todavia, visando a não provocar outros possíveis discursos, já que, em muitos recortes, determinados sons produzidos pelo enunciador primeiro não nos parecem tão nítidos, mantemos entre parênteses nas transcrições a ortografia original das palavras e a concordância como pede a norma culta permitindo a construção de uma transcrição de base semântica do discurso do Lula não enfocando a fonética dos enunciados proferidos pelo presidente e ao mesmo tempo descrever as orientações interpretativas do discurso do produtor do vídeo.

A primeira vídeomontagem tem como título *Lula o analfabeto*¹³, do lado esquerdo na página onde encontramos a vídeomontagem, em um pequeno *Box*, temos a data em que foi postado: dia 22 de dezembro de 2006, seu autor utiliza um pseudônimo – *pokssponks* – e uma legenda que diz: “Se ele que é o presidente está desse jeito...O que será do País”. Neste

¹³ <http://www.youtube.com/watch?v=32-Aa0ibiHA>

mesmo espaço, logo abaixo da data e em cima da legenda com letras pequenas, há um link – mais informações – que abre espaço permitindo que o internauta visualize outras informações, como a categoria em que o vídeo foi classificado; no caso, essa vídeomontagem está categorizada como de *Humor*. Há também a inserção de um grupo de palavras-chave, as *tags*¹⁴, que norteiam o campo de busca do vídeo, isto é, essas são as palavras que podemos digitar e que nos levam a encontrar esta vídeomontagem: “lula luis inacio da silva ignacio presidente brasil analfabeto erros de portugues erro linguagem”.

A segunda selecionada tem como título *Lula Bebum*¹⁵, na página onde encontramos a vídeomontagem, podemos visualizar do lado esquerdo um pequeno *Box* que informa a data em que foi postada: dia 29 de dezembro de 2006, o autor que neste caso assina com o pseudônimo de *daslula* insere uma legenda que diz: “Lula bebe sim...”. Neste mesmo espaço, logo abaixo da data e em cima da legenda com letras pequenas, há um link – mais informações – que aumenta o tamanho do *Box* onde é permitindo que o internauta visualize a categoria em que o vídeo foi classificado; no caso, essa vídeomontagem está categorizada como de *Notícias e política*. Há também a inserção de um grupo de palavras-chave que norteiam o campo de busca da vídeomontagem: “Lula corrupto PT bebem cachaça Larry Rother”.

A terceira é *Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula*¹⁶, na página do *YouTube* em que está postada, podemos visualizar do lado esquerdo um pequeno *Box* – assim como nas vídeomontagens já descritas – que esclarece a data em que foi postada: dia 23 de outubro de 2006, o autor que neste caso assina com o pseudônimo de *Itnzway* e uma legenda que diz:

Como pode o presidente chamar o povo de pelotas de viado??? Rejeitar comida em seu jatinho luxuoso depois de falar que pobre não precisa de muito!!! Diz que vai ao debate afirmando que responde a qualquer tema e depois avisa 1h antes que não irá!!! Diz que andou em cima de pau de arara quilômetros e quilômetros a vida toda e depois desmerece os esforços das pessoas que o acompanharam o dia inteiro (repórteres ou não) que querem tirar algumas fotos, desabafando com um curto e

¹⁴ As *tags* do YouTube são palavras identificadoras ou etiquetas colocadas pelo criador da vídeomontagem para que leve os usuários interessados naquele tema até a sua vídeomontagem ou vídeo permitindo que o internauta escolha os vídeos que deseja ver ao escrever no buscador as palavras de seu interesse.

¹⁵ http://www.youtube.com/watch?v=mQj_gOsGeNM

¹⁶ <http://www.youtube.com/watch?v=T7xQratTckA>

grosso "PORRA!"!!! O mais intrigante é o tamanho do ego dele que patrocina a gravação da própria vida dentro e fora dos bastidores e guarda tudo "no cofre"... deve ser um cofre feito papel, pois os vazamento das gafes e escândalos não param.

Neste mesmo espaço, logo abaixo da data e em cima da legenda com letras pequenas, há um link – mais informações – que aumenta o tamanho do *Box* onde estamos permitindo que o internauta visualize outras informações, como a categoria em que o vídeo foi classificado; no caso, essa vídeomontagem foi categorizada como de *Pessoas e Blogs*. Há também a inserção de um grupo de palavras-chave que norteiam o campo de busca do vídeo: “Lula PT viado Veado pelotas jatinho luxuoso aerolula pobre esbanjamento pau de arara fome campanha geraldo alckmin porra”.

A quarta vídeomontagem *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva*¹⁷ do lado direito do internauta tem na página em que está postada um pequeno *Box* que contém a data em que foi inserida: dia 7 de agosto de 2006, seu autor que utiliza um pseudônimo – *marcelo22002* – e uma legenda que diz: “dono de um linguajar e cultura singulares, Lula da Silva brilha com suas pérolas de sabedoria”. Neste mesmo espaço, logo abaixo da data e em cima da legenda com letras pequenas, há um link – mais informações – que abre espaço permitindo que o internauta visualize outras informações, como a categoria em que o vídeo foi classificado; no caso, essa vídeomontagem está categorizada como de *Humor*. Há também a inserção de um grupo de palavras-chave que norteiam o campo de busca do vídeo: “Lula PT Corrupção Safadeza”.

Após esta breve descrição de alguns detalhes sobre as vídeomontagens, acrescentamos que elas são pormenorizadas segundo o que se fizer pertinente nas análises; assim sendo, em nossos estudos no campo da AD, constatamos, em virtude de nosso tema que a escolha do material de análise é um gesto político, essa escolha não é isenta, não é neutra, ela vem carregada de um posicionamento que não implica necessariamente um posicionamento político partidário. Não é nosso objetivo “fazer política partidária” ou defender alguma postura, mas por nos filarmos a Análise do Discurso, nosso recorte já é político sem visualizarmos nenhum tipo de campanha ou militância. Vejamos o que diz Maingueneau sobre a AD:

¹⁷ <http://www.youtube.com/watch?v=HHGnJZJEZfU>

A análise do discurso é crítica pela própria seleção de seus objetos de investigação. Embora se possa construir uma infinidade de *corpora*, pouquíssimos textos são efetivamente estudados. As escolhas operadas pelo pesquisador são necessariamente ligadas a interesses ideológicos de ordens muito diversas, explícitos ou implícitos (2010, p.1).

O autor ainda explica que a AD é sempre crítica porque não autonomiza os textos, os relaciona às práticas sociais. “Toda análise do discurso implica uma perda de controle por parte dos Sujeitos, ela coloca em questão a própria categoria de Sujeito, que se encontra disperso numa pluralidade de práticas discursivas regradas e dominadas por um interdiscurso” MAINGUENEAU, 2010, p.2).

Capítulo 2

*“Nenhum governo pode ser sólido por muito tempo
se não tiver uma oposição temível.”*

Benjamin Disraeli

Uma leitura discursiva sob a perspectiva do gênero

No capítulo primeiro, descrevemos panoramicamente o suporte teórico-metodológico e o objeto de nossa pesquisa. Buscamos refletir sobre como as vídeomontagens constituem-se um *gênero discursivo*. Embora obliquamente seja pertinente para nossa pesquisa, não trataremos de questões relacionadas à polêmica em torno da definição do conceito de gênero, tampouco do seu desenvolvimento. Para nossa reflexão, a abordagem teórica em que estaremos embasados será a do conceito de gênero extraído do capítulo “Gêneros do Discurso” da obra “Estética da Criação Verbal” (2003, p.261), livro que apresenta as ideias desenvolvidas por Mikail Bakhtin para posteriormente realizarmos uma análise discursiva que será guiada por três elementos relativos ao gênero que estão essencialmente relacionados: a *estrutura composicional*, o seu *conteúdo temático* e *estilo verbal*.

Um gênero não deve ser tomado como uma categoria dada *a priori*, já que sua configuração é determinada por condições heterogêneas de produção de discursos. Um gênero implica modo de utilização da língua, isto é, modos diferentes de funcionamento pelos que compõem diversos grupos da atividade humana; assim, os diversos modos de utilização da língua podem resultar em variados tipos de enunciados, denominados pelo autor como *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2003). Portanto, antes de partirmos para suas reflexões em torno da questão do gênero, torna-se imprescindível que possamos expor como Bakhtin trata da questão do enunciado como realização de língua para entendermos sua singular teoria sobre os gêneros discursivos.

Segundo Bakhtin, é imperativo, em qualquer corrente de estudo, que se conheça “a natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados, isto é, gêneros do discurso” para realizar uma investigação sem distorções e bem embasada, já que é por meio do enunciado que a “língua integra a vida” e que “a vida entra na língua”, é nele também que se pode levantar alguns aspectos linguísticos como os da estilística (2003, p.265).

Assim, a distinção entre a *oração* como *unidade de língua* e o *enunciado* como *unidade de comunicação discursiva* é trazida para elucidar as características que compõem o enunciado. Para isso, o autor afirma que a oração é “um pensamento relativamente acabado, imediatamente correlacionado com outros pensamentos do mesmo falante no conjunto do seu enunciado”, a oração não está incluída em um *contexto extra-verbal da realidade*, também não está relacionada com enunciações de outros falantes (BAKHTIN, 2003, p.277).

O enunciado é tido como *real unidade de língua* porque irá compor enunciações dos sujeitos do discurso. Enunciações essas que podem ser diferentes, contudo apresentam *peculiaridades estruturais comuns* que iremos estudar agora de maneira sucinta para conhecermos melhor o enunciado. Antes disso, acrescentamos que todas essas propriedades e peculiaridades que iremos apresentar quando pertencentes a uma oração fazem com que ela se torne um enunciado pleno, isto porque ela não é delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso, não apresenta contato com a realidade imediata, nem relação com outros enunciados, não tem a capacidade de suscitar uma posição de resposta, responsiva do outro; portanto, ela tem natureza, fronteiras e leis estritamente gramaticais (BAKHTIN, 2003).

A *alternância dos sujeitos do discurso* revela quais são os limites de um enunciado concreto, isto é, onde deve terminar o enunciado de um diálogo para que comece a resposta dos enunciados dos outros participantes que pode ser entendida como *compreensão ativamente responsiva*. Importante acrescentar que os limites impostos pela *alternância dos sujeitos do discurso* estão ligados aos diferentes campos da atividade e da vida humana em que este enunciado está inserido assim como ele está sujeito as funções da linguagem, condições e situações de comunicação, tudo isso mostra que ele é de natureza e forma diversas. Nas palavras do teórico russo:

O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi”

percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou (BAKHTIN, 2003, p.275).

Outra particularidade do enunciado como unidade da comunicação discursiva é a *conclusibilidade* que está ligada a *alternância dos sujeitos do discurso* porque há uma alternância interna que aponta o fim do enunciado em dado momento e condições, possibilitando que se perceba o “dixi” conclusivo. A *conclusibilidade* é determinada pela possibilidade de *responder a ele* e quando há uma *inteireza*, isto é, para que haja conclusibilidade é preciso que a posição responsiva esteja ocupada e que o enunciado esteja completo, inteiro, daí o princípio da *inteireza* (BAKHTIN, 2003).

Este indício de *inteireza* do enunciado é determinado por três fatores: a exauribilidade do objeto e do sentido que pode ser entendida como aquilo que esgota o sentido do objeto principalmente em campos em que os gêneros são padronizados, em outros em que não há padronização há uma relativa conclusibilidade que o coloca em determinadas condições; o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante mostra “o que o falante quer dizer” (BAKHTIN, 2003, p.281), o participante que toma o *todo* – os enunciados antecedentes, por exemplo – do diálogo logo percebe o que o falante quer dizer, escolha que irá determinar a forma do gênero em que será construído o enunciado, o objeto, seus limites e a exauribilidade semântico-objetiva; as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento são outro fator, entendidas como as “formas estáveis *de gênero* do enunciado” (Id., Ibid., p.281) reúnem a vontade discursiva do falante com suas especificidades – campo da comunicação discursiva, considerações temáticas, situação concreta da comunicação discursiva, composição pessoal dos participantes – e a intenção discursiva do falante com sua individualidade e subjetividade para, então, compor uma forma de *gênero*. Portanto, “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*” (BAKHTIN, 2003, p.282, grifos do autor).

Além da *conclusibilidade* do enunciado, a *entonação expressiva* – o tom – é outro traço que o caracteriza, ela está ligada e pode ser percebida nitidamente na execução oral. Fora do contexto do enunciado, no sistema da língua ela é inexistente, isto porque a oração, por exemplo, enquanto *unidade de língua* não detém uma entonação expressiva já que não se relaciona com contextos extra-verbais. Deste modo, se uma palavra é carregada de entonação expressiva, ela passa a ser um enunciado que carrega particularidades que dialogam entre si e

com outros enunciados. Para Bakhtin, a *entonação expressiva* é um recurso que o locutor utiliza para expressar “a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado” (BAKHTIN, 2003, p.289), não há, nos diversos campos da comunicação discursiva, palavra que não carregue marcas dessa relação de valor inoculadas ao longo da sua história.

Parte constitutiva do enunciado, a entonação expressiva tira da oração e da palavra o *status/lugar* de neutralidade e dá a elas um lugar na “realidade concreta” quando lhe é adicionada alguma tonalidade expressiva. Bakhtin resume:

“Ora, é precisamente isto que ocorre no processo de criação do enunciado. Repetimos, só o contato do significado lingüístico com a realidade concreta, só o contato da língua com a realidade, o qual se dá no enunciado, gera a centelha da expressão: esta não existe nem no sistema da língua nem na realidade objetiva existente fora de nós” (BAKHTIN, 2003, p.292).

A cada processo de comunicação e seus enunciados não são construídos livremente e de maneira inédita, pois a comunicação seria quase impossível se tivéssemos que criar sempre novos gêneros. Por isso, as formas de gêneros, diferente das formas da língua, são maleáveis e se adaptam a cada nova necessidade, ou, ainda, podem fundir-se para criar um novo gênero. A vontade do falante é logo expressa por meio da escolha de determinado gênero, considerando sempre a importância da *entonação expressiva* que pode refletir a sua individualidade (BAKHTIN, 2003).

Quando buscamos uma palavra para compor nosso discurso, ela não é, na maioria das vezes, retirada do sistema em sua forma neutra, mas carregada de sentido de outros enunciados que já fazem parte de um conjunto similar – pelo tema, composição, estilo - à que estamos ligados. Nossa escolha leva em conta a que gênero – forma do enunciado - determinada palavra está ligada e, por conseguinte a que situação discursiva típica, a que temas típicos, e quando fazemos esse levantamento estamos construindo o enunciado e o gênero que irá compor o nosso discurso.

Em suma, todo enunciado é um fio na teia da comunicação discursiva; eles se entrecruzam, se refletem, se conhecem e influenciam uns aos outros na dinâmica da alternância dos sujeitos e na atitude responsiva que eles exercem nessa teia de relações

recíprocas de múltiplos formatos. Sobre essa relação que o autor propõe o que nos interessa é que o enunciado não é determinado apenas pelo seu elemento semântico-objetual, mas também por outros enunciados do mesmo tema com os quais temos uma atitude responsiva e, muitas vezes, “polemizamos”; é em virtude desses embates que escolhemos determinados elementos e não outros para significar em nosso discurso, que realizamos repetições e na escolha de expressões apaziguadoras ou polêmicas é que, muitas vezes, determinamos o *tom*. Por isso, quando interpretamos um enunciado não devemos centrar nossas ideias somente nele, mas nas relações que ele estabelece; no caso do falante, não devemos tomar como expressão do enunciado que ele profere não só sua relação com seu próprio objeto, mas com os enunciados dos outros (BAKHTIN, 2003).

Do ponto de vista sintático, a inserção das palavras do *outro* identificadas como tais, causam estranheza já que não se pode estabelecer uma relação entre esta inserção e as relações sintáticas, as centradas no objeto ou no sentido. Diferentemente disso, elas funcionam como as réplicas do diálogo e quando salientadas com aspas no texto escrito ou com a entonação expressiva no texto oral representam a *alternância dos sujeitos do discurso* no interior de um enunciado (BAKHTIN, 2003). É importante que o discurso do outro expresse o que ele quer e o que o enunciado que o absorveu quer; o mais intrigante é levantar em um enunciado os movimentos de alternância dos sujeitos do discurso e as tonalidades dialógicas das mais variadas espécies. Destas proposições saltam mais uma vez o fato de que o enunciado é resultado da situação comunicacional discursiva mais a relação com outros enunciados de alguma forma conexos.

O objeto do discurso do falante não é tratado pela primeira vez por ele, alguém já o trouxe para seu próprio enunciado. Bakhtin elucida:

“O objeto, [...], já está ressaltado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; neles, se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes”. O enunciado é construído sobre seu objeto e sobre os discursos que circulam sobre ele, há “atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas” (2003, p.299-300).

Outro traço constitutivo do enunciado é o fato dele ser pleno de *tonalidades dialógicas*, mesmo que não haja uma pronta responsividade, ela irá revelar-se na tonalidade do sentido, na tonalidade da expressão, na tonalidade do estilo, nos entremeios da composição

para que possamos perceber o estilo deste enunciado já que formamos nossas ideias no processo de interação com o outro; efetivamente no diálogo é que nos espelhamos nas ideias dos outros para então construir a nossa que pode funcionar como resposta.

Em virtude disso, é possível pensar que

[...] o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes mas também aos subseqüentes da comunicação discursiva. Quando o enunciado é criado por um falante, tais elos ainda não existem. Desde o início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos *outros*, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande [...] (BAKHTIN, 2003, p.301, grifos do autor).

Outro aspecto que deve ser trazido para que possamos pensar a questão da elaboração do gênero vídeomontagem é que não só elas foram elaboradas em torno do político e candidato Lula e os enunciados que o precederam como também elas estão ligadas aos enunciados que surgiram depois da comunicação discursiva. Quando o enunciado é criado ainda não existem essas respostas, todavia ele se forma levando em conta que essas atitudes responsivas existirão, e têm um papel significativo e devem produzir uma ativa compreensão responsiva.

Todo enunciado tem autor e destinatário, há um *direcionamento* a alguém, um *endereçamento* que são outro traço constitutivo. Em nosso trabalho, tratamos de uma coletividade que navega na internet e acessa sites que abrigam vídeos. Mas há destinatários das mais diferentes categorias e grupos e até destinatários não definidos, o que o determina é o campo de atividade humana no qual o enunciado se alude. É esse destinatário que norteará a escolha do falante na construção do gênero utilizado, pois “cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero” (BAKHTIN, 2003, p.301).

É levado em conta as percepções e conhecimentos que o destinatário possa ter, o que ele pode saber sobre determinado campo, o que de alguma forma se pode inferir sobre ele e assim o falante poder visualizar qual será sua “ativa compreensão responsiva sobre o enunciado que está produzindo” (BAKHTIN, 2003, p.302). Pensando na questão do *direcionamento*, essas considerações irão conduzir a escolha dos *recursos lingüísticos* –

lexicais, morfológicos e sintáticos – disponíveis na língua para que o falante possa manifestar o que pretende por meio de um enunciado concreto imbuído por esse *direcionamento* e configurado por um *estilo*. A seleção dessas ferramentas linguísticas será feita pelo falante levando em conta o destinatário e sua resposta antecipada, isto, muitas vezes, de forma mais ou menos intensa.

O enunciado, segundo Bakhtin, é *real unidade da comunicação discursiva* com suas individualidades e particularidades, “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, que denominamos *gêneros do discurso*” (2003, p.262, grifos do autor). Os elementos que estão intimamente conectados ao todo do enunciado e são determinados pelas características de certo campo da comunicação são: o *conteúdo temático*, o *estilo* e a *construção composicional*. Em outras palavras, ainda de acordo com Bakhtin, diríamos que os diversos modos de utilização da língua podem resultar em variados tipos de enunciados, designados como *gêneros do discurso*. Contudo, ainda que tenhamos uma quantidade enorme de gêneros discursivos funcionando na sociedade, não o temos na mesma proporção de grupos de falantes. Isto porque se houvessem tantos gêneros quanto falantes, a comunicação seria impossível; e um gênero não resulta de uma produção individual, e sim de um processo histórico. O que vale dizer que os gêneros não surgem aleatoriamente ou totalmente desvinculados de uma regularidade; ao contrário, eles provêm de enunciados *relativamente estáveis*, os gêneros do discurso.

As relações incessantes entre os indivíduos abrem diversos e inumeráveis campos que se tornam palco para a criação dos mais diversos tipos de gêneros: desde o simples diálogo do cotidiano até os documentos oficiais de diferentes papéis e origens. A partir da concepção da grande diversidade de gêneros existentes, foi possível pensar nos gêneros discursivos primário e secundário (BAKHTIN, 2003).

Asseverar sobre o caráter *relativamente estável* do gênero significa afirmar que os sujeitos utilizam enunciados já existentes na sociedade, os chamados **gêneros primários**, os quais resultam de circunstâncias enunciativas cotidianas, aqueles que se formaram nas condições de comunicação discursiva mais simples e imediatas. Entretanto, a utilização dessas estruturas pelos sujeitos em circunstâncias enunciativas mais complexas provoca relativos deslocamentos em sua composição, o que possibilita a emergência dos **gêneros**

secundários que surgem num convívio cultural mais complexo e relativamente desenvolvido e organizado.

Após esta breve exposição sobre alguns pontos que norteiam o conceito de *gênero do discurso* segundo Bakhtin (2003), partiremos para o segundo momento deste capítulo em que tentaremos pensar nos três elementos que envolvem nosso objeto de estudo o caracterizando como vídeomontagem.

2.1 Vídeomontagem: um gênero do discurso?

Nos dias atuais, podemos constatar uma modificação nas relações humanas com a popularização da internet, visto que, predominantemente, os diálogos passaram a acontecer nas salas de bate-papo – MSNs –, as correspondências são enviadas por e-mail, e as imagens que estavam sempre na TV, passam a frequentar outros suportes e foram parar em sites como o *YouTube*; assim, cria-se um campo propício à produção rápida de gêneros discursivos numa *relação dialógica* realmente enriquecedora (BAKHTIN, 2003). Com base em nosso material de análise, podemos constatar que a comunicação humana acontece no mundo virtual, permitindo o deslocamento de elementos para a construção de um gênero –as vídeomontagens – que pode carregar de sentido o discurso que se quer produzir.

Interessa-nos, neste momento, tentar apontar como se configuram as vídeomontagens que constituem nosso material de análise a fim de responder algumas questões trazidas para este trabalho: Porque as vídeomontagens podem ser consideradas um gênero do discurso? Quais os elementos utilizados para a construção desse gênero? Como ele está imbricado com o discurso derrisório no seu objetivo de descaracterização?

As quatro vídeomontagens disponíveis na Web – caracterizadas como *humorísticas* – e objeto de nossa análise, já foram pormenorizadas quanto ao site que as abriga no primeiro capítulo desta dissertação. Todas postadas no ano eleitoral de 2006 têm como objetivo desqualificar a figura de Lula fazendo o recorte de diferentes momentos do presidente e (re) significando as informações para levar os internautas ao riso; riso que demonstra a aprovação do espectador e a partilha das ideias tornando o produtor do discurso derrisório vencedor (MERCIER, 2001).

Com base na teoria dos gêneros do discurso de Mikhail Bakhtin (2003), realizaremos a descrição do material e posteriormente interpretaremos aspectos da *construção composicional*, do *conteúdo temático* e do *estilo* que compõem cada uma das vídeomontagens. Segundo o autor:

Uma determinada função e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis (BAKHTIN, 2003, p.266).

A ordem da análise que pretendemos realizar será a seguinte: primeiro, *Lula o analfabeto*; segundo, *Lula Bebum*; terceiro, *Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula* e, por último, *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva*.

Dadas as condições do seu aparecimento, conceberemos as vídeomontagens como um gênero discursivo de caráter secundário (BAKHTIN, 2003) que, de certa forma, deriva de outros gêneros (debates, entrevistas, propagandas políticas, etc.) produzidos em circunstâncias comunicacionais historicamente marcadas. De maneira geral, podemos dizer que o produtor das vídeomontagens selecionadas faz recortes de debates, discursos, festas, viagens, bastidores e outras aparições, insere na vídeomontagem e posteriormente, introduz um enunciado outro que carrega um tom irônico ou direto sobre o que foi mostrado.

2.1.1 Lula o analfabeto

Em *Lula o analfabeto* ou *Lula Escorregadas*, encontramos pequenos vídeos compostos por recortes da fala do presidente Lula que são intercalados por slides nos quais aparecem os discursos derrisórios – estes, por sua vez, se utilizam da linguagem escrita, das cores e do som. Vejamos a descrição das duas primeiras sequências da vídeomontagem a título de exemplificação para um melhor entendimento de sua *construção composicional* e *conteúdo temático*:



figura 2 (00:01)



figura 3 (00:02 – 00:06)

Ao visualizarmos o primeiro slide – figura 2 – por um segundo, encontramos a palavra “escorregadas” que nos remete ao ato de perder o equilíbrio, pode também, no imaginário social, nos permitir pensar no fato de alguém cometer um erro, um deslize. A justificativa aparece logo na sequência dois quando há a comprovação deste deslize sugerido. Fica clara a finalidade da escolha lexical “escorregadas” com o objetivo de desqualificar o candidato por meio da língua nos slides expostos a seguir.

E2¹⁸: “o *seu* Ministro da Fazenda ir todo ano a Washington pegar dinheiro para fechar as conta(s)”¹⁹. (Figura 3)

Neste primeiro recorte do discurso de Lula²⁰ no debate na TV Bandeirantes, ele aparece vestido de terno e gravata, no fundo do vídeo há um painel azul com algumas letras brancas, não está nítido, mas se pode inferir – já que esta configuração se repete nos slides subsequentes – que se trata das palavras *economia* e *justiça*. Logo abaixo no canto esquerdo do vídeo, há o logotipo da TV Bandeirantes e a indicação de que o debate está sendo transmitido *Ao Vivo*. O recorte é inserido, **soa a campanha** e ele é retirado somando-se quatro segundos para a entrada do slide que carrega o discurso:

¹⁸ E1: Sujeito Outro

E2: Lula

¹⁹ Buscando manter uma posição analítica exclusiva sobre o discurso, optamos por transcrever semanticamente entre parênteses o discurso primeiro – do Lula – e descrever as orientações interpretativas do discurso do produtor do vídeo, visando a não provocar outros possíveis discursos, já que, em muitos recortes, determinados sons produzidos pelo enunciador primeiro não nos parecem tão nítidos. Assim, não enfocaremos a fonética dos enunciados primeiros, mantendo a ortografia original das palavras.

²⁰ Nos demais slides, a descrição das vestimentas e do plano de fundo é a mesma, quando esta configuração mudar em algum slide será feita a descrição detalhada.



figura 4 (00:07)

A figura acima nos mostra o discurso do sujeito-enunciador referindo-se à suposta inexistência do som da letra *s* para formar o plural da palavra *conta* e, como na maioria dos slides, aparece escrito em letras brancas minúsculas com fundo preto. No total somam-se 33 slides que estão inseridos entre sequências de imagens constituídas por recortes do debate eleitoral realizado pela TV Bandeirantes para o segundo turno no dia 8 de outubro de 2008. Cada slide permanece por aproximadamente quatro segundos, sendo o tempo total do vídeo quatro minutos e quarenta segundos, o que nos permite pensar que se trata da *construção composicional* desta vídeomontagem.

É interessante observar que após cada edição de enunciado *mal formulado* ou *mal pronunciado* pelo então candidato, soa uma suposta “campainha”, o que sugere a inserção do discurso na configuração de um *Quizz Show* (programa de perguntas e respostas em que os acertos valem prêmios e os erros “desclassificam” o participante), permitindo a construção do discurso humorístico.

Como um gênero de caráter secundário, a vídeomontagem acima descrita comporta os elementos retirados do debate televisivo e do *Quizz Show* que desvinculados do meio onde circulam e os demais enunciados que com eles interagem, passam a fazer sentido na construção de enunciados que suscitam polêmica. De tal modo que essas vídeomontagens aqui analisadas, quando nascem, apóiam-se em outros vídeos ou imagens já existentes – no caso, o debate eleitoral e o jogo de perguntas e respostas (BAKHTIN, 2003).

Entretanto, quando se assiste a um *Quizz Show*, em geral, ninguém torce para que o jogador erre e *seja desclassificado*, mas sim, que ele acerte e *receba o prêmio*. Na vídeomontagem, este sentido é deslocado, já que, a cada trecho de fala do presidente, o falante insere um enunciado que aparece após a campainha, criando uma expectativa em torno do “erro”. A partir da primeira campainha em que surge o slide “faltou um esse” – figura 4 – é aberta uma expectativa – todas as demais vezes em que a imagem de Lula aparece, esperamos

que ele cometa o suposto “erro”. A campanha que soa após cada fala atesta esse “erro”; assim, depois de dois ou três enunciados, não se espera mais o texto, ele não precisa entrar, não é mais essencial mostrar o “erro” para levar ao riso. Diríamos, portanto, baseados nestas observações que o *conteúdo temático* – assim como veremos nas próximas vídeomontagens – trata da desqualificação do presidente (na época, candidato a reeleição); contudo, nesta vídeomontagem a desqualificação é feita predominantemente acerca do modo como ele utiliza a linguagem. Há a associação de uma incompetência linguística a uma incapacidade administrativa ao demonstrar durante toda a vídeomontagem os supostos “erros” de português cometidos pelo presidente.

Quanto ao *estilo*, o produtor das vídeomontagens utiliza a chamada linguagem oral/coloquial para que se possa construir a idéia de proximidade com o seu espectador/internauta, há também a repetição do que disse Lula e, muitas vezes, a escrita de algumas palavras com alguns “erros” ortográficos, a ironia também é um recurso utilizado. Contudo, o que prevalece quanto ao *estilo* são as perguntas retóricas, elas aparecem na maioria dos slides, marcando uma suposta interlocução entre o produtor das vídeomontagens e os espectadores.

Vejamos a sequência 14²¹ em que há o uso de palavras ou expressões que marcam a linguagem oral e a coloquialidade; julgamos que o uso dessas marcas possam aproximar o produtor do discurso e o internauta com o intuito de buscar um acordo, uma adesão ao que está sendo dito. Observemos:

14. E2: “*você esqueceu de dizer que aqui em São Paulo tem crianças que estuda(m) no horário do almoço*” (01:36 – 01:40)

Soa a campanha

²¹ O número da sequência refere-se a transcrição total da vídeomontagem e não apenas aos recortes trazidos para a análise.

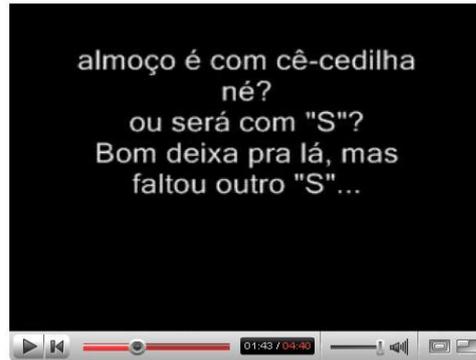


figura 5 (01:41- 01:47)

Neste slide – figura 5, em que o sujeito-enunciador se refere à suposta falta de concordância verbal em *crianças que estudam*, há a utilização do advérbio **né** (não é?) que é usado como um marcador conversacional, sugerindo um pedido de sanção ou de consentimento ao que foi dito. E a expressão “Bom deixa pra lá” também é uma marca da linguagem oral que convoca o sujeito-co-enunciador a um suposto diálogo sobre os “erros”.

Outro recurso utilizado pelo sujeito-enunciador é a repetição dos supostos “erros” cometidos por Lula, isto é, ele insere nos slides essas “falhas” e, muitas vezes, insere outras no seu próprio discurso que não foram proferidas pelo candidato, possivelmente com o intuito de prender a atenção do leitor e de sedimentar os “erros” cometidos por Lula quebrando certa lógica de que o produtor deveria escrever “corretamente”, pois sabe o que seria “certo” e “errado” já que ele se propôs a corrigir as “escorregadas”, provocando, com isso, o humor e, por consequência, o riso. Analisamos este caso na sequência 14 exposta acima em que há uma observação sobre a ortografia da palavra almoço, na sequência 4 em que ele refere-se a nasalização da penúltima sílaba, na 7 em que faz referência ao suposto erro de vocabulário da palavra *total flex* e na sequência 10 acerca da suposta inexistência do *s* em *reformados*. Vejamos:

4. E2: “*e da mesma forma que ela descobriu o caso sanguessu(n)ga*” (00:12 – 00:14)
Soa a campanha



figura 6 (00:15 – 00:18)

7. E2: “o carro *fléxil*” (00:29 – 00:30)

Soa a campanha

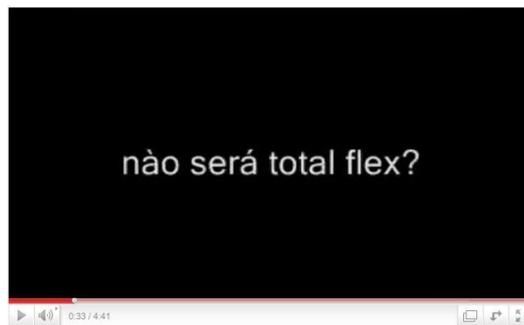


figura 7 (00:31 – 00:32)

10. E2: “são 74 hospitais que estão sendo reformado(s) pelo governo” (00:51 – 00:55)

Soa a campanha



figura 8 (00:51-00:59)

É importante salientar que o recurso predominante é o de perguntas retóricas, ele é recorrente em quase todos os slides e aparecem, muitas vezes, carregados de ironia²² como nas sequências abaixo.

12. E2: “*depois de falar tanto em segurança pública, sociedade brasileira ser pego(a) de surpresa, primeiro com um governo que criou duas secretaria(s)*” (01:14 – 01:20)

Soa a campainha

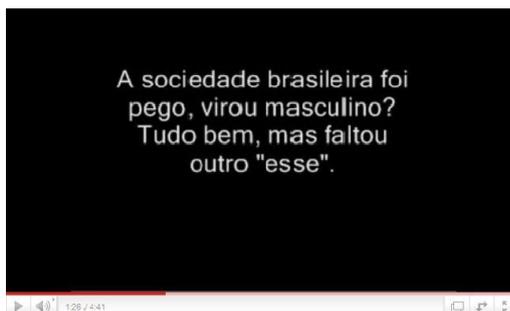


figura 9 (01:21 – 01: 26)

25. E2: “*depois nós provamos que as exportações dobrô(aram)*” (E1 faz um recorte de *as exportações dobrô(aram)* e repete esta sequência mais duas vezes). (03:27 – 03:32)

Soa a campainha



figura 10 (03: 33 – 03:36)

²² O uso deste recurso será tratado mais aprofundadamente no capítulo 3.

28. E2: “a reprovação triplicou no ensino médio e dobro(u) no ensino fundamental” (03:53 – 03:57)

Soa a campainha



figura 11 (03:58 – 04:01)

31. E2: “e vou repetir aqui, e para que a gente tenha emprego de mais qualidade” (04:19 – 04:22)

Soa a campainha

E2: “ora um pouco de comodito(ties) ora um pouco de produto manufacturado” (04:23 – 04: 28)

Soa a campainha

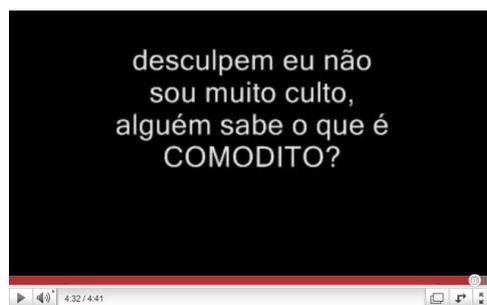


figura 12 (04:29 – 04:32)

Podemos interpretar que essas formulações enunciativas que apelam ao uso de perguntas retóricas nos sugerem que o objetivo principal do sujeito enunciador é o de que o sujeito-co-enunciador concorde com o que está sendo dito; as perguntas criam um espaço para concretização da *relação dialógica* existente entre os sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2004); portanto, há um reforço a todo instante desta adesão que se deve ter com as ideias do produtor da vídeomontagem para que o humor se construa e provoque o riso.

A imbricação desses três elementos *construção composicional, conteúdo temático e estilo* no gênero vídeomontagens suscita essa relação sujeito-enunciador e sujeito-co-enunciador do discurso para que o gênero seja construído e cumpra seu papel, sem esta adesão do espectador não há construção efetiva do gênero vídeomontagens e, portanto, não há a possibilidade de resgatar certa expressividade para construir o humor.

2.1.2 Lula Bebum

Com o título de *Lula Bebum*, a vídeomontagem - composta por 17 slides - traz diversas imagens, sendo a maioria delas do presidente Lula sempre envolto em alguma situação informal ou sem a clareza do que realmente ele estaria fazendo. Durante a visualização de cada imagem, na maioria delas, há a inserção de uma tarja vermelha que carrega o discurso do produtor da vídeomontagem que tem como objetivo afirmar que Lula consome bebida alcoólica demasiadamente e por isso mostra-se incapaz de governar o país.

A inserção desta tarja vermelha nos sugere a construção do sentido de proibição, o que Lula faz é inaceitável devido ao posicionamento e as responsabilidades assumidas por um presidente da República, ele não deveria embriagar-se. Essa sequência de imagens que tem o tempo total de três minutos e seis segundos e é composta por fotos do presidente Lula em diferentes momentos, garrafa de bebida alcoólica, charges, imagens de seus supostos opositores e montagens fotográficas enquanto a vídeomontagem é exibida, é executada a música “*Eu bebo sim*” interpretada pela cantora Elizeth Cardoso.

Nos parágrafos acima, nos voltamos para a exposição da *estrutura composicional* quanto ao *conteúdo temático* é possível afirmar que tem como finalidade a descaracterização de Lula – como em todas as vídeomontagens –; todavia, em *Lula Bebum*, o foco está na acusação de Lula consumir demasiadamente bebida alcoólica. Ademais, salientamos que esta vídeomontagem acresce outras descaracterizações como: analfabeto, burro, desonesto, corrupto; deste modo, ela além de construir sentido em torno do uso de álcool, ela também permeia outros campos que podem descaracterizá-lo, diferenciando-se da primeira vídeomontagem que tem o foco principal o uso indevido da língua e perpassa por outros pontos de modo muito sutil e assemelhando-se as demais que enfocam a descaracterização, mas resvalam em outros temas.

Quanto *estilo*, as afirmações feitas sobre Lula são de maneira direta e contundente, muitas vezes, apoiando-se em fatos recolhidos do cenário sócio-político atual como se nota nos slides 6, 10, 11; respectivamente as figuras 13, 14, 15.



figura 13 (00:32 – 00:37)

No slide seis – figura 13, Lula levanta uma caneca que supomos ser de *chopp* e logo aparece na frente da foto a tarja vermelha com a seguinte frase em letras brancas e entre aspas: “*O Lula é bebum*”; enquanto ouvimos trecho da música: *...tem gente que já está com o pé na cova...* Entendemos que o sujeito enunciador é categórico ao afirmar que *Lula é bebum*; contudo, ele não o faz de maneira aleatória, há a comprovação quando observamos na imagem o olhar de Lula para a caneca de *chopp*. Seu olhar fixo em direção a bebida, a frase com a tarja vermelha (que nos remete a significação de proibido) mais o trecho da música constroem o sentido desejo pelo sujeito-enunciador de modo a promover seu julgamento sobre Lula e atestar o que afirma: Lula consome bebida demasiadamente este vício o faz uma pessoa doente, desequilibrada.



figura 14 (00:58 – 01:02)



figura 15 (01:03 – 01:07)

O slide 10 – figura 14 – traz a foto do ditador Saddam Hussein, um segundo após visualizarmos sua imagem, surge uma tarja vermelha com o seguinte enunciado em letras brancas: *numa atitude digna de ditador...* A tarja vermelha que carrega o enunciado permanece e o que muda é a imagem; a imagem que aparece em seguida é o slide de número 11 que carrega uma foto de Fidel Castro usando sua tradicional farda verde. Esta descrição da

sequencia de slides pode confirmar nossa hipótese sobre o sujeito-enunciador ser direto em suas acusações e utilizar-se das imagens e da música para sedimentar as ideias que quer transmitir.

Além disso, mesmo tendo como foco a bebida, a vídeomontagem também compara Lula a dois ditadores, abarcando, portanto, outros pontos além do proposto no início da vídeomontagem. Neste caso, os espectadores são levados a pensar em atitude digna de ditador porque Lula, segundo a vídeomontagem, teria expulsado o jornalista americano Larry Rother do país em virtude da publicação de um artigo²³ redigido por ele para o jornal *The New York Times* em 2004 em que há insinuações sobre a dependência do presidente do pelo álcool.

O último slide (02:00 – 02:06) vemos Lula sentado em frente a uma bancada em que ele apóia seu cotovelo direito e suas mãos estejam seu queixo, ele olha para o seu lado direito sem ver que o garçom traz na sua mão esquerda uma bandeja com taças de água enquanto a mão direita está estendida como quem irá servir o presidente. Mas, entendemos que ele não quer, não faz questão de beber água, mas se fosse cerveja, ele se interessaria. O que nos interessa aqui são os enunciados que surgem logo após a inserção da imagem descrita acima que depois de alguns segundos desaparece e dá lugar a um fundo preto. O discurso que pode fazer a leitura foi transcrito abaixo e atesta nossa hipótese da vídeomontagem ter um aspecto acusativo e direto.

Impeachment Já Pois o menor.....dos pecados de Lula é a bebida...; Sua conivência com a corrupção, improbidade administrativa, falta de decoro e ética. Tudo isso somado ao fato de que ele acha estar salvando o país, tão somente lastreado na sua imagem, como se ele fosse a reencarnação de Deus. Pois nada existia antes de sua chegada ao poder... Francamente... CHEGA DE LULA Impeachment Já. (02:00 – 03:06).

Contudo, o *estilo* predominante ao elaborar as formulações enunciativas desta vídeomontagem diz respeito à pontuação. As reticências estão presentes na maioria dos slides como no transcrito acima em que aparece o discurso do sujeito-enunciador; permitindo-nos interpretar que seu objetivo é deixar o sentido da frase em aberto deixando que o sujeito-co-enunciador faça sua interpretação pessoal, caso que supomos não ocorrer aqui. Isto porque a

²³ <http://www.nytimes.com/2004/05/09/international/americas/09lula.html?pagewanted=1>

junção imagem e materialidade discursiva pode induzir a interpretação desejada pelo produtor da vídeomontagem, isto é, ela direciona o olhar em consonância com o objetivo do sujeito-enunciador. Na sequência exposta acima, notamos que a imagem descrita é de Lula rejeitando água, pois o que ele consome é somente bebida alcoólica já que parece tratar com indiferença o garçom; o discurso inserido logo após reafirma a idéia da bebida ao dizer que ela é um dos seus menores pecados, mas levanta outros pontos para atacar a imagem do, então, candidato ao sugerir sua prepotência e deixar que o sujeito-co-enunciador chegue a conclusão desejada por meio do uso das reticências. Assim como na sequência abaixo em que o produtor da vídeomontagem não redige a palavra *burro* na tarja vermelha, mas sugere no entrecruzamento, sequência de imagens mais materialidade discursiva por meio do emprego das reticências.



figura 16 (01:49 – 01:55)



figura 17 (01:56 – 01:59)

O uso deste recurso também pode indicar a continuidade de uma ação ou fato ou a suspensão ou interrupção do pensamento como nas sequências abaixo. Fica evidente em todos os casos que ao adentrarmos num percurso que investiga os sentidos que se pretende sedimentar, notamos a busca de um diálogo com o sujeito-co-enunciador para que esse possa aderir à posição sugerida e assim compactuar com as ideias e permitir a construção de um discurso humorístico.



figura 18 (00:38 – 00: 45)



figura 19 (00:46 – 00:50)

A figura 18 – sétimo slide – mostra Lula e Marisa na festa junina de 2004 na Granja do Torto ²⁴ em Brasília. Eles estão trajados de “caipiras” ²⁵, traje típico do mês de julho quando se comemora as Festas Juninas no Brasil. Após dois segundos, aparece uma tarja vermelha com o seguinte enunciado: *então Lula, uma pessoa séria..*. Aqui a ironia também é arquitetada na junção imagem mais materialidade discursiva e som para construir o sentido de desmoralização do político, pois ele não teria uma postura séria e condizente com seu cargo, a vida seria uma brincadeira, sem a preocupação que deve ter o presidente da república.

Na figura 19 – oitavo slide – permanece o mesmo enunciado, mas aqui a junção da materialidade discursiva, o trecho da música (som) *...não bebeu e isto prova que a bebida não faz mal/ uma pro santo, bota o choro... a saideira, desce toda prateleira...* mais a imagem que mostra Lula de perfil supostamente tocando um berrante ao lado do cantor sertanejo Zezé de Camargo²⁶; este gesto feito pelo presidente completa o sentido pretendido de que ele é *bebum*, isto porque ele levanta o berrante como quem levanta uma caneca de *chopp*, por exemplo, para bebê-lo; mesmo a palavra não estando escrita na tarja, as reticências permitem que o sujeito-co-enunciador faça esta inferência.

²⁴ http://www.imprensa.planalto.gov.br/exec/inf_fotografiagrande.cfm?foto=14062004P00003V

²⁵ <http://www.estadao.com.br/arquivo/nacional/2004/not20040613p36616.htm>

²⁶ <http://www.estadao.com.br/arquivo/nacional/2004/not20040612p36613.htm>

2.1.3 Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula

Com o tempo de dois minutos e 45 segundos, *Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula* é composta por cinco filmagens do presidente em momentos distintos. É feito um recorte de determinadas falas e aparições do presidente que foram registradas por uma máquina filmadora. A cada recorte inserido é intercalado um slide que se constitui como a fala do produtor da vídeomontagem caracterizando a *construção composicional*. O primeiro vídeo recortado inserido atesta o título quando traz Lula “rejeitando” a comida que é oferecida no avião em que ele viaja, o último vídeo também justifica o título – como apontaremos logo abaixo –, pois mostra Lula tecendo comentários sobre a homossexualidade masculina. Contudo, é importante salientar que há a exposição de outros temas como corrupção, desonestidade, falta de decoro que também são trazidas ao longo das demais vídeomontagens comprovando nossa hipótese já citada sobre o *conteúdo temático* destas vídeomontagens. Observemos como se constitui o caso do último trecho.

Assim que visualizamos a imagem que compõem o último vídeo, ouvimos uma nota de sanfona ou acordeom rapidamente que remete a idéia de reprovação; apesar disso, imbricado ao que diz o vídeo, irá ser construído um discurso de humor. Lula é visto alinhando o terno e a gravata de outro homem que está na sua frente, como se fossem amigos, companheiros políticos. Como pano de fundo, temos uma espécie de painel da cor vermelha onde está estampado o símbolo do Partido dos Trabalhadores – PT – na cor branca. Lula tem um diálogo com o colega como podemos constatar na transcrição a seguir e na sua segunda fala ele sorri olhando para o seu lado esquerdo – figura 20.

E2: “*Pelotas é a cidade pólo, não é?*”
Companheiro de Lula: “*Claro*”
E2: “*Exportadora de viado!*” (02:34 -02:39)



figura 20 (02:38)

O *estilo* utilizado pelo produtor da vídeomontagem é arquitetado com a utilização de palavras colocadas em destaque e que conduzem a pensamentos contrários a cada sequência de slides mais vídeos. Essa escolha lexical está inserida na vídeomontagem em slides que se alternam com os pequenos vídeos que constroem o sentido de contraste de ideias para a comprovação de que Lula é um político desonesto, ele fala, mas não faz, não cumpre com suas promessas.



figura 21 (00:01)



figura 22 (00:22 – 00:24)

Na figura 21, visualizamos o primeiro slide com a palavra FOME em destaque; notamos que o contraste das cores faz com que a palavra FOME em vermelho chame a atenção do internauta. Após um segundo, entre o vídeo de Lula está em um palanque em frente a um púlpito, atrás dele há outras pessoas sentadas e ele fala para um público que está na sua frente. Logo abaixo a transcrição da sua fala:

E2: “o que a gente faz para o povo pobre, custa tão pouco neste país, custa tão pouco, (o público aplaude) porque o pobre não tem megalomania, (enquanto alguns aplaudem, é soada uma buzina) o pobre ele quer coisas simples, ele quer

ter o direito de morar, ele quer ter o direito de tomar café almoçar e jantar” (00:02 – 00:21).

Em seguida, há a inserção de outro slide – figura 22 – e a palavra em destaque é ESNOBA que está em vermelho assim como FOME no slide anterior. Podemos entender que se trata de um contraste de ideias, de pensamentos contrários numa mesma frase, a antítese existente é atestada com a inserção da transcrição acima em que o candidato frisa que pessoas pobres querem o mínimo, alimentação para uma vida melhor. Contudo, logo após o segundo slide aqui representado pela figura 22, há a inserção de um vídeo em que Lula, Antônio Palocci e outro homem não identificado estão dentro de um jatinho – apontado pelo sujeito-enunciador como sendo o Aerolula –, é possível notar que eles estejam a bordo de um jato porque ouvimos um barulho chiado no fundo, observamos o espaço entre eles e outras poltronas. O produtor do vídeo insere uma legenda para as falas dos participantes do diálogo registrado e em todo vídeo, Lula está de frente para câmera e é constantemente focalizado, já Antônio Palocci está de costas, como se o cinegrafista estivesse atrás dele e visualizamos apenas seu perfil. Em nenhum momento, é mostrado quem são os demais passageiros do vôo e as imagens não têm boa definição, em virtude disso, detalhes e pormenores não podem ser levantados. Na fala transcrita a seguir, é focado apenas Luiz Inácio. Lula fala e ao mesmo tempo que mexe em um recipiente de alumínio que não podemos identificar claramente, isto porque a câmera focaliza apenas por dois segundos o recipiente e logo mostra o rosto de Lula.

E2: *“É só isso aqui que tem, Adriano?”*
“A única coisa que está quente aqui é o alumínio”
(00:25 – 00:32).

Há um corte na filmagem e o que aparece em seguida é a imagem de Lula passando/entregando o recipiente de alumínio para alguém que está do seu lado esquerdo na fileira de poltronas de trás. Enquanto o que podemos chamar de garçom diz:

E3²⁷: *“O seu está quente, seu Palocci?”*

²⁷ E1: Sujeito Outro
E2: Lula
E3: Garçom – Adriano
E4: Antônio Palocci
E5: Um dos passageiros.

- E4: “*Está*” (Não aparece legendado)
 E1: “*Quente nada Palocci*”
 E4: “*Médio, né? Digamos que está médio.*”
 E3: “*Dá cinco minutos que... esquenta mais.*”
 “*O presidente hoje recusou cerveja, sanduíche, churrasco...*”
 “*Está certo, o serviço não está bom.*”

Lula passa o recipiente onde estaria sua refeição para o garçom e Palocci continua comendo a sua. Além disso, notamos que o vocábulo *churrasco* não está na legenda introduzida no vídeo, mas é possível notar sua existência. A descrição do vídeo mostra o objetivo do sujeito-enunciador em desvendar o político que estava em um palanque discursando sobre a fome, mas que depois ele esnoba, faz pouco, age com desdém com o que lhe é oferecido; onde estaria o presidente do povo, que era pobre neste momento? Ademais, o sujeito enunciador quer desconstruir a imagem de honestidade e indulgência trazida por Lula quando insere o vídeo posteriormente em que ele supostamente age como alguém esnobe já que estamos tratando de vídeos recortados. Nosso enfoque, neste trabalho não é levantar pistas nessa imbricação, imagem mais materialidade discursiva, todavia aqui se faz presente a omissão de palavras proferidas pelo presidente e não transcritas na legenda que poderão ser investigadas em trabalhos posteriores.

Abaixo, fizemos o recorte dos outros slides em que aparecem as antíteses construídas para descaracterizar o presidente enfocando além do preconceito e da falsidade outros aspectos como o de um homem desonesto, sem palavra, ele promete que ia debater qualquer tema, mas no dia do debate ele não comparece. Vejamos:



figura 23 (01:02 – 01: 03)



figura 24 (01:30 – 01:31)

A sequência de slides refere-se ao fato de Lula (no vídeo²⁸ recortado e inserido após a figura 23) afirma que debaterá qualquer tema que seus adversários propuserem, que ele está preparado para a discussão e tem consciência que não fez tudo em seu governo, porém justiça dizendo que não há como fazer “tudo” em tão pouco tempo. Após a figura 24, vemos William Bonner comunicando aos telespectadores que Lula não comparecerá ao debate realizado pela TV Globo e que o candidato comunicou a sua ausência poucos minutos antes do debate.



figura 25 (01:50 – 01:51)



figura 26 (02:18 – 02:19)

O primeiro slide – figura 25 – faz menção a um vídeo que é inserido após sua exposição; neste vídeo, Lula discursa para um público ao lado de sua esposa e relembra sua origem pobre, o fato de ter andado léguas em cima de um pau de arara, ter conhecido o flagelo da fome como muitos nordestinos que ainda nos dias atuais sofrem com a injustiça social e a falta de oportunidades. Todavia, após a exposição da figura 26, há a inserção de um pequeno vídeo de bastidores, isto é, supomos que Lula irá proferir ou já tenha proferido alguma fala e ele reclama dos fotógrafos de modo grosseiro e pede a alguém que diga a eles para baterem rapidamente as fotos e irem embora logo. Contradizendo o discurso de humildade e proximidade com as pessoas.

²⁸ Não faremos a descrição pormenorizada deste recorte, fizemos a inserção deste e do recorte seguinte para aclarar o leitor quanto a nossa hipótese.

2.1.4 Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva

Com o tempo de dois minutos e cinquenta e nove segundos, a vídeomontagem intitulada *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva* é composta por uma sequência de slides que se alternam e trazem imagens de diferentes momentos do presidente e sobre elas são inseridos trechos de alguns de seus discursos e/ou pronunciamentos sobre diversos temas. Além disso, esses discursos vêm acompanhados de títulos - como “*Lula Psiquiatra*” ou “*Lula Oportuno*” - situados no topo do slide que atestam de maneira jocosa o recorte feito pelo produtor da vídeomontagem.

Durante sua visualização, podemos escutar, como em *Lula Bebum* também uma música que auxilia na construção do sentido pretendido de horror, de medo que juntos: imagens, som e texto levam ao riso derrisório. A música que está colocada é instrumental, característica de filmes policiais que exprimem terror, suspense ou perseguição; em alguns momentos, são inseridas, na música, risadas masculinas que transmitem soberba ou maldade e gritos estridentes femininos que transmitem pavor. Neste recorte, observamos a suposta maldade que se pretende mostrar, pois ele apresenta-se acompanhado da música e de risadas masculinas que expressam maldade (00:15 – 00:23) as quais são retiradas juntamente com os enunciados após doze segundos de exposição.

2.



figura 27 (00:10 -00: 11) e (00:24 – 00:25)

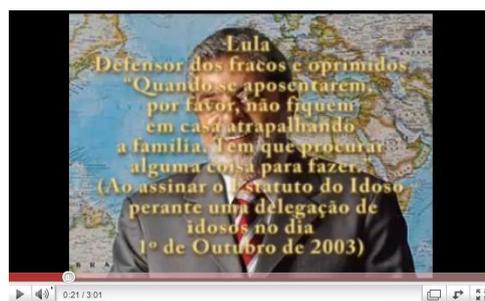


figura 28 (00:12 -00: 23)

E1: Lula Defensor dos fracos e oprimidos:

E2: “Quando se aposentarem, por favor, não fiquem em casa atrapalhando a família. Tem que procurar alguma coisa para fazer.” (Ao assinar o estatuto do

idoso perante uma delegação de idosos no dia 1º de Outubro de 2003).

Assim, feita a descrição e análise da *estrutura composicional* podemos interpretar que o *conteúdo temático* desta vídeomontagem também tem como escopo a descaracterização de Lula. Ademais, ele faz essa exposição do político elencando diversos aspectos referentes a moral e a ética do presidente. Ainda segundo Bakhtin (2003), indissociável do aspecto temático e composicional temos o *estilo* que é também um dos elementos definidores de gênero discursivo.

Portanto, passaremos agora à análise de alguns aspectos concernentes ao *estilo* na vídeomontagem acima descrita. Observamos que um dos recursos mais utilizados pelo produtor da vídeomontagem a quem chamamos também por sujeito-enunciador é o da ironia²⁹. Aqui entendida como um discurso que “joga essencialmente com a ambigüidade, convidando o receptor a, no mínimo, uma dupla descodificação, isto é, lingüística e discursiva” (BRAIT, 1996, p.96), a ironia é predominante em *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva* como no slide já recortado da vídeomontagem e exposto acima – figura 28.

Nele, como nos demais, há a inserção de um título que carrega determinado sentido que é deslocado quando fazemos a leitura do recorte de algum pronunciamento, discurso, fala do presidente; este deslocamento essencialmente ocorre devido o imbricamento, materialidade discursiva (título do slide mais recortes do discurso de Lula), som e imagem. Podemos observar na figura 28 que tem como título “Lula Defensor do fracos e oprimidos” que a expectativa é de uma defesa, contribuição aos grupos menos favorecidos; contudo, o recorte diz que os menos favorecidos – a terceira idade, os idosos – são um peso para as famílias e deveriam contribuir para a sociedade. Esta idéia fere os bons costumes, pois sabemos que a boa educação afirma que devemos tratar bem os idosos que tanto contribuíram para a sociedade, que fizeram sua parte e que agora devem viver bem, ter saúde e usufruir da convivência familiar de maneira saudável. A risada sarcástica, música e a imagem de Lula sorrindo fazem brotar a idéia de que Lula está rindo dos cidadãos (figura 27) e não sorrindo para os cidadãos; ele estaria rindo dos idosos, estaria desprezando o passado dos cidadãos. Temos, então, essa duplicidade que caracteriza o discurso irônico (BRAIT, 1996) no

²⁹ Salientamos que no capítulo seguinte trataremos do conceito de ironia de modo mais esclarecedor, aqui levantaremos apenas alguns aspectos.

cruzamento de ideias e na afirmação de um discurso e explanação de outro. A figura 30 abaixo também é um exemplo trazido para comprovar o uso do discurso irônico como *estilo* predominante; tentaremos percorrer um trajeto que investiga os sentidos ao analisarmos o *conteúdo temático*, a *construção composicional* e o *estilo* imbricados.

6.



figura 29 (01:34) e (01:49)



figura 30 (01:35 – 01: 48).

E1: Lula Cavaleiro:

E2: “... a galega [primeira-dama Marisa Letícia Lula da Silva] engravidou logo no primeiro dia, porque pernambuco não deixa por menos”. (Na Fenadoce, em Pelotas, 17/06/2003) (01:35 – 01: 48).

Assim que o slide acima – figura 29 – é visualizado, notamos que trata-se de uma montagem fotográfica já que Lula está com um corpo feminino; contudo, somente com a sobreposição do discurso é que podemos interpretar a finalidade da montagem que julgamos ser a afirmação do posicionamento machista do candidato. A ironia ocorre porque ele proferiu este discurso em Pelotas, cidade do Rio Grande do Sul, estado onde, no senso-comum/imaginário social, podemos encontrar um número grande de homossexuais declarados ou não e os sujeitos-co-enunciadores compartilham dessas referências. É provável que em virtude deste fato, o presidente tenha afirmado sua masculinidade em sua fala para atestar sua posição machista, mas o faz de modo preconceituoso.

O produtor da vídeomontagem utiliza-se deste discurso para construir seu discurso irônico já que intitula o slide com “Lula Cavaleiro”, mas no recorte inserido ele traz ideias de machismo e submissão feminina que pode ser comprovada quando nos atentamos ao som. Trata-se de uma música instrumental acompanhada de uma voz feminina que canta como em uma ópera em uma cena de tristeza e desapontamento (01:34 – 01:48) a partir dessa descrição, analisamos que está expressa figura feminina humilhada pela ideias expostas.

É necessário afirmar que a ironia é tomada como *categoria estruturadora de texto* (BRAIT, 1996) ao apontar o ponto de vista do sujeito-enunciador, podendo ser vista como uma argumentação de maneira indireta que se pode ser entendida se os sujeitos-co-enunciadores tiverem notado esse sutil recurso; conseqüentemente, pensamos que o *estilo* vídeomontagem tem a ironia como suporte para suas estratégias argumentativas. Brait (1996) nos esclarece de maneira singular acrescentando mais algumas ideias sobre o papel da ironia e sua relação com o riso:

[...] elemento estruturador de um texto cuja força reside na sua capacidade de fazer do riso uma conseqüência, o interdiscurso irônico possibilita o desnudamento de determinados aspectos culturais, sociais ou mesmo estéticos, encobertos pelos discursos mais sérios e, muitas vezes, bem menos críticos (BRAIT, 1996, p.16).

Notamos a ideia de quebra de um discurso da estabilidade discursiva que julgamos presente na maioria dos vídeos e imagens originais o que nos permite dizer que tratamos de uma vídeomontagem humorística.

Em suma, a análise realizada acerca das vídeomontagens nos permitiu constatar que o *conteúdo temático* está focado na desqualificação do presidente, objetivo este que é sustentado com diferentes argumentos presentes em todas as vídeomontagens, os que predominam serão elencados no próximo capítulo de maneira mais detalhada. Quanto a *estrutura composicional*, as vídeomontagens apresentam alternados vídeos e ou imagens mais slides que carregam o discurso de seu produtor acompanhados por algum tipo de som.

Quanto ao *estilo*, em *Lula o analfabeto* predomina o uso de perguntas retóricas, *Lula Bebum* encontramos as reticências, em *Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula* há as antíteses, em *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva* o uso da ironia; contudo, ele é construído em todas as quatro vídeomontagens tendo o mesmo objetivo, chamar a atenção do espectador para que ele passe de espectador/internauta para sujeito-co-enunciador que compactua com as ideias sugeridas e entender o humor que o levará ao riso. Há a criação de uma certa proximidade entre o produtor das vídeomontagens e os interlocutores criada porque o estilo se constrói, segundo Bakhtin (2003) levando-se em conta o interlocutor e sua possibilidade de percepção e recepção que é concretizada, pois ambos

compartilham de uma mesma *formação discursiva*³⁰ sobre Lula, um dos fatores determinantes para a escolha deste gênero.

³⁰ [...] Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1997, p.160, grifos do autor).

Capítulo 3

*Castigat ridendo morris*³¹

“Castiga-se pelo riso, corrige-se fazendo rir.”

Jean Marie Le Pen

Mas, o que é derrisão?

No capítulo anterior, ancorados em Mikail Bakhtin descrevemos os elementos constituintes do gênero discursivo vídeomontagem. Neste, trataremos do conceito de derrisão. Em francês *dérision*, em português derrisão; este termo/vocábulo que tanto instiga nossa investigação tem origem no século XIII, no baixo latim *derisio*, *derideri* que incita o sentido de “fazer pouco de” algo ou alguém. Tem como seu significado a zombaria, o “desprezo que incentiva o riso, trazendo o divertimento de alguma coisa à alguém” ou “coisa insignificante, irrisória”, ainda no dicionário eletrônico *Le Petit Robert* encontramos como sinônimos de derrisão os termos *desdém*, *ironia*, *escárnio*, *zombaria*, *troça*, *riso sarcástico*. De maneira sucinta, diríamos que quando se diz alguma coisa por meio da derrisão se caçoa de alguém de forma a desprezá-lo. O contrário de derrisão, segundo *Le Petit*, é *consideração*, *deferência*, *estima*, *respeito*.

Quando pensamos a derrisão no processo de desenvolvimento da AD, é possível tomá-la como uma nova questão a ser investigada já que estudiosos e pesquisadores desde a abertura para novas discursividades – 1983 – vêem a necessidade de levantar novas questões e buscar outros objetos de análise além do discurso político. Isto devido à construção e a desconstrução que levou Michel Pêcheux e seus colaboradores a reflexões e produções de inúmeros trabalhos que fizeram com que a AD se abrisse para novas discursividades e tornou-

³¹ “Castigar os costumes pelo riso”.

se imperativo buscar esses outros objetos que agora vemos também inseridos em novas materialidades discursivas, como a que tratamos aqui – vídeomontagens abrigadas em *sites*.

Segundo a perspectiva argumentativa de Simone Bonnafous (2003), a derrisão é “a associação do humor e da agressividade que a caracteriza e a distingue da púria injúria.” Je Marie Le Pen, político francês da extrema-direita, faz uso dessa ferramenta argumentativa com jogos de palavras de “efeito injurioso”. Ele denigre e ridiculariza a todos aqueles que ele considera adversários, muitos deles jornalistas, e manipula o auditório ou os leitores pelo riso ou por uma admiração conseguida pela capacidade inventiva de utilizar a linguagem, evitando e atenuando alguns possíveis embates ao se abrigar na brincadeira. Seu maior alvo são as ideias, a política e os programas de seus adversários e para denigri-los, o líder de extrema-direita, tem como arma favorita a derrisão para poder convencer os eleitores do seu carisma e, principalmente da sua honestidade e transparência. Isto por meio de “ataques” a quem puder questioná-lo:

Com seus jogos de palavras e suas *blagues* de “efeito injurioso”, Jean-Marie Le Pen vence em, pelo menos quatro aspectos. Ele denigre e ridiculariza seus adversários, o que é seu objetivo primeiro; ele se esquia de ter que fundamentar seus ataques em demonstrações; ele “manipula” seu auditório ou seus leitores pelo riso ou pela admiração conseguida pelas suas proezas verbais e suas invenções; e, o que não é negligenciável, ele evita os processos ou os atenua, ao se abrigar na brincadeira. Se a derrisão lepenista toma pessoas como alvo, são, contudo as idéias, a política e os programas de seus adversários que o líder de extrema direita combate em primeiro plano. Também nesse caso a derrisão é uma de suas armas favoritas (BONNAFOUS, 2003, p.42).

Segundo Nelly Feuerhahn (2001), o ridículo e a derrisão têm como ponto em comum o desprezo, o fato de subtrair do objeto a sua valorização, excluindo os objetos sociais desprezíveis, por isso, o riso da derrisão é um riso sobre objeto que se desvaloriza. Rir dele é se colocar à distância e assim acontece um duplo movimento: de um lado reforçam-se bem os valores negativos a um objeto e, de outro, coloca-se a distância do mesmo. Sua dimensão atinge uma configuração de contestação de princípios que são largamente aceitos, mas que “devem” ser contestados. Assim, o que mais interessa na derrisão é estudar essa contestação de valores que circulam em determinado momento sócio-histórico como honestidade e transparência.

A presença de um “sic” sarcástico pode denotar um caso de derrisão como explica Alice Krieg (1999) quando mostra em seu artigo o recorrente uso deste recurso na imprensa de extrema-direita francesa para salientar equívocos ortográficos ou ironizar e para condenar o uso “estranho” de uma palavra de maneira implícita e por extensão descaracterizar as ideias da esquerda francesa. Todavia, ele é caracterizado como uma forma de covardia argumentativa, pois somente aponta o suposto equívoco sem apontar o que seria “o correto” ou mesmo sugerir outro vocábulo. A cada (sic) que acompanha as palavras utilizadas por aqueles a quem a extrema-direita trava sua luta, ela torna ridículo esse discurso que lhe é exterior ao tentar denotar o que o permeia como extravagante, improvável ou delirante, deste modo, representa esse discurso como caracterizado por mentiras e enganos; por apresentar-se de maneira sarcástica, promove o humor sendo que a piada espirituosa bem encaixada tem algo de obsceno e de covarde, desenhando esse prazer no implícito trazido pelo (sic) e produzindo o que chamamos derrisão.

Na França, em 2001, a derrisão foi tema da Revista *Hermès* intitulada *Dérision - Contestation* – sob a coordenação de Arnaud Mercier –, consolidando a vontade dos estudiosos em torná-la uma subdisciplina. Isto porque a derrisão é praticada na fala de uma maneira mais regular do que se possa admitir; além disso, comporta uma competência sócio-emocional muito maior do que aparece à primeira vista. Para explanarmos mais alguns aspectos derrisórios, faremos, neste momento, uma breve exposição do que aponta o estudioso em torno deste tipo de discurso.

Segundo Mercier (2001), a derrisão possui virtudes revolucionárias inegáveis porque afirma uma inversão simbólica e temporária da ordem política, é capaz de associar perspectivas de resistências sociais e individuais revelando uma dialética entre contestação e regulação. Na contestação, ao ritualizar seu discurso, ela se utiliza de uma violência simbólica eminentemente verbal que freia, parcialmente, as possibilidades de questionamentos mais violentos que possam surgir dos poderes objetados; de maneira elegante, serve como recurso criativo para incidir contra as convenções tidas como extremamente rígidas. Como regulação, ela pode, ao ser tolerada e controlada pelo poder, contribuir para a perenização dos sistemas de dominação, de seus valores e códigos culturais. Para aclarar essas colocações em torno do estudo discursivo sobre derrisão, o estudioso, na introdução da Revista *Hermès*, expõe a derrisão sob seus principais aspectos sociológicos e psicológicos.

O autor discute que o indivíduo em sociedade tornou-se obrigado a respeitar muitos códigos de comportamento, o poder e suas instituições monopolizaram a violência sendo que essas instituições têm por missão ordenar e dirigir a agressividade natural, isto é, a vida em sociedade impôs uma reformulação da violência por meio de um “acordo”: o abandono da agressividade individual em troca da garantia de segurança proporcionada coletivamente pelo poder. Contudo, este potencial de violência veementemente alimentado pela ansiedade pode ser reprimida ou diminuída se as reações hostis forem investidas em outro lugar, mas, de alguma forma, considerado tolerável. Liberar a **agressividade** de maneira socialmente aceitável é o que permite os recursos da derrisão, poder dizer sem sofrer a censura apelando à criação de um princípio de prazer transgressor tolerável (MERCIER, 2001). Portanto, tornar algo em derrisão, em riso, é um meio de liberar aquela agressividade contida, supostamente inexprimível.

Os políticos estão se tornando cada vez mais alvo da derrisão popular que libera sua agressividade utilizando-se da derrisão que não conduz a nenhum dano imediato já que as piadas podem consistir em uma das únicas armas disponíveis para combater determinado regime ou até para tentar desfazer de alguma construção teórica que apóia a ideologia do poder (MERCIER, 2001). Deste modo,

a circulação das piadas aparentemente funciona para fazer circular a informação. Com sua forma curta, concisa, incisiva e crítica. É uma maneira de driblar desde publicidade até crítica social, a partilha do riso é um dos mais seguros meios de produzir um sentimento de cumplicidade e de adesão à custa daqueles que riem (MERCIER, 2001, p.11, tradução nossa).

Em suma, diríamos que a derrisão se apresenta ora como um jogo, ora como algo que não se pode aprisionar, pois não é possível percebê-la na sua totalidade isto porque ela é mutante; e por isso, torna-se uma forma socialmente aceitável de exprimir a agressividade. De fato, “o humor permite dizer ou sugerir ideias desagradáveis, sem medo de represálias ou reações violentas” (MERCIER, 2001, p.11, tradução nossa).

Expressar-se por meio da derrisão é um ato e então uma prova de existência do indivíduo em sociedade, em virtude deste fator ela está relacionada fundamentalmente a **afirmação de si**. O ser humano quer marcar sua superioridade visto que teme ser dominado, se sentir inferior, dar provas de sua não-submissão; para isso, ele escolhe uma vítima, elenca

qualidades desvalorizantes de acordo com a identidade de cada uma e o sentimento de superioridade. Para tanto, os indivíduos se agrupam para compartilhar desta ferramenta contra a ansiedade e assim, ao escolherem um *bode expiatório* atuam derrisoriamente por uma temática que fortalece e reafirma a identidade do grupo devido aos valores que se tem em comum para então incidir sobre o alvo salientando que ele não é parte integrante da coletividade que pretende afirmar-se. (MERCIER, 2001). O que irá variar no alvo escolhido são as piadas que podem ser de caráter profissional, sexual, regional, nacional, étnico, religioso, moral.

Além da reafirmação de pertencimento a determinados grupos já existentes, a derrisão propõe ao seu auditório a comunidade do riso que permite uma identificação positiva na daqueles que tem senso de humor. Primeiro porque o riso é a afirmação para o outro da sua individualidade, da sua liberdade e é a oportunidade de mostrá-la assim como perpetuar sua capacidade de compreender ou fazer rir e assim entrar em convivência com o outro. Ela se assemelha a uma comunicação libertadora, que inaugura uma comunidade do riso composta por indivíduos que entendem os mesmos fatos, que tem um mesmo sistema de valores e um mesmo repertório de humor (Id. Ibid.).

A característica de liberdade da derrisão possibilita o nascedouro de uma forma de **expressar-se com criatividade**. Expressar-se pela derrisão é na verdade uma maneira de se afirmar contra, a fim de debochar sobre outra coisa, sobre uma visão renovada, sobre uma criação diferente.

Numerosos são os exemplos artísticos onde um dos primeiros recursos criativos é a vontade de colocar em jogo os códigos socioculturais de uma época ou dos códigos de criação. O trote, o pastiche, são os modos de intervenção artísticos bem conhecidos e difundidos. Expressar-se em derrisão na língua, nos códigos de escrita formam ainda uma usual dinâmica criativa. Usado para contornar a censura, para afirmar um espírito rebelde ou pelo « prazer da diversão », a utilização dos mecanismos da derrisão é uma fonte de inspiração para reforçar a sua criatividade, porque se propõe a um contra-modelo negativo. Neste caso, a fronteira entre intenção destrutiva e condução criativa é certamente tênue, mas pela necessidade de clareza de exposição, parece mais prudente separar as duas intenções (MERCIER, 2001, p.13, tradução nossa).

Outra característica que envolve a derrisão é a noção de **catarse** (MERCIER, 2003) que também está ligada a liberação da agressividade. Esta questão pode ser tomada como primordial e preponderante para uma determinada ordem social já que ao liberar-se pela agressividade o indivíduo pode canalizar frustrações que seriam expressas por meio da violência e pode também, com o intuito de afirmar-se socialmente, utilizar os mecanismos derrisórios acalmando atitudes que poderiam ser reprovadas. A catarse – que também funciona de modo agressivo – é levantada por Mercier como fundadora da derrisão; contudo, ela diferencia-se da noção pura de agressividade citada acima porque ela seria a resposta vingativa a uma colocação feita anteriormente, o produtor do discurso derrisório teria uma reação para denegrir o alvo que o incitou em algum momento. É o caso já citado de Je Marie Le Pen, político francês da extrema-direita que tem como vítimas das suas estratégias de derrisão os jornalistas, pois ele visa subtrair-lhes a credibilidade e ao mesmo tempo escapar de questões embaraçosas elaboradas e colocadas por eles (BONNAFOUS, 2003).

Vista sob o viés psicanalítico (MERCIER, 2003), a catarse pode ser entendida como o mecanismo de trazer a consciência estados afetivos e frustrações instaladas no inconsciente e, por conseguinte é capaz de liberar sintomas associados a este bloqueio. De alguma maneira, permite um prazer ligado a transgressão, de um não-respeito ao tabu; em suma, o ser humano é levado a reprimir seus impulsos; todavia, a derrisão autoriza o indivíduo a exprimir de forma indireta e socialmente aceita seus impulsos, a *energia psíquica* utilizada para bloquear estes impulsos é exteriorizada ao se produzir o riso. Ao transcorrer em seu artigo sobre algumas proposições de Freud³², Mercier afirma que

“a derrisão será um artifício pertencente provisoriamente aquela simbiose entre inconsciente e consciente, simbiose necessária periodicamente ao homem para não cair no nervosismo, ainda que a impusesse ao indivíduo privações e restrições” (2001, p.14, tradução nossa apud FREUD, 1930, p.158).

Para poder entender a catarse, diríamos que devemos associá-la à noção de liberação da agressividade como forma de purificar o indivíduo, produzir uma sensação de alívio. É o que se pode chamar de cômico grave – que gera um grande prazer –, sendo que quem sente esse prazer é somente aquele que praticou a transgressão. Seu objetivo, portanto, seria levar o

³² FREUD, Sigmund. *Le Mot d'esprit et ses rapports avec l'inconscient*. Gallimard, Paris, 1930.

indivíduo ao equilíbrio, ao bem-estar de um sistema social, é uma forma de “evoluir” aquilo que supostamente não se poderia “tirar do lugar”. Chega-se, então, à questão da **regulação social**, e uma das formas para que ela aconteça é a partir da reflexão por meio da contestação. “É um modo de não se usar a violência física convidando os indivíduos a compreenderem a agitação em torno do alvo” (MERCIER, 2001, p.14, tradução nossa).

Portanto, é possível considerar que a derrisão seja, sem dúvida, um bom equilíbrio de um sistema social, dilacerado pelas demandas do assujeitamento social e sempre ameaçado por uma deriva destrutiva. Isto porque o riso associado à fixação em derrisão não procura somente desestabilizar as normas e os valores sociais; pelo contrário, o riso tem uma função de corretor social, ele também apóia as convenções (BERGSON, 2004).

O riso deve ser alguma coisa desse tipo, uma espécie de *gesto social*. Pelo medo que inspira, o riso reprime as excentricidades, mantém constantemente vigilantes e em contato recíproco certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; flexibiliza enfim tudo o que pode restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social (BERGSON, 2004, p.15).

Diríamos então que o riso aprova aquilo que está muito distante das normas sociais como não respeitar as convenções, mas também como regulador social, ele traz a norma de volta, isto é, impõe um enrijecimento contra a fluidez da vida social (MERCIER, 2001) sendo esta a fonte do cômico que se “propõe” construir.

Admitidos ou contestados, muitos valores humanos são alvo constante dos discursos derrisórios e por isso o riso da derrisão exerce uma dinâmica sócio-emocional em que a violência desempenha efeitos variáveis sobre as trocas que ocorrem; isto abre um vasto campo de análise. As linhas que permitem analisar a lógica derrisória são particularmente ambíguas. A ambiguidade dos fatos se apresenta quando algo pode significar dependendo do Outro. É por isso que a derrisão possui um poder de revolução inegável, é subversiva. Torna-se conveniente não subestimar sua capacidade de suscitar resistências sócio-políticas, pois a derrisão é arma contra algumas convenções julgadas muito rígidas em uma sociedade; ao contrário, também pode contribuir para a solidificação dos valores culturais dominantes (FEUERHAHN, 2001).

Por meio deste paradoxo, podemos observar a ambiguidade que se instala na derrisão já que ela pode abrandar determinadas normas sociais e exaltá-las quando imperioso para a consolidação relativamente momentânea de determinados fins. Há uma ambivalência de certas formas de derrisão política, isto porque a derrisão construída na política pode também ser encarada como um modo de reformar suas próprias ideias. Ela é ferramenta útil para a construção de um discurso contestador que regula outros discursos e ao mesmo tempo impõe sua própria dinâmica; assim a redução das tensões se opera por uma recodificação dos conflitos em termos que permanecem discursivos (MERCIER, 2001).

3.1 Derrisão, humor e ironia: é possível demarcar suas fronteiras?

Logo que entendemos mesmo que superficialmente o que é a derrisão, nos damos conta de sua estreita ligação com o humor, com a comicidade, a ironia, o riso, o escárnio, as piadas, a sátira e outros discursos que também emergem como esses. Contudo, devido à extensão e a diversidade de teorias sobre o tema, nos pareceu prudente dar enfoque apenas a dois discursos deste *campo discursivo*: o **humor** e a **ironia**, discursos muito representativos para o desenvolvimento do nosso trabalho e interligados ao discurso derrisório para que nossa pesquisa alcance um de seus objetivos sem render um volume desproporcional.

Partiremos nossa discussão, expondo as definições encontradas no dicionário eletrônico francês *Le Petit Robert* para posteriormente nos atentarmos a outros posicionamentos quanto a estes conceitos, sobretudo de base discursiva. Logo no início deste capítulo, já tratamos da definição de derrisão, mas, iremos retomá-la para facilitar a leitura.

Derrisão, em francês *dérision*, tem como seu significado a zombaria, o “desprezo que incentiva o riso, trazendo o divertimento de alguma coisa à alguém” ou “coisa insignificante, irrisória”. **Ironia**, em francês *ironie*, apresenta-se como uma “maneira de rir de algo ou alguém dizendo o contrário do que entendemos. [...] ou dispositivo de zombaria, corresponde a uma maneira de se expressar”. **Humor**, em francês *humour*, “expressividade ou conteúdo da mente que consiste em apresentar a realidade de modo a identificar os aspectos agradáveis e incomuns” é o que nos apresenta o dicionário eletrônico quando buscamos essas palavras.

Contudo, temos como objetivo tentarmos pensar esses conceitos discursivamente, para isso poderíamos tomar inúmeros estudiosos da linguagem que tratam/investigam o tema; mas, aqui nos pareceu muito produtivo trazermos os estudos de Brait (1996), Maingueneau (2005), Possenti (2008), Feuerhahn (2001) e Baronas (2008). No primeiro momento, faremos uma breve reflexão sobre humor, ironia e derrisão; em um segundo momento, embasados nas ideias de *campo e espaço discursivo* tentaremos pensar como esses conceitos se apresentam no âmbito do discurso.

Em uma análise sobre o que traz o dicionário e o que dizem alguns estudiosos é possível afirmar que o humor é irmão da utopia quando nos mostra como o mundo deveria ser, é o melhor amigo do esclarecimento quando nos leva a pensar e questionar o porquê das coisas serem como são e não de outra forma. Pode ser entendido como filho da surpresa, do inesperado, quando nos mostra uma nova forma de ver mundo, quebra sua linearidade e sua previsibilidade e, muitas vezes, mostrando o que o mundo não é.

As técnicas humorísticas fundamentais, segundo Possenti (2010), trazem e comportam a descoberta de outro sentido nos discursos. Esse sentido aparece, preferencialmente, de modo imprevisto, pois não se apresenta no primeiro plano que parece ser o único possível; há a manifestação de outros sentidos em textos que acreditávamos ter apenas um.

Muito interessante é o fato de que o humor não nasce de um mero rebaixamento; mas, para que “ele ocorra, é necessário que tal traço seja apresentado por meio de uma forma *engenhosa*, que, em geral de modo indireto, permite a apreensão de um sentido que a sociedade controla [...]” (POSSENTI, 2010, p.51, grifo nosso). Isto nos permite pensar na sua relação com o discursivo derrisório que mais do que simplesmente humilhar, ele busca levantar aspectos sócio-políticos e culturais e contestá-los por meio de uma descaracterização ao fazer emergir alguns sentidos possíveis.

Quanto à ironia que é tida no dicionário *Le Petit Robert*, como uma “maneira de rir” de algo para expressar o contrário do que se diz ou como uma ferramenta para a expressividade, ponderamos que mais do que um recurso de linguagem, ela se mostra complexa e profunda. Sobre o processo irônico em “*A ironia em perspectiva polifônica*”, a pesquisadora Beth Brait (1996) demonstra a riqueza trazida por esse discurso, a ironia seria tomada sob o ponto de vista de uma “confluência de discursos, como cruzamento de vozes” podendo ser entendida como um modo de se expressar, como já levantado no dicionário;

contudo, a autora de maneira extremamente alusiva amplia nosso entendimento ao dizer que a ironia é considerada uma estratégia de linguagem que ao instaurar diferentes vozes promove a polifonia, isso fará com que a ironia faça parte da constituição de um discurso como fato histórico e social, mas a autora acrescenta ainda que mesmo mobilizando diferentes vozes não significa que haja sempre uma democratização das ideias criadas e proferidas. Vejamos alguns pontos relevantes nas palavras da estudiosa:

[...] a ironia é surpreendida como procedimento intertextual, interdiscursivo, sendo considerada, portanto, como um processo de meta-referenciação, de estruturação do fragmentário e que, como organização de recursos significantes, pode provocar efeitos de sentido como a dessacralização do discurso oficial ou desmascaramento de uma pretensa objetividade em discursos tidos como neutros (BRAIT, 1996, p.15).

Embora tomemos a ironia como um discurso que compõe o campo humorístico, devemos assinalar que a ironia não é sempre cômica, não produz sempre um efeito de humor, ela pode aparecer em diferentes enunciados e produzir um efeito trágico (BRAIT, 1996). Recurso extremamente usado para a expressão e construção de diferentes sentidos, a ironia pode ser encontrada em diferentes tipos de discurso, não somente o humorístico. Assim, ela é “um processo discursivo passível de ser encontrado em diferentes manifestações da linguagem” (BRAIT, 1996, p.13).

Dito de outro modo, identificamos a ironia quando o produtor do discurso profere um enunciado que constrói um sentido diferente daquele esperado; para que isso realmente aconteça é essencial que o “ironista” conte com a adesão do enunciatário. A ironia ocorre quando enunciador e enunciatário compartilham as mesmas referências enciclopédicas e linguísticas; enfim, os mesmos mapas culturais e tem a perspicácia de entender o avesso do que se diz. Além disso, se solicita do enunciatário muito mais que conhecimentos partilhados, é necessário também levar em conta os valores pessoais e sociais partilhados; deste modo, a organização discursivo-textual e as estratégias lingüístico-discursivas que colocam o processo em movimento é que irão implicar ou não a atenção que virá do enunciatário sobre o sujeito da enunciação (BRAIT, 1996). Em suma, concluiríamos que a ironia além de ferramenta para construção da linguagem também se constitui como um discurso próprio que não somente

participa de outros, mas devido a sua complexidade e engendramento entrava um *espaço discursivo* próprio, como veremos mais adiante.

Relembramos que o que mais interessa para a derrisão é contestar valores sociais em determinados momentos sócio-históricos; definida como o ato de enfatizar os defeitos e deformidades do alvo escolhido, a derrisão se caracteriza como o humor que desqualifica o adversário no intuito de persuadir o auditório (FEUERHAHN, 2001). Elencar as características do discurso derrisório já foi nosso objetivo no início deste capítulo; alguns estudiosos já foram trazidos para refletirmos sobre esse conceito e não serão retomados aqui. Contudo, posteriormente, iremos acrescentar mais alguns aspectos deste discurso para pensarmos nas suas relações com o discurso humorístico e irônico.

Para pensar as categorias de humor, ironia e derrisão no domínio da Análise do Discurso de orientação francesa, tomaremos as ideias de campo e espaço discursivo de Dominique Maingueneau (2005). Para dar conta do conceito de interdiscurso, Maingueneau elabora a tríade *universo, campo e espaço discursivo*; o primeiro, o autor esclarece como “o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada” (MAINGUENEAU, 2005, p.35), ele também é composto por um número finito de discursos que não podem ser apreendidos na sua globalidade; portanto, de pouca utilidade para o analista e presente apenas para desenhar os domínios a serem estudados os quais se encontram os *campos discursivos*.

Como *campo discursivo*, à luz de Maingueneau podemos entender o “conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitando-se em uma região determinada do universo discurso (MAINGUENEAU, 2005, p.35). Dentro deste *campo discursivo*, isolamos os *espaços discursivos* que são “subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para seu propósito colocar em relação” (MAINGUENEAU, 2005, p.37).

O humor é o campo discursivo de nosso estudo, entendido como o agrupamento dos discursos que de alguma forma quebram uma linearidade presente na sociedade. Para ser um produtor do discurso humorístico, um “humorista” não é preciso ter uma formação, é possível ter outras profissões ou atividades parecidas ou distantes do “papel” do humor isto porque ele, supostamente, pode surgir em qualquer lugar. Além disso, tratar o humor como um campo discursivo faz com que se destaquem alguns aspectos que o caracterizam como o fato dele

ocupar cada vez mais espaço e importância no mundo atual, arriscamos dizer que talvez seja por ele tratar de qualquer assunto e em diferentes gêneros e não tem como objetivo ser “pragmático”, mesmo que alguns defendam seu papel cultural e político (POSSENTI, 2010).

O campo humorístico é extenso e abarca o discurso irônico e o derrisório, assim como os chistosos, os de escárnio que compõem os espaços discursivos. Eles habitam o mesmo campo discursivo e podem construir uma relação de intertextualidade ao perpassar uns aos outros e de tal modo apresentar traços que os relacionem e traços que os diferenciem. Ademais,

[...] ao lado dessas restrições compartilhadas pelos diversos membros de um campo, há também o passado específico que cada discurso constrói para si, atribuindo-se certas filiações e recusando outras (MAINGUENEAU, 2005, p.81).

Se tomados, então, como espaços discursivos diferentes, dentro do campo discursivo do humor; é possível dizer que o discurso irônico pode provocar uma série de sentimentos ou de sentidos que vão da irritação à zombaria, passando pela ridicularização e humilhação do outro, aspectos que dialogam com o discurso derrisório. Contudo, a derrisão diferencia-se da ironia porque o sujeito-enunciador assume o que diz no seu próprio discurso quando tem por objetivo desqualificar o destinatário (BARONAS, 2008). Quanto aos limites do discurso irônico e do discurso derrisório que os diferem, mas também os constituem, acrescentamos que

[...] enquanto locutor da ironia coloca em cena um enunciador, cuja alocução não pode assumir explicitamente, deixando essa responsabilidade para o seu destinatário, o locutor da derrisão assume o que diz, contudo os efeitos do seu dizer são atenuados ora pelo efeito de escárnio que provoca, ora pela mobilização de um discurso Outro já legitimado na sociedade (BARONAS, 2008, p.147).

Nelly Feuerhahn (2001) sobre a relação entre derrisão e ironia afirma que a derrisão torna-se uma arma quando aqueles que riem utilizam a zombaria intencionalmente, o mesmo acontece com a ironia que se torna muito cruel para ser verdadeiramente cômica. A derrisão irônica instaura uma relação da vítima ao carrasco colocados desde o início da questão da

legitimidade da violência social. Segundo a autora, a ironia torna-se a arma moral de uma permissão desesperada para o caminho da intolerância.

Neste momento, nos é permitido concluir que a ironia caracterizada ocupa um determinado *espaço discursivo* pode dialogar com o espaço da derrisão que se constitui como uma ironia mais ácida; quando atinge o seu grau maior de zombaria, a ironia perpassa o campo discursivo derrisório o constituindo também.

3.2 Uma análise discursiva sobre a construção da derrisão em vídeomontagens do *YouTube*

“Os políticos fazem na vida pública o que os outros fazem na privada”

Aparício Torelly auto-intitulado Barão de Itararé (1895-1971).

Embasados nas colocações teóricas expostas no início deste capítulo que esclarecem o que é e como funciona o discurso derrisório, pretendemos, neste subtópico, realizar a análise discursiva que será perseguida à luz do batimento descrição/ interpretação. Temos como objetivo pensar como a derrisão funciona em vídeomontagens postadas no *YouTube*. Para tanto, partimos da pergunta: Quais são os principais elementos derrisórios mobilizados na tentativa de descaracterizar a imagem do ex-presidente da República Luís Inácio Lula da Silva? Para respondermos nossas principais questões de análise, levantaremos as regularidades derrisórias presentes nas vídeomontagens para tentar discorrer como elas constituem esse discurso derrisório de desqualificação.

Nosso material de análise, como já colocado no primeiro capítulo dessa dissertação, é composto por quatro vídeomontagens aninhadas no site *YouTube*. As vídeomontagens apresentam aspectos regulares que fazem com que elas sejam caracterizadas *todas* como de humor. Intituladas, *Lula o analfabeto*, *Lula Bebum*, *Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula* e *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva*, as vídeomontagens já no título deixam clara que a **primeira regularidade derrisória** notada em nossa pesquisa é o presidente Lula, a personagem principal, o alvo de *debicagem* da derrisão

construída. Todos os elementos que podem envolvê-lo como cidadão são salientados sempre de modo negativo, os mais recorrentes são: a corrupção, a desonestidade, o preconceito, a escolaridade, o consumo de álcool, a falta de domínio da norma culta da língua, a postura política e outros mais.

É importante sublinhar que arriscaremos tornear nossa análise sob o escopo de trabalhar o que há de discursivo nas vídeomontagens e observá-la como mecanismo de expressão política do cidadão brasileiro. Há questões que são levantadas e buscam a polêmica, por isso é possível afirmar que nelas a derrisão tem um caráter eminentemente de contestação se referindo ao presidente da república, a maior liderança política do país.

Esse caráter de *contestação* é o que mais difere a derrisão das outras formas de humor, diferente do escárnio que se mostra também como uma descaracterização grotesca, a derrisão tem mais um papel social de *contestação* e por consequência *regulação social*. Contudo, é possível afirmar também que o aspecto de regulação está no fato das vídeomontagens reafirmarem alguns valores culturais vigentes em nosso país de que quem ingere bebida alcoólica demasiadamente não deve ocupar cargos de extrema responsabilidade como em *Lula Bebum* ou quem se contradiz pode ser julgado desequilibrado como em *Novas Pérolas de Sabedoria*, que não se deve de modo algum desdenhar de um prato de comida ou que o preconceito é realmente uma doença – como em *Lula Chama eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula*. Mais correntemente encontrado no senso comum, a utilização “equivocada” da língua que pode demonstrar uma incapacidade intelectual em *Lula o analfabeto*.

Para comprovar nossas hipóteses e tentar responder nossas principais questões de análise fizemos alguns recortes que, em primeiro lugar, comprovam a inserção das vídeomontagens na categoria de discursos derrisórios e, posteriormente, mostram o resgate de ideias realizado resultando num percurso de desconstrução e ataque a imagem do político. Resgate de ideias que envolvem o candidato, mas que ao serem engendradas pelo produtor das vídeomontagens quebram uma linearidade esperada provocando humor e por consequência o riso; humor este que tem por objetivo descaracterizar o alvo contestando valores sociais/ por isso, humor derrisório.

Como já dissemos, a **primeira regularidade derrisória** notada nas quatro vídeomontagens é o alvo da derrisão, o presidente Lula; na época em que foram postadas no

YouTube, ele era candidato a reeleição presidencial de 2006. Sua presença marcante e constante será claramente marcada ao longo desta análise, todas as outras regularidades em destaque aqui levantadas tem sempre o mesmo propósito: tornar em derrisão o candidato Lula.

A **segunda regularidade derrisória** levantada é a afirmação de que Lula é burro. A falta de escolaridade, o fato de não ter frequentado ensino superior resgatam uma memória social de que ele é incapaz, ignorante perante a sociedade e por isso não pode ocupar o cargo de presidente. Vejamos em *Lula o analfabeto*, *Lula Bebum* e *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva*.

16.



figura 31 (01:57 – 02:05)

E2: “*e uma novidade que talvez vocês não conheçam ainda o agádil que é o óleo vegetal diretamente misturado e refinado na refinaria*”

Soa a campainha



figura 32 (02:06 – 02: 09)

No recorte acima, sequência 16 da vídeomontagem *Lula o analfabeto*, temos a associação entre o presidente utilizar um vício de linguagem e por isso ele ser ignorante e burro; como se ele supostamente não soubesse onde foi refinado o óleo vegetal citado.

Todavia, devemos nos ater ao fato de que na linguagem oral o uso de pleonasma é recorrente, por tratar-se de uma fala não ensaiada, um discurso que não foi previamente preparado, julgamos que a idéia apenas reproduz o que mais ouvimos no senso comum “O Lula não sabe falar, é burro”. Em *Lula o analfabeto*, o objetivo de descaracterizá-lo como iletrado é constante, no recorte acima, assim como em outros, está ligada a idéia da utilização “equivocada” da língua a burrice e ignorância de Lula. Há, neste recorte, “um raciocínio falacioso de que escrever de acordo com a norma ortográfica de uma língua é sinônimo de inteligência” (BARONAS, 2008) socialmente aceita.

Tal raciocínio, embora veiculado e cotidianamente alimentado pela mídia, povoa o imaginário lingüístico da grande maioria da população brasileira a qual considera qualquer manifestação lingüística que esteja fora do que é concebido pelas gramáticas e dicionários como correta como algo feio, deturpado, deficiente, não-língua e, principalmente, como sinônimo de *atraso mental* (BARONAS, 2008, p. 149, grifo nosso).

Contudo, é importante registrar que o fato do presidente não utilizar a norma culta da língua também vem associado a outras questões como a incompetência, a corrupção, a falsidade.



figura 33 (01:49 – 01:55)



figura 34 (01:56 – 01:59)

Em *Lula Bebum*, a forma direta é um dos recursos mais utilizados depois das reticências que caracterizam o *estilo* da vídeomontagem, não há o uso da ironia para que o sujeito-co-enunciador faça suas inferências, o sujeito-enunciador utiliza-se da imbricação imagem mais materialidade lingüística para construir um sentido direto. Encontramos a fotografia de um burro na frente de uma cerca de madeira e um pasto, antecedido por uma

sobreposição de uma tarja vermelha com a sentença escrita em branco: *mas não passa de um...* que submerge cinco segundos antes da imagem. Entendemos que esse *estilo* direto utilizado em *Lula Bebum* pode caracterizar uma forma de liberar a *agressividade* contida que não poderia ser expressa; a ansiedade criada em torno da melhora do país e dos problemas sociais alimenta um potencial de violência que pode ser liberado quando o indivíduo se expressar por meio da derrisão e assim do humor, lugar que é considerado socialmente aceito (MERCIER, 2001).

5.



figura 35 (00:14 – 01:33)

E2: “Um país que constrói um monumento daquela magnitude tem tudo para ser mais desenvolvido do que é realmente”. (Na Índia, referindo-se ao Taj Mahal, em 29 de janeiro de 2004).

Neste recorte, temos a inserção de uma imagem que supomos que Lula esteja na rampa do Palácio do Planalto, pois conseguimos visualizar, como pano de fundo, as fardas da guarda do Palácio. Ao fazermos a leitura logo notamos a analogia equivocada feita pelo presidente, analogia essa que desestabiliza uma lógica e assim pode promover o humor. O fato de a Índia ter construído o Taj Mahal, uma das Novas Sete Maravilhas do Mundo Moderno³³, não justifica que ela tenha que ser obrigatoriamente mais desenvolvida do que é. Em virtude dessa afirmação e de outras ao longo da vídeomontagem, há a construção de argumentos que embasam a “burrice presidencial”, pois como pode um presidente fazer essa tipo de associação tão simplista? Poderíamos pensar que o nosso país também construiu o Cristo Redentor no Rio de Janeiro, também uma das Novas Sete Maravilhas do Mundo

³³ http://pt.wikipedia.org/wiki/Taj_Mahal

Moderno³⁴, mas isso não significa que eles sejam o símbolo do desenvolvimento ou que por isso nossos governantes tenham se preocupado em melhorar o país em todos os âmbitos para torná-lo desenvolvido. O que completa o sentido exposto aqui é a música que nesse momento tem uma configuração diferente das outras sequências porque são inseridas várias vozes que parecerem suplicar por algo, não é possível entender o que se diz, mas a súplica pode significar o povo brasileiro que roga por mudanças, o presidente ignorante e burro não toma providências.

8.



figura 36 (02:05 – 02:10)

E1: Lula Geógrafo

E2: “O continente americano e o continente árabe (sic) não podem, mais no século XXI, ficar à espera de serem descobertos”. (Falando na Síria, em 04 de abril de 2004).

Ainda em *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva*, fizemos outro recorte para justificar nossa hipótese sobre a afirmação de que Lula é burro, ignorante. Ele se refere ao povo como se fosse um continente de maneira completamente equivocada; é nesse fato, que se apóia a idéia da burrice, um presidente que não conhece o mapa geográfico. Por isso, a ironia construída no título *Lula Geógrafo* que afirmaria os conhecimentos de Lula traz um discurso que mostra o contrário, que ele não sabe, não conhece o mapa mundial, é ignorante. O uso do (sic) também caracteriza o discurso derrisório, pois como nos explica Alice Krieg (1999), ele é usado para salientar um equívoco quanto ao uso da norma culta da língua, ele salienta o erro ao mesmo tempo em que se distancia dele sedimentado a uma *memória discursiva* em torno de Lula: ele é ignorante, burro.

³⁴ http://pt.wikipedia.org/wiki/Cristo_Redentor

A **terceira regularidade derrisória** tem como objetivo apontar os “erros” de português cometidos por Lula em seus discursos. Mais evidente em *Lula o analfabeto*, todavia presente também em *Lula Bebum*, a não utilização da norma culta da língua está associada à burrice como vimos na regularidade acima; contudo, ela também aparece ligada a outros fatores que podem descaracterizá-lo como veremos a seguir. O produtor das vídeomontagens constrói um percurso de descaracterização por meio da língua que arriscaremos elencar ao mostrar em *Lula o analfabeto* a insistente afirmação sobre a falta do *esse* que constrói o discurso humorístico.

2. E2: “o seu Ministro da Fazenda ir todo ano a Washington pegar dinheiro para fechar as conta(s)” (00:02 – 00:07)

Soa a campanha



figura 37 (00:07)

3. E2: “mas como nós somos vítima(s)” (00:08 – 00:09)

Soa a campanha

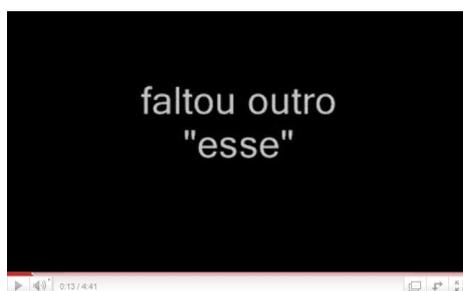


figura 38 (00:10-00:11)

6. E2: “*esses ministros cometeram erro(s)*” (00:25 – 00:26)

Soa a campanha



figura 39 (00:27-00:28)

10. E2: “*são 74 hospitais que estão sendo reformado(s) pelo governo*” (00: 51 – 00:55)

Soa a campanha



figura 40 (00:51-00:59)

15. E2: “*nós nos abrimos para a África que, antes, os defensores da atual política externa viravam as costa(s)*” (01:48 – 01:53)

Soa a campanha



figura 41 (01:48-01:56)

19. E2: “*eu duvido que tenha um político brasileiro que não conheça as história(s) da corrupção nesse país*” (02:45 – 02:49)

Soa a campainha

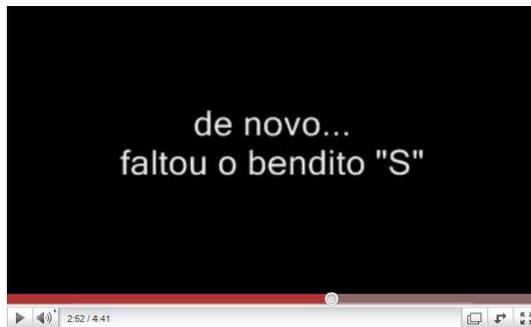


figura 42 (02:50-02:54)

23. E2: “*de todos os crimes de quadrilha(s)*” (03:13 – 03:14)

Soa a campainha



figura 43 (03:15-03:18)

27. E2: “*que tantas outras empresas foram vendida(s)*” (03:45 – 03:47)

Soa a campainha



figura 44 (03:47-03:52)

29. E2: “*e isso acontece com os grandes projeto(s) de desenvolvimento*” (04: 02 – 04:05)

Soa a campainha



figura 45 (04:06 – 04:10)

32.

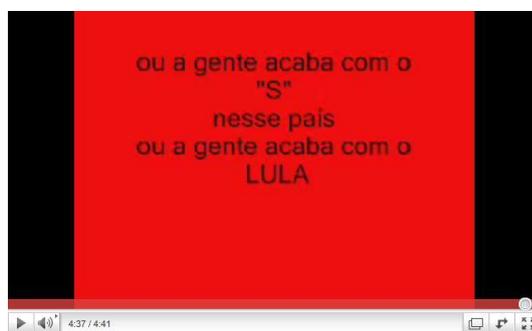


figura 46 (04:33-04:36)

Como já descrevemos, a vídeomontagem é composta por recortes de um debate da TV Bandeirantes para o segundo turno das eleições de 2006, neste debate estavam presentes os então candidatos Geraldo Alckmin e Luís Inácio Lula da Silva. Na sua exibição, E2 se utiliza da variação oral da língua – que, além de ser distinta da variação escrita, dado que a pronúncia altera alguns sons de palavras, se assemelha à linguagem informal – e produz o que parece não se tratar de um discurso previamente elaborado (como acontece no discurso político televisivo); ao contrário, o enunciado aparenta ser espontâneo, produto de uma réplica ou tréplica, quando o candidato deve defender-se de possíveis acusações do discurso adversário. Desse modo, o sujeito outro, além de recortar e editar determinados enunciados, ignora algumas variações fonéticas e evidencia outras – mais especificamente, **tende a enfatizar a elisão da letra s na formação do plural.**

Dos 33 slides, pelo menos 15 deles, faz referência a falta da letra *s* na formação do plural; dentre esses 15 fizemos o recorte de alguns para interpretarmos o percurso de sentido

construído para que a não utilização do plural esteja associada à falta de capacidade para governar. Nas sequências 2, 3 e seis, há uma espécie de contagem para chamar a atenção do sujeito-co-enunciador, especificamente na sequência três, o enunciado “mas como nós somos vítimas” não nos permite perceber se há/houve tempo para uma possível articulação da letra *s*, já que seu recorte se dá imediata e bruscamente após a pronúncia da sílaba “ma”, de “vítima”; neste momento, *soa a campainha* e materializa-se na tela, em letras brancas sobre um fundo negro, o enunciado “faltou outro ‘esse’”. O enunciado da sequência seis, “esses ministros cometeram erro”, também é bruscamente interrompido com o som da campainha e a materialização do enunciado “lá se foi outro ‘esse’”.

É possível inferir que faltando ou não a letra *s*, ela será enfocada para o objetivo pretendido, para isso o sujeito-enunciador direciona o sujeito-co-enunciador todas as vezes em que supostamente há a falta do plural; dito de outro modo, a indução da interpretação derrisória impede a aceitação da *validade* de um enunciado que segue a norma culta da língua, visto que, neste caso, o sujeito e o predicado plural podem ser acompanhados de objeto em singular – é possível interpretar também na mesma sequência a de que os ministros tenham cometido um único erro, em conjunto. Ademais, por haver descontextualização, não se pode reconhecer a hipótese de que entre o verbo e o objeto possa haver artigo definido ou indefinido: a contextualização permitiria reconhecer o respeito ou o desvio da norma linguística.

Semelhante processo se dá na sequência 23, “de todos os crimes de quadrilha”, em que o discurso derrisório orienta (“notaram???” faltou um ‘S’”) a condição do plural da palavra *quadrilha* para a sua aceitação na norma culta, quando a mesma permite a articulação de uma locução adjetiva que caracterize um substantivo no plural.

Nas sequências 19 e 23, a aproximação com o sujeito-co-enunciador tem como objetivo afirmar a adesão que se pretende em toda vídeomontagem de que ele deve concordar com o que está sendo dito para que o humor possa ser construído. A insistente afirmação de que faltam “esses” no discurso de E2 dá o tom humorístico dos enunciados do sujeito outro e traça um percurso de efeitos de sentido que resgata uma memória discursiva da identidade do candidato, associando-a regularidade derrisória levantada aqui: Lula é analfabeto, inculto.

Estas associações fazem funcionar a relação entre as noções de ignorância linguística e incapacidade de bem governar o país – o que culmina em uma das últimas materializações

do enunciado do sujeito outro (desta vez, após toda a edição de imagens e verbalizações de E2) que evidencia os efeitos de sentido pretendidos pelo discurso derrisório: “ou a gente acaba com o ‘S’ nesse país ou a gente acaba com o LULA”; O sujeito produtor do discurso derrisório constrói o Outro (E2) a partir de um interdiscurso que associa a falta do *s* à falta de competência. Nas palavras de Baronas (2008, p.148):

Fica evidenciado na materialidade lingüística um diálogo maximamente polêmico entre o suposto discurso do “eu” e o discurso do Outro. Ao “rasurar” o discurso primeiro corrigindo-o, o discurso segundo além de marcar a sua inscrição num espaço discursivo distinto daquele em que o discurso primeiro se inscreve, o desautoriza. A “rasura” [a correção] nesse caso tem um valor claramente metadiscursivo, isto é, o enunciador divide o seu enunciado em dois sublinhando para o destinatário por meio da “rasura” que o enunciado primeiro está errado, portanto precisa de correção. Há um uso e uma menção sutil sobre esse uso, justamente pelo fato de o enunciador não se identificar com o uso. A menção funciona como uma espécie de discordância com o uso.

Em *Lula Bebum*, há a inserção de uma charge – slide 13 da vídeomontagem – que é composta pela imagem de uma carta, entendemos que também se trata de uma descaracterização de Lula apontando-o como analfabeto. Observemos:

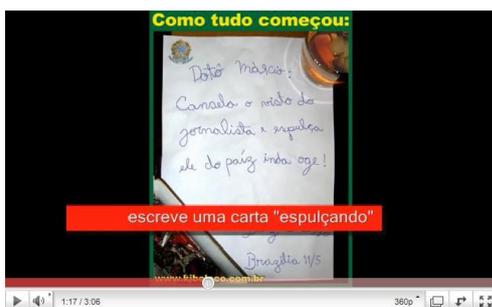


figura 47 (01:14 – 01:16)

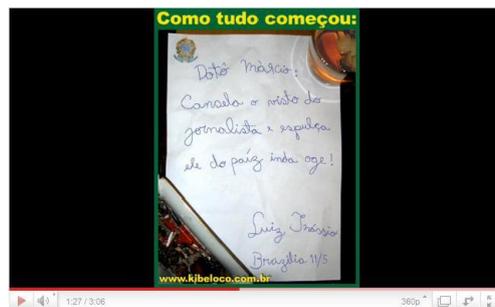


figura 48 (01:24 – 01:31)

A figura 47 apresenta sobre a charge uma tarja vermelha com a frase: *escreve uma carta “espulçando”*, a ortografia da palavra expulsando pode caracterizar o fato de se atribuir este “espulçar” com *s* e cedilha ao presidente Lula já que a palavra vem entre aspas e poder reforçar a idéia de que ele não sabe utilizar-se corretamente da língua.

A carta trazida por meio de uma charge postada no site de humor *Kibeloco*³⁵ como é possível observar no seu rodapé, tem a sua esquerda o Brasão de Armas, um dos símbolos da República Federativa do Brasil, e por isso podemos caracterizá-la como sendo um documento oficial, o texto apresenta-se com cabeçalho, corpo da carta e despedida, todavia (apesar de supostamente ser um documento oficial e “exigir” a norma culta da língua) apresenta “erros” da língua, vejamos: “Dotô Márcio: Cansela o visto do jornalista e expulça ele do paiz inda oge. Luiz Inássio Brasília 11/05”. O conteúdo da carta faz referência ao slide anterior no qual aparece o jornalista Larry Rother que acusou Lula de consumir bebida alcoólica excessivamente e, segundo a vídeomontagem, foi expulso do país pelo presidente.

A carta supostamente teria sido escrita pelo presidente já que possui o Brasão, ela seria oficial, do seu próprio gabinete; contudo, ele não sabe escrever, escreve errado e como alguém que escreve deste modo ainda cometendo uma atitude digna de um ditador – como vimos no capítulo anterior – pode governar um país? Para completar o sentido de descaracterização, o sujeito-enunciador da charge atrela o fato de Lula ser analfabeto ao de consumir bebida alcoólica demasiadamente, o presidente enquanto redigia a carta tomava uísque e fumava, suposições baseadas no imbricamento imagem mais som porque podemos visualizar no canto superior direito um copo com gelo e um líquido semelhante ao uísque; já no canto inferior esquerdo um cinzeiro cheio de pontas, bitucas, restos de cigarro e cinzas. O trecho da música é: *Tem gente que detesta o pileque, diz que é coisa de muleque, cafajeste ou coisa assim / Mas essa gente quando está com a cuca cheia...*

Portanto, é possível afirmar que a derrisão está na descaracterização do candidato por meio da utilização que ele faz da linguagem, não se trata de desfigurar suas propostas ou plano de governo, mas o escopo é associar incompetência linguística a uma incompetência política e refletir o senso comum³⁶.

³⁵ www.kibeloco.com.br

³⁶ **Falas de Lula** - Muita gente comenta as falas de Lula, pelas mais diversas razões. Os analistas cobrem todo o espectro de possibilidades. Nos extremos, estão os que o consideram um fenômeno de comunicação e os que o consideram um iletrado. Aqueles levam em conta basicamente sua capacidade de dizer convincentemente o que quer ou precisa dizer, ou seja, a eficácia de seus pronunciamentos. Estes catam pecados de concordância e de regência, sempre os mesmos, sem análise mais cuidadosa, sem considerar nem mesmo que se trata de fala, não de escrita (certamente, acrescentariam, se isso lhes ocorresse, que, no caso dele, a escrita nem está em questão...) e gafes ou erros (de história, por exemplo). Agora, os interessados têm à disposição um documento importante. Sabe-se que todos os discursos de Lula são rapidamente transcritos e postos na Internet. Mas o jornalista Ali Kamel fez dessas falas um interessante estudo. Com auxílio de outros profissionais (pelo menos um linguista,

A **quarta regularidade derrisória** levantada diz respeito à postura e a moral do presidente; há afirmações de maneira implícita ou direta de que ele é desumano, prepotente, um tirano, metido e cruel. Em *Lula Bebum*, há diferentes momentos, fizemos o recorte de dois dos trechos representados pelas figuras 49, 50 e 51 abaixo.



figura 49 (01:39 -01:48)

um historiador e um analista de sistemas), organizou um dicionário (*Dicionário Lula; um presidente exposto por suas próprias palavras*, Editora Nova Fronteira). O volume contém 347 verbetes, "definidos" por falas "exemplares" de Lula. Cada verbete é seguido de sub-verbetes, que são uma espécie de definição sumária de autoria de Kamel, mas, pode-se ver, lastreada em alguma declaração de Lula, da qual é uma espécie de resumo (considerar esses materiais à luz do conceito de "destacabilidade" - cunhada por Maingueneau - se revelará, provavelmente, bem interessante). Por exemplo, o verbete BUSH começa com uma declaração de Lula sobre o então presidente americano, supostamente a mais significativa. Um sub-verbete diz "...*não deu motivos para que Lula brigasse com ele*", ilustrado pelo seguinte trecho: "*Eu estou há três anos no Governo e não consegui brigar com o Bush, que é aquela potência por que eu vou brigar com a Bolívia? Não tem sentido*". O leitor poderá verificar até que ponto o "resumo" de Kamel dá conta da fala de Lula. "Não consegui brigar com ele" é a mesma coisa que "não deu motivo para (eu) brigar com ele"? É um bom problema. Lendo a longa introdução de Kamel, de cerca de 100 páginas, que poderia ser considerada basicamente uma análise "de conteúdo", em tom marcadamente jornalístico, o que quer dizer, antes de mais nada, que é legível por muita gente além dos especialistas em discurso político ou em retórica, descobre-se que, aqui e ali, deixa de ser analista para ser militante. De fato, ele belisca o presidente sempre que pode. Mas, claramente, sua intervenção mais clara se dá nessas traduções dos sub-verbetes. Duas conclusões, de natureza completamente diversas entre si, devem ser mencionadas. Uma diz respeito ao léxico de Lula. Kamel menciona números: Lula emprega mais de dez mil palavras (em seus pronunciamentos de improviso), o que equivale ao léxico de pessoas cultas (seu léxico é bem variado, e inclui palavras consideradas por muitos como inadequadas para um presidente, até palavras cultas e mesmo raras). Outro fato é que, segundo Kamel, Lula é bastante coerente. São poucos os casos nos quais, segundo sua análise, Lula teria mudado de posição (um deles está na passagem do Fome Zero ao Bolsa Família, e talvez Kamel destaque este fato porque ele mesmo é parte do debate, já que Lula teria se referido a um artigo seu publicado em *O Globo*). Tomara que este trabalho dê início a uma tradição de estudo da retórica dos governantes (é o que diz Kamel, e eu assino). Que este trabalho deixe de ser picado, aos pedaços, ao sabor das declarações que são notícia, segundos os critérios vigentes... Sei que a Academia já fez análises semelhantes. Talvez até melhores. Mas tratou-se sempre de corpus menores (discursos de campanha, por exemplo, que têm um viés muito particular). Pior, quase nunca circularam. São dissertações e teses que, frequentemente, ficam nas bibliotecas das universidades. Nem sempre por culpa delas, é bom que se diga. A imprensa não precisa ficar à espera de que a universidade lhe mande um release... Espero mesmo que as universidades leiam este livro de Kamel. Teria sido bom se sua bibliografia fosse mais numerosa e diversificada. Mas então não se trataria deste estudo (um dicionário). Mas seriam diversas teses. O que seria injusto pedir a qualquer um. (POSSENTI, S. **Falas de Lula**. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3966652-EI8425.00-Falas+de+Lula.html> Acesso em 10 de setembro de 2009).

Lula Bebum apresenta o slide de número 15 – figura 49 – em que há a imagem de Lula na Assembléia Legislativa, pois podemos observar no fundo da imagem em um degrau acima dois homens sentados na frente de uma bancada, assim como Lula, e nela há microfones. É possível notar que se trata de uma montagem que podemos interpretar que tem por finalidade atrelar a idéia de quem está no poder “pode tudo” justificada pela tarja vermelha que carrega o seguinte enunciado: *pensas que é um Super-Homem!!* Lula se julga melhor que todos os indivíduos e sua sede pelo poder o faz sentir maior e melhor que os demais.

Essa é reafirmada nos slides finais – como exemplos, temos as figuras 50 e 51 – em que o sujeito-enunciador assevera que “o menor dos pecados de Lula é a bebida”, ele acha que é a reencarnação de Deus e “que nada existia antes de sua chegada ao poder”, afirmações que vão de encontro ao que ele sugere durante a vídeomontagem sobre a postura de Lula perante a população.

Os enunciados em vermelho e letras grandes surgem debaixo pra cima como acontece com os créditos no final dos programas de televisão e filmes, por exemplo. Podemos fazer uma inferência quando nos lembramos do filme *STAR WARS – Guerra nas Estrelas*³⁷, um filme de ficção científica que apresenta tais características no texto verbo-visual apresentado em sua introdução e que foi um sucesso de bilheteria nos cinemas do mundo.



figura 50 (02:40)



figura 51 (02:48)

Transcrevemos as acusações feitas de modo direto com o intuito de denegrir a imagem de seu alvo principal:

³⁷ http://pt.wikipedia.org/wiki/Star_Wars

Impeachment Já

Pois o menor dos pecados de Lula é a bebida...

Sua conivência com a corrupção, improbidade administrativa, falta de decoro e ética.

Tudo isso somado ao fato de que ele acha estar salvando o país, tão somente lastreado na sua imagem, *como se ele fosse a reencarnação de Deus*.

Pois *nada existia antes de sua chegada ao poder...*

Francamente... *CHEGA DE LULA Impeachment Já* (grifos nossos).

Em *Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula*, há na penúltima sequência de modo implícito, mas que na junção dos vídeos, imagem mais materialidade discursiva, o discurso do sujeito-enunciador, notamos a busca pela constatação da prepotência de Lula.

5.



figura 52 (01:50 – 01:51)



figura 53 (01:52 – 02:17)

E2: “Todos vocês conhecem a minha história, ainda criança conheci o flagelo da fome e da seca, cruzei léguas e léguas de terra em cima de um pau de arara como faziam e fazem ainda muitos nordestinos expulsos da sua terra pela falta de água, pela pobreza, pela injustiça social e pela falta de oportunidades”.

Lula profere essas palavras do alto de um palanque e ladeado por outros políticos, é possível pensar que ele esteja discursando numa espécie de comício e, relembra suas origens.

6.



figura 54 (02:18 – 02:19)

Logo após, aparece um pequeno trecho de outro vídeo, mas nele foram inseridas legendas que, em alguns momentos, não reproduzem fielmente o que Lula diz. Neste trecho, Lula está sendo filmado de perfil, ele fala olhando pra sua frente, usa terno e gravata e parece estar em frente a um púlpito.



figura 55 (02:20 – 02:27)

E2: “Estes caras aí andam atrás de mim o dia inteiro, batem foto o dia inteiro e ainda querem foto aqui! PORRA!”

Este trecho da vídeomontagem une dois momentos diferentes de Lula; contudo, ele se contradiz porque se mostra próximo das pessoas, um presidente do povo e logo em seguida em outro momento, age de modo grosseiro e impetuoso. A proximidade criada em seus discursos que o coloca como igual a maioria dos brasileiros e desmascarada neste momento nos bastidores em que ele age com prepotência.

Em *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva*, assim como nas vídeomontagens anteriores, há a inserção de trechos caracterizados pelo *estilo* irônico das vídeomontagens que constroem a idéia de que Lula é prepotente, maldoso, cruel. Vejamos o primeiro recorte – sequência dois da vídeomontagem – já trazido em outros momentos de nossa dissertação:

2.

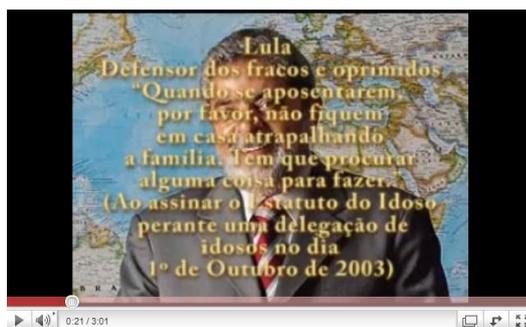


figura 56

E1: Lula Defensor dos fracos e oprimidos:

E2: “Quando se aposentarem, por favor, não fiquem em casa atrapalhando a família. Tem que procurar alguma coisa para fazer.” (Ao assinar o estatuto do idoso perante uma delegação de idosos no dia 1º de Outubro de 2003) (00:12 -00: 23).

Para edificar o sentido que se pretende, o sujeito-enunciador insere nesta sequência música de terror já pormenorizada, mas aqui notamos risadas masculinas que expressam maldade (00:15 – 00:23) as quais são retiradas juntamente com os enunciados após doze segundos de exposição. Entendemos que essas risadas possam ser atribuídas ao próprio Lula que aponta os idosos como algo que atrapalhe a família, os aposentados não servem mais para trabalhar e deveriam procurar algo para fazer e assim não causar problemas para seus familiares. Contraditória é a colocação, pois sabemos que atualmente no Brasil muitos idosos são chefes de família e contribuem para a renda familiar, representam a construção da história do país de seus direitos assim como seu bem-estar devem ser prioridade já que estima-se que até 2025 o Brasil seja o sexto país do mundo com o maior número de idosos³⁸.

³⁸ <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/exposicoes/idoso/idosob.html>

4.



figura 57 (00:58 – 01:11)

E1: Lula Oportuno

E2: “Há muitos males que vem para bem”. (Ao agradecer ao presidente da Rússia pelo apoio que seu país estava dando as investigações do acidente de Alcântara, quando morreram 19 técnicos).

O acidente em Alcântara aconteceu em agosto de 2003, uma enorme explosão destruiu o foguete brasileiro VLS-1 V03 em sua plataforma de lançamento no Centro de Lançamento de Alcântara durante os preparativos para o lançamento. Investigações posteriores concluíram que a explosão, que consumiu as cerca de 40 toneladas de combustível sólido do foguete, foi causada pela ignição prematura de um dos motores do foguete, deflagrada por uma centelha elétrica³⁹. Ao agradecer o presidente da Rússia pelo apoio nas investigações, Lula pensou na oportunidade que teria o Brasil em avançar tecnologicamente⁴⁰, o que poderiam progredir a base de Alcântara e seu valor perante os país e interessados em realizar lançamentos de lá também cresceria. Deste modo, podemos interpretar que o presidente não dá a devida importância à vida das vítimas do acidente diante da colocação feita. Esta afirmação inserida na vídeomontagem juntamente com gritos estridentes (01:01 – 01:05) que são colocados por alguns segundos tem como objetivo mostrar determinada crueldade do presidente ao discursar.

Há em *Novas Pérolas de Lula da Silva* uma espécie de apogeu da violência verbal de modo irônico já que ao intitular a maioria dos slides como em *Lula Defensor dos Fracos e Oprimidos* e *Lula Oportuno* o sujeito-enunciador cria uma expectativa em torno das ideias de que ele realmente defenda os oprimidos e que aproveite as oportunidades para o desenvolvimento do país, contudo, fazendo surgir de modo engenhoso a quebra do raciocínio

³⁹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Acidente_de_Alc%C3%A2ntara

⁴⁰ <http://noticias.terra.com.br/ciencia/noticias/0,,OI148556-EI301,00.html>

linear obrigatoriamente compartilhado com o sujeito-enunciador, o produtor das vídeomontagens insere um discurso de Lula contrário as suas colocações criando a ideia de que Lula não defende os oprimidos e de que é desumano. A *organização discursivo-textual* determinou a construção do processo irônico que levaram em conta valores pessoais e sociais partilhados (BRAIT, 1996) com o objetivo de denegrir a imagem de Lula por meio de características desvalorizantes implícitas de maneira mais ácida.

A **quinta regularidade derrisória** pesquisada nos mostra o mais frequente dos adjetivos de desqualificação encontrados nas quatro vídeomontagens, a afirmação de que Lula é desonesto e, por isso corrupto, mentiroso, trapaceiro.

29.



figura 58

E2: “*e isso acontece com os grandes projeto(s) de desenvolvimento*” (04: 02 – 04:05)

Soa a campanha



figura 59 (04:06-04:10)

Em *Lula o analfabeto*, ao se referir aos grandes projetos citados por Lula como algo que só acontece no “papel” o sujeito-enunciador pretende afirmar que Lula não cumpre com o que promete, que seu discurso não é coerente com as atitudes, ele promete, mas não faz. O enunciado reforça a idéia de que ele é mentiroso e, por isso desonesto.



figura 60 (02:21)

Impeachment Já

Pois o menor dos pecados de Lula é a bebida...

Sua conivência com a *corrupção, improbidade administrativa, falta de decoro e ética*.

Tudo isso somado ao fato de que ele acha estar salvando o país, tão somente lastreado na sua imagem, como se ele fosse a reencarnação de Deus.

Pois nada existia antes de sua chegada ao poder...

Francamente... *CHEGA DE LULA Impeachment Já* (grifos nossos).

A figura 60 acima foi retirada da vídeomontagem *Lula Bebum* e também tem como objetivo afirmar que Lula é desonesto. A primeira já foi descrita de modo mais detalhado em capítulos anteriores, retomamos apenas o que aqui atestaria nossa hipótese ao grifarmos o trecho: “corrupção, improbidade administrativa, falta de decoro e ética” que juntamente com as do trecho em que está inserido afirma que Lula é desonesto, corrupto e mentiroso de maneira direta.

Tanto no recorte acima quanto neste feito abaixo, como em regularidades anteriores, há um exemplo claro de derrisão *agressividade* em que é possível ser hostil em relação ao Lula, mostrar a indignação do indivíduo de forma severa e contundente sem que sofra penalidades em relação a isso; nos outros slides também é possível observar essa *agressividade*, mas as ideias desagradáveis inseridas de forma direta mostram que não se teme represálias ou reações violentas (MERCIER, 2001).

8.



figura 61 (02:43 – 02:45)

Na vídeomontagem, *Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula*, o sujeito-enunciador é direto e objetivo no último slide inserido, nele vemos o símbolo de proibido em vermelho, como em *Proibido Fumar!*; entretanto, no lugar do cigarro temos uma mão em vermelho faltando o dedo mínimo. É sabido que Lula perdeu o dedo mindinho da mão esquerda⁴¹ em uma prensa; em virtude disso, a mão no slide o representaria o próprio Lula e significaria “Proibido Lula!”. Notamos também o enunciado: “Fora Corrupto!” com as letras *P* e *T* em vermelho caracterizando que está se referindo ao Partido dos Trabalhadores possibilitando a criação de uma analogia entre a corrupção e o partido.

Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva em seu último slide apresenta uma charge retirada do site de humor KibeLoco⁴² já que na parte superior da montagem, em letras pequenas e centralizado podemos ler: “Kibe Loco apresenta:”; no rodapé e centralizado está o endereço do site Kibeloco –www.kibeloco.com.br como podemos visualizar na figura 62:



figura 62 (02:53 – 02:59)

⁴¹ <http://www.youtube.com/watch#!v=861uqD3Mz4A&feature=related>

⁴² <http://kibeloco.com.br/kibeloco/>

Observamos que acontece uma reunião de alguns políticos, entre eles (da esquerda para direita): Roberto Jefferson, José Dirceu, Lula, Antônio Palocci e supomos ser o então ministro Aldo Rebelo. No topo da imagem, temos o enunciado: “ONDE FOI QUE EU ERREI?” entendemos que possa se tratar de uma fala atribuída a Roberto Jefferson.

Logo abaixo, no canto superior esquerdo: “BRASÍLIA, AGOSTO DE 2003”; há também um balão das historinhas em quadrinhos que representa a fala de determinado personagem, no caso, é como se Roberto Jefferson estivesse dizendo: “SE EU SEI GUARDAR SEGREDO? MAS É CLARO, PÔ? Fala inserida pelos humoristas do site que ironizam o fato de ter sido Roberto Jefferson quem denunciou o esquema de corrupção denominado “mensalão”⁴³ em que ele faz acusações contra deputados entre eles José Dirceu a sua esquerda na foto, estariam envolvidos também o então ministro da Fazenda Antônio Palocci e o presidente Lula seria conivente com o esquema mantido entre os políticos de compra de votos mediante o pagamento de mensalidades⁴⁴.

Dito de outro modo, o “mensalão” é o nome do principal escândalo que atingiu o governo Lula e consistia em um esquema de pagamento de propina a parlamentares para que votassem a favor de projetos do governo. Roberto Jefferson deveria ter guardado o segredo da distribuição da propina, mas ele tornou-se o delator do esquema que oficialmente envolveu 19 deputados. O presidente saberia do plano; todavia, na época ele esquivou-se de qualquer envolvimento e evitou falar sobre o tema com a imprensa. Muitos jornais e meios de comunicação⁴⁵ registraram este ano o fato de Lula ter admitido ter sido avisado sobre o esquema⁴⁶. Podemos inferir que o presidente teria mentido que não participava do esquema, contudo, ele fazia parte do grupo de corruptos dentro do esquema montado. O slide promove o surgimento do sentido de que Lula é corrupto e mentiroso.

Diríamos que para denegrir a imagem de Lula o escopo primordial das vídeomontagens é mostrá-lo como um político corrupto. Pudemos observar que essas acusações encontram-se no final de três vídeomontagens; eles encerram o apontando como corrupto ao levantarem qualificações que produzem um deslizamento do objetivo declarado

⁴³ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/eleicoes/acusados-mensalao.shtml>

⁴⁴ http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo_do_mensal%C3%A3o

⁴⁵ <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/182/2010/04/13/politica,i=185682/LULA+CONFIRMA+AVISO+SOBRE+O+MENSALAO.shtml>

⁴⁶ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u706366.shtml>

no título que irá desqualificá-lo para o sentido construído dentro de uma memória discursiva de que “todo político é corrupto” e no governo Lula há inúmeros escândalos de corrupção; deste modo, há um deslocamento de sentido do campo do discurso político para o discurso humorístico para que se possa (re)significar as atitudes, postura e discurso para o eixo da referenciação negativa de sentidos já cristalizados nas práticas discursivas.

Em suma, quando retratamos o político derrisoriamente estamos invertendo uma ordem de poder pré-estabelecida. O presidente da república seria aquele que possui a autoridade de maior destaque e, no imaginário social, de maior poder também. Todavia, quando o presidente é traduzido derrisoriamente, o internauta e o produtor das vídeomontagens comungam de uma posição de superioridade em relação ao presidente.

Além disso, Lula diferentemente de outros políticos, adota um comportamento e um discurso que favorece a construção de um discurso derrisório porque ele não observa seus próprios atos, é como se ele não utilizasse uma filtragem do chamado “bom senso” ou o que espera o senso comum de um presidente. Deste modo, é possível instalar a contestação e instaurar a derrisão, pois quem é vítima da derrisão geralmente ‘cometeu’ algum ato que é considerado falho diante da sociedade; o sentido que se pretende construir é sempre por intermédio de implícitos disponibilizados pela surpresa que proporciona a construção do humor.

Considerações Finais

*“Ouça-me este conselho:
em política, não se perdoa
nem se esquece nada”
Machado de Assis*

Ao longo dos capítulos anteriores, procuramos inicialmente fazer um estudo sobre o desenvolvimento teórico e metodológico da análise do discurso com seus importantes subsídios que também serviram de embasamento para o desenvolvimento deste trabalho. Em seguida, houve uma descrição sintética do material de análise assim como do *lugar social* onde nosso material de análise é partilhado.

O percurso analítico realizado neste trabalho que contemplou os recursos utilizados para a construção de um discurso humorístico derrisório que focaliza o discurso político do ex-presidente Lula nos permitiu observar a busca por uma desconstrução e uma contestação política única, pois o gênero discurso permite a expressão de uma sucessão de (des)qualificações expressas em cadeia conjuntamente com a produção de um discurso que funciona com base em uma estratégia que aqui reconhecemos como derrisória para produzir efeitos de sentido de sobredominância na construção de uma relação dialógica com o espectador.

Os primeiros passos dados para a realização da análise discursiva deste trabalho eram balizados por uma questão de pesquisa mais ampla: como o *YouTube* passa de um simples lugar para abrigar vídeos de diversas espécies para um ambiente de debate sócio-político? Após a construção e o desenvolvimento do trabalho, notamos que o levantamento dos elementos relativos ao gênero tornaram enriquecedores o estudo para entendermos como ele contribui para a construção de sentido, possibilitando entender e responder algumas de nossas questões de análise. Um delas é porque as vídeomontagens podem ser consideradas um gênero do discurso? Entendemos que elas assim pode ser caracterizadas, pois todas apresentam os elementos conexos de um gênero discursivo: *o estilo, a estrutura composicional e o conteúdo temático*, ainda que um gênero relativamente estável e que

pressupõe regularidades constitutivas, foi possível diferenciar as vídeomontagens de outras produções discursivas (BAKHTIN, 2003).

Algumas constatações foram as de que, para que o humor se realize, é preciso que o sujeito *outro* recorte e descontextualize o discurso de Lula, depois, faça a inserção daqueles que ele produziu ao final de cada recorte, que, por conseguinte, possam induzir à interpretação cômica e produzam o riso no receptor dos discursos. Por isso, cada slide que aparece após a fala de Lula representa uma suposta voz da democracia, de uma parcela ou não da população que pode expressar e compartilhar ideias juntamente com o produtor das vídeomontagens. Assim, temos uma relação em cadeia, a idéia do sujeito e o sentido determinam o gênero do discurso, e este determina a maneira como se dará essa relação. Todavia, isso não acontece em sequência, pois estabelece uma relação de dependência que faz eclodir tudo simultaneamente. Maingueneau (2007) afirma que se deve conceder um papel central à noção de gênero do discurso que impede que qualquer exterioridade possa inferir no entendimento daquele discurso; por isso, nos foi tão importante este estudo, vejamos as palavras do teórico:

O interesse que governa a análise do discurso seria o de apreender o discurso como intricação de um texto e de um lugar social, o que significa dizer que seu objeto não é nem a organização textual, nem a situação de comunicação, mas aquilo que as une por intermédio de um dispositivo de enunciação específico. Esse dispositivo pertence simultaneamente ao verbal e ao institucional: pensar os lugares independentemente das palavras que eles autorizam, ou pensar as palavras independentemente dos lugares com os quais elas estão implicadas significaria permanecer aquém das exigências que fundam a análise do discurso (2007, p.19).

A dimensão de um gênero do discurso como as vídeomontagens estabelece certa coerência com o que se diz e o que é possível dizer no interior desse espaço enunciativo particular. Além de analisarmos as regularidades constitutivas do gênero foi possível delinear algumas “regras” (POSSENTI, 2010) que possibilitaram o aparecimento dos enunciados que as compõem, essas “regras” estariam no imbricamento imagem, materialidade linguística; consolidando a construção do discurso derrisório e permitindo que se responda outras questões analíticas como: quais são os principais elementos derrisórios mobilizados na tentativa de descaracterizar a imagem do presidente da República? As principais

regularidades derrisórias encontradas foram o Lula, ele próprio, tema de todas as vídeomontagens, a segunda é a acusação de o presidente ser corrupto e desonesto, a terceira dele ser burro, ignorante; posteriormente, de ele ser analfabeto, não saber ler e escrever corretamente e outra regularidade derrisória recai sobre sua postura, Lula seria desumano, prepotente. Por meio do gráfico exposto abaixo, é possível observar algumas conclusões sobre as principais regularidades derrisórias.



figura 63

O presidente Lula, enquanto de objeto de chacota, é a regularidade derrisória mais recorrente nas vídeomontagens, ele é o alvo da derrisão, o centro das descaracterizações; contudo, no gráfico acima podemos condensar como se apresentam as principais desqualificações ao apresentarmos sob a forma de porcentagem. O que interpretamos é que mesmo com títulos e temáticas diferentes, todas as vídeomontagens afirmam que Lula é corrupto e desonesto abarcando 25% do total de regularidades derrisórias de descaracterização política e moral; em seguida, há outras regularidades que seguem como desumano e prepotente, burro e ignorante, analfabeto, como já apresentamos mais detalhadamente no capítulo 3. Todavia, a acusação sobre o fato de Lula ser preconceituoso, ditador e alcoólatra/ bebum aparece com menos recorrência como aponta o gráfico, contudo

também são regularidades apresentadas. Deste modo, é nos permitido interpretar que o objetivo das vídeomontagens é afirmar sorratamente que Lula deve ser deposto do cargo por meio dos jogos discursivos que envolvem invenção verbal e composição.

Além disso, analisar as regularidades derrisórias nos instou a entender mais do que o fato da derrisão ter um caráter de contestação e reivindicação que se dá por meio do humor, mas que o humor não visa apenas ao riso. Na verdade ele tem uma função social de liberação da agressividade contida, como se a revolta e a indignação perante a política foi feita naquele momento; outro ponto levantado foi a tentativa de delimitação do campo do humor, da derrisão e da ironia permitindo uma visão mais clara sobre por quais espaços discursivos tais discursos transitam. Com a demarcação não rígida, mas clara destes espaços pudemos interpretar com as análises que o simples rebaixamento, uma desqualificação com humilhação não é suficiente para ser derrisória e humorística, não é apenas com um enunciado que se produz o riso (POSSENTI, 2010). É preciso que o enunciado além de retomar uma memória discursiva socialmente aceita, seja engenhoso, quebre determinada expectativa preferencialmente de uma forma indireta permitindo a apreensão de um sentido que a sociedade controla, a ironia é uma das ferramentas desse engendramento nas vídeomontagens.

Essas invenções engenhosas na construção do discurso derrisório suscitam outras investigações, pois acreditamos que o discurso derrisório constrói seus “Outros constitutivos” não apenas a partir de “restrições semânticas” que autorizam aquilo que pode e deve ser dito numa formação discursiva ou num espaço discursivo, também a partir dos elementos do gênero do discurso: *estilo, conteúdo temático e estrutura composicional* que também conduzem a maneira como o Outro será trazido para se relacionar com o Mesmo (BARONAS, 2008).

Há outras questões a serem respondidas tendo em vista que o humor reúne estratégias que conseguem dizer pelo sujeito aquilo que ele gostaria de ter dito, mas que não teve ou não pode ter “força” enunciativa para isto – como se um “outro derrisório” falasse por ele. Para dar conta de como esse “Outro” que é trazido para dialogar com o “Mesmo” seria produtivo mobilizarmos as categorias analíticas de heterogeneidade discursiva proposta por Jacqueline Authier-Revuz (1990). Essas categorias seriam levantadas tendo como finalidade atrelar os fundamentos teóricos delineados a um discurso em que a heterogeneidade constitutiva e mostrada estão presentes, todavia, cremos que o enunciador do discurso, satiricamente pode

ser levado pela formação discursiva na qual está inscrito a produzir uma heterogeneidade dissimulada. O sujeito constrói seu discurso ao tomar o discurso do “Outro” e, ao mesmo tempo, evidenciar o que deveria ser corrigido naquele discurso “Outro” que não é dele. Assim, quando se trata de um “Outro” satírico, que é trazido para o fio do discurso, acreditamos que a noção de Authier-Revuz deva ser expandida e pensada enquanto heterogeneidade dissimulada.

Todas as ideias e proposições expostas acima podem ser tratadas em trabalhos futuros, esperamos que nesta dissertação possamos ter contribuído para as reflexões da linguagem no campo da AD, no que diz respeito aos novos materiais de análise que proporcionam o surgimento de outros discursos, em que devemos entender o discurso de humor como tendo um papel social importante na construção do pensamento político de um povo. Mais do que provocar o riso no interlocutor e, portanto contar com sua adesão num determinado ponto de vista, o discurso derrisório político (re)constrói a história da política de uma nação, produzindo “histórias tão verdadeiras que às vezes parecem que são inventadas” (BARROS, M. 1997).

Referências

ABRIL, Neyla Graciela Pardo. *El discurso multimodal em YouTube*. In: **ALED 8, Revista Lationamericana de estúdios Del Discurso**, nº 1, Servi-K C. A., Venezuela, p.77-107, 2008.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Apres. Marlene Teixeira. Revisão da trad. Leci B. Barbisan e Valdir do N. Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *Heterogeneidades enunciativas*. Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In: **Cadernos de estudos lingüísticos**, 19. Campinas: IEL, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. *Os Gêneros do Discurso*. IN: _____ **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria Hermínia Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

_____. *Rabelais e a história do riso*. IN: _____ **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Iara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987. p. 51-124.

_____. (VOLOSHINOV) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARONAS, Roberto Leiser. *Ainda sobre a noção-conceito de formação discursiva em Pêcheux e em Foucault*. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João editores, 2007.

_____. *Textualizações derrisórias do político: notas sobre um caso de heterogeneidade dissimulada*. In: BARONAS, R. L.; COX, M. I. P.; DIAS, M. F. **Estudos em Ciências da Linguagem: diálogos, fronteiras, limites**. Cáceres: Editora Unemat, 2008. p. 141-154

BARONAS, Roberto Leiser; KOSCIURESKI, Mônica Barboza Silva. *Observações sobre a textualização do “sic” no discurso político: marcas de derrisão*. In: NAVARRO, P. (org.) **Estudos do Texto e do Discurso**. São Carlos, Claraluz, 2006.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

BAUMAN, Zigmund. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. **Problemas de lingüística geral II**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2006.

BERGSON, Henri. **O Riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BONNAFOUS, Simone. *Sobre o bom uso da derrisão em J.M.Le Pen* Trad. de Maria do Rosário Gregolin e Fábio César Montanheiro. In: GREGOLIN, M.R. (org.) **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

BRAIT, Beth. **Ironia** em perspectiva polifônica. Campinas: Unicamp, 1996.

BRAIT, Beth. *Análise e teoria do discurso*. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 9-32.

_____. *O discurso sob o olhar de Bakhtin*. In: BARONAS, R. L.; GREGOLIN, M.R. (orgs.) **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos: Claraluz, 2001. p. 19-35.

BRANDAO, Helena Nagamine. *Gêneros do discurso: Unidade e Diversidade*. IN: **Polifonia N8**. Cuiabá: EdUFMT, 2004. p. 95-112.

_____. **Introdução a análise do discurso**. 6ª ed. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 1997.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Trad. Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CHARADEAU, Patrick. **Discurso Político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006a.

CHARADEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coord. Trad. Fabiana Komesu. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006b.

COULOMB-GULLY, Marlène. *Petite généalogie de la satire politique télévisuelle. L'exemple des Guignols de l'Info ET Du Bébête Show*. In: **HERMÉS – Revue. Dérision – contestation**, nº29, CNRS, Éditions, 2001.

COURTINE, Jean-Jacques. *Os deslizamentos do espetáculo político*. Trad. Roberto L. Baronas e Fábio César Montanheiro. In: GREGOLIN, M.R. (org.) **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

FEUERHAHN, Nelly. *La dérision, une violence politiquement correcte*. In: **HERMÉS – Revue. Dérision – contestation**, nº29, CNRS, Éditions, 2001.

FOUCAULT, Michel. [1970]. **A ordem do discurso**. Trad. Laura F. de A. Sampaio. 9ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GRAIBE, Carlos. *Quando não há mais segredos*. In: Revista Veja – **O Big Bang da Internet**, São Paulo, Edição 2125, ano 42, número 32, 12 de agosto de 2009, p.78-84.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Bakhtin, Foucault e Pêcheux*. In: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 33-52.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Nas Malhas da Mídia: agenciando os gêneros, produzindo sentidos*. In: BARONAS, R.L. (org.) **Identidade cultural e linguagem**. Campinas: Pontes, 2004.

KAMEL, Ali. **Dicionário Lula: um presidente exposto por suas próprias palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

KRIEG, Alice. *Vacances argumentative: l'usage de (sic) dans la presse d'extrême-droite contemporaine*. In: BONNAFOUS, S.; FIALA, P. (Dir.). *Argumentations d'extrême-droite. Les langages du politique*. **Mots**, número 58, março de 1999, p.11-34.

Lula Bebum. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=mQj_gOsGeNM Acesso em 26 de novembro de 2008.

Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=T7xQratTckA> Acesso em 26 de novembro de 2008.

Lula o analfabeto. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=oSYv6RMraLQ> Acesso em 26 de novembro de 2008.

MACHADO, Irene. *Gêneros Discursivos*. IN: BRAIT, B. (org) **Bakhtin: conceitos - chave**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2007, pp. 167-176.

MAINGUENAU, Dominique. *A Análise do Discurso e suas Fronteiras*. Trad. Décio Rocha. In: **Matraga**: revista de estudos lingüísticos e literários. Rio de Janeiro, V.12, n.20, p.13-37, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga20/arqs/matraga20a01.pdf> Acesso em 15 de maio de 2010.

_____. **As Condições de uma Análise Crítica do Discurso**. Trad. Roberto L. Baronas. 2010.

_____. **Análise de Textos de Comunicação**. Trad. Maria Cecília Perez de Souza-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Cenas da Enunciação**. Trad. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar, 2006a.

_____. **Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006b.

_____. **Elementos de Lingüística para o Texto Literário**. Trad. Maria Augusta Bastos de Mattos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Gênese dos Discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Ed. da UNICAMP, 1997.

MALDIDIÉ, Denise. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARTHE, Marcelo. *A nova era da televisão*. In: Revista Veja – **YouTube**, a revolução da TV pelo computador, São Paulo, Edição 1973, ano 42, número 39, 13 de setembro de 2006, p.89-97.

MERCIER, Arnaud. *Pouvoirs de la dérision, dérision des pouvoirs*. (Introduction) In: **HERMÉS – Revue. Dérision – contestation**, nº29, CNRS, Éditions, 2001.

_____. *Quand le bouffon franchit le Rubicon: la candidature Coluche à la présidentielle de 1981*. In: **HERMÉS – Revue. Dérision – contestation**, nº29, CNRS, Éditions, 2001.

Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=HHGnJZJEZfU> Acesso em 26 de novembro de 2008.

NOUVEAU PETIT ROBERT: dictionnaire analogique ET alphabétique de la langue française. Bruxelles: Bureau Van Dijk, 2001. CD-ROM

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso – estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

_____. *O papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. In.: ACHARD, P et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007.

_____. “Análise do discurso: três épocas (1983).” In: GADET, F & HART, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani [et al.]. Campinas, Ed. da Unicamp, 1990.

_____. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. 3ª edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Falas de Lula.** Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3966652-EI8425,00-Falas+de+Lula.html>
Acesso em 10 de setembro de 2009.

_____. **Humor, língua e discurso.** São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Os humores da língua:** análise lingüística de piadas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

_____. *Explicar Piadas, Freud Explica (matar a cobra e mostrar o pau).* In: **Polifonia**, Vol. 12, nº1, EdUFMT, 2006.

_____. **Questões para analistas do discurso.** São Paulo, SP: Parábola, 2009.

_____. *Um dispositivo Teórico- Metodológico.* In: POSSENTI, S.; BARONAS, R. L.(org.) **Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso no Brasil.** São Carlos, Pedro e João editores, 2008.

RYDLEWSKI, Carlos. *Computação sem fronteiras.* In: Revista Veja – **O Big Bang da Internet**, São Paulo, Edição 2125, ano 42, número 32, 12 de agosto de 2009, p.62-72.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Língua Geral.** Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

TEIXEIRA, Jerônimo; MACEDO, Daniela. *Nós falamos mal mas você pode fazer melhor.* In: Revista Veja – **Falar e escrever bem: rumo à vitória**, São Paulo, Edição 2177, ano 43, número 32, 11 de agosto de 2010, p.94-101.

Sites Consultados

www.youtube.com – acessos de 20/07/2007 a 30/08/2009

www.baixaki.com.br – acesso em 03/03/2008

<http://www.estadao.com.br/arquivo/nacional/2004/not20040613p36616.htm> - acesso em 10/03/2008

<http://www.nytimes.com/2004/05/09/international/americas/09lula.html?pagewanted=1> - acesso em 10/03/2008

http://www.imprensa.planalto.gov.br/exec/inf_fotografiagrande.cfm?foto=14062004P00003V - acesso em 10/03/2008

<http://www.estadao.com.br/arquivo/nacional/2004/not20040612p36613.htm> - acesso em 10/03/2008

<http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html?nobid=1> – acesso em 10/05/2009

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Youtube> - acesso em 30/08/2009

http://pt.wikipedia.org/wiki/Star_Wars - acesso em 30/08/2009

<http://www.desnoticias.org/wiki/Lula> - acesso em 10/09/2009

<http://www.desnoticias.org/wiki/Lulan%C3%AAs> – acesso em 10/09/2009

<http://www.tv5.org/> - acesso em 12/12/2009

www.globalpov.com – acesso em 30/05/2010

<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT413669-1664-2,00.html> – acesso em 15/06/2010

http://pt.wikipedia.org/wiki/Taj_Mahal - acesso em 20/06/2010

http://pt.wikipedia.org/wiki/Cristo_Redentor - acesso em 20/06/2010.

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/exposicoes/idoso/idosob.html> - acesso em 20/06/2010.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Acidente_de_Alc%C3%A2ntara – 22/06/2010

<http://kibeloco.com.br/kibeloco/> - acesso em 22/06/2010

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/eleicoes/acusados-mensalao.shtml> - acesso em 22/06/2010

http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo_do_mensal%C3%A3o - acesso em 22/06/2010

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia182/2010/04/13/politica,i=185682/LULA+CONFIRMA+AVISO+SOBRE+O+MENSALAO.shtml> - acesso em 22/06/2010

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u706366.shtml> - acesso em 22/06/2010

<http://noticias.terra.com.br/ciencia/noticias/0,,OI148556-EI301,00.html> – acesso em 20/07/2010

<http://www.desnoticias.org/wiki/Humor> - acesso em 30/07/2010

<http://www.desnoticias.org/wiki/Ironia> - acesso em 30/07/2010

<http://kibeloco.com.br/kibeloco/2010/08/09/vintage/> - acesso em 18/08/2010

Índice de Figuras

figura 1	31
figura 2 e 3	45
figura 4.....	46
figura 5.....	48
figura 6	49
figura 7	49
figura 8	49
figura 9	50
figura 10	50
figura 11	51
figura 12	51
figura 13	53
figura 14 e 15	53
figura 16 e 17.....	55
figura 18 e 19	56
figura 20	58
figura 21 e 22.....	58
figura 23 e 24	60
figura 25 e 26	61
figura 27 e 28	62
figura 29 e 30	64
figura 31.....	81
figura 32.....	81
figura 33 e 34.....	82
figura 35.....	83
figura 36	84
figura 37.....	85
figura 38	85
figura 39	86
figura 40	86

figura 41	86
figura 42	87
figura 43	87
figura 44	87
figura 45	88
figura 46	88
figura 47 e 48	90
figura 49	92
figura 50 e 51	93
figura 52.....	94
figura 53.....	94
figura 54.....	95
figura 55.....	95
figura 56.....	96
figura 57.....	97
figura 58.....	98
figura 59.....	98
figura 60.....	99
figura 61	100
figura 62.....	100
figura 63.....	105